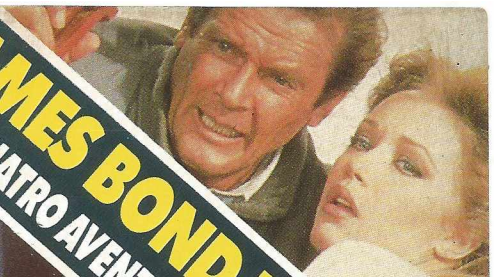
EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

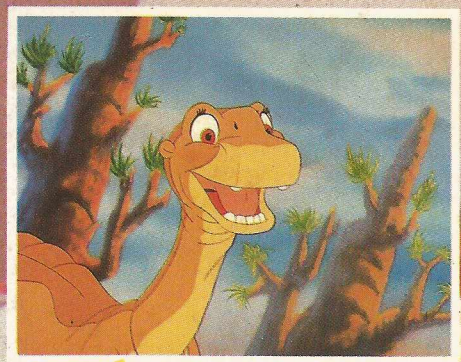
SET CINEMA



JAMES BOND NO VÍDEO
MAIS QUATRO AVENTURAS NAS LOCADORAS

5633 01 - Ed. 24 - Ano 3, N°. 6 - NCz$ 4,00

A Dama e o Vagabundo, *de Walt Disney, e o inédito* Em Busca do Vale Encantado, *de Don Bluth, fazem a festa do público infantil brasileiro enquanto o desenho animado renasce nos EUA*

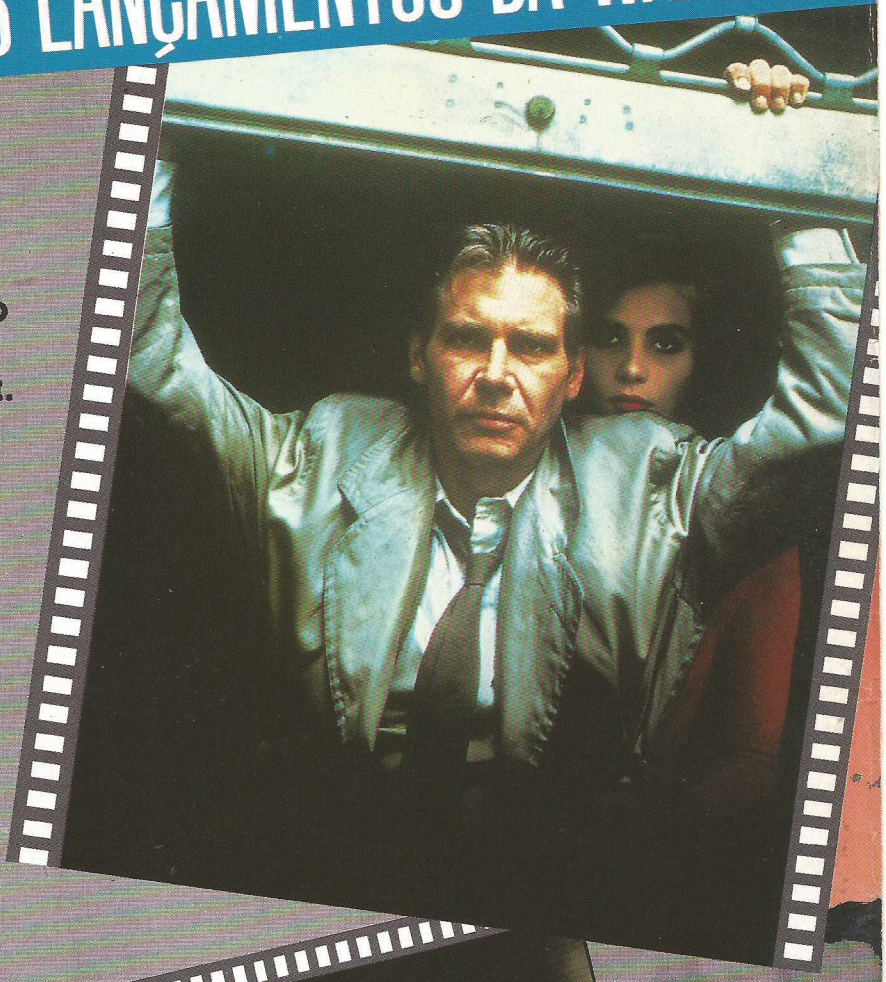


ENTREVISTAS EXCLUSIVAS
• SEAN CONNERY
• HARRISON FORD

FÉRIAS ANIMADAS

EM BREVE, OS NOVOS LANÇAMENTOS DA WARNER.

A Warner está sempre preparando novos lançamentos. E estes são os próximos, que logo estarão em sua locadora. Sete grandes filmes, fortes, vibrantes, repletos de emoção. Você não pode perder.



Nico: Acima da Lei

Nico é um policial de Chicago na pista de um grande caso de tráfico de drogas. Para punir os culpados ele é capaz de tudo. Até de criar sua própria Lei.

Sensacional estréia de Steven Seagal, mestre em artes marciais e especialista em segurança internacional. Um filme real, forte e emocionante.

Magnum 44

Clint Eastwood é o explosivo detetive "Dirty Harry", que com sua inseparável MAGNUM 44 vive uma nova aventura, seqüência da eletrizante série iniciada por "Perseguidor Implacável", "Sem Medo da Morte" e "Impacto Fulminante". Em MAGNUM 44 "Dirty Harry" lida com a pior espécie de criminosos, que começam, literalmente, a livrar a cidade de uma escória que as cortes da justiça não conseguem tocar.

Muita ação e violência com "Dirty Harry" mais implacável que nunca.

MUITA AÇÃO E AVENTURA PARA VOCÊ.

Busca Frenética

Harrison Ford, o maior astro dos filmes de ação, está de volta. Desta vez ele é o Dr. Richard Walker, famoso médico que, junto com sua esposa, visitam Paris pela segunda vez.

Na primeira, há 20 anos, eles viveram sua lua-de-mel. Agora, eles vão viver suspense e terror.

Com a excelente Emmanuelle Seigner e direção do premiadíssimo Roman Polanski.

Amanhecer Violento

Durante uma pacata manhã de verão, quando os russos decidem invadir os Estados Unidos, pode acontecer a Terceira Guerra Mundial. Mas eles não contavam com a heróica resistência de oito jovens - vividos por talentos como Patrick Swayse e Jennifer Gray, a dupla romântica de "Dirty Dancing" e Charlie Sheen de "Platoon".

A visão mais futurista da guerra. Um filme empolgante.

SORIANI MARTINEZ

Com 007 Só Se Vive Duas Vezes

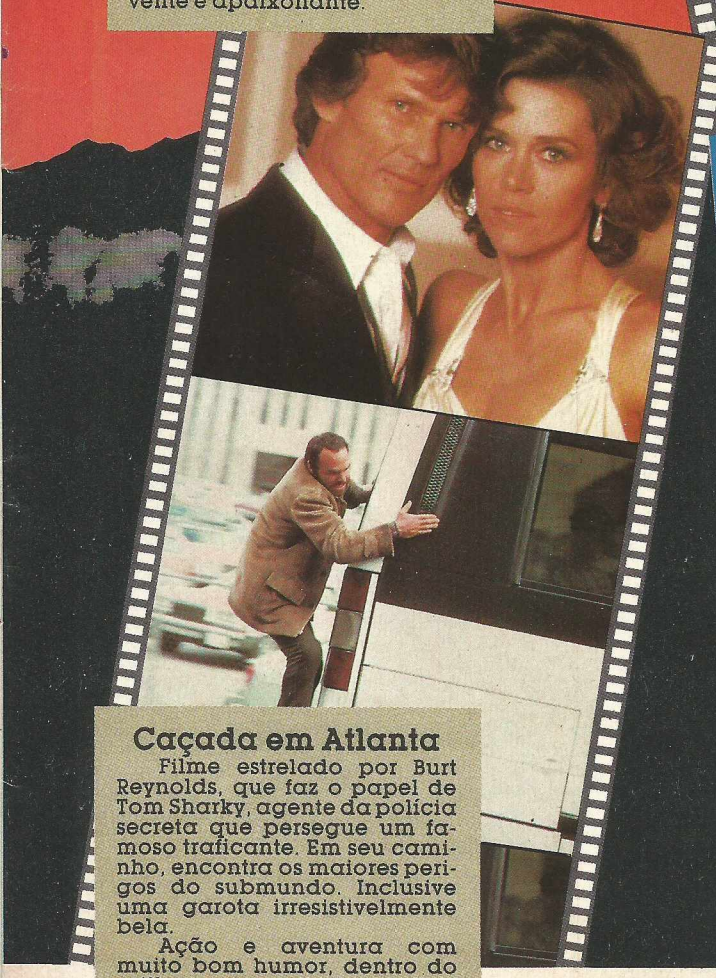
James Bond, interpretado pelo consagrado Sean Connery, luta contra a temível organização Espectro para evitar que Estados Unidos e União Soviética deflagrem a guerra.

Sucesso de público e crítica.

Amantes e Finanças

Jane Fonda e Kris Kristofferson interpretam personagens muito influentes no meio das altas finanças, uma elite que controla impérios e vidas. Um mundo onde só existe amor pelo dinheiro e o resto não passa de um jogo de interesses.

Uma história atual, envolvente e apaixonante.



SE VOCÊ QUER AÇÃO, TENHA ESTAS FITAS NA MIRA.

Caçada em Atlanta

Filme estrelado por Burt Reynolds, que faz o papel de Tom Sharky, agente da polícia secreta que persegue um famoso traficante. Em seu caminho, encontra os maiores perigos do submundo. Inclusive uma garota irresistivelmente bela.

Ação e aventura com muito bom humor, dentro do estilo sempre cativante de Burt Reynolds.

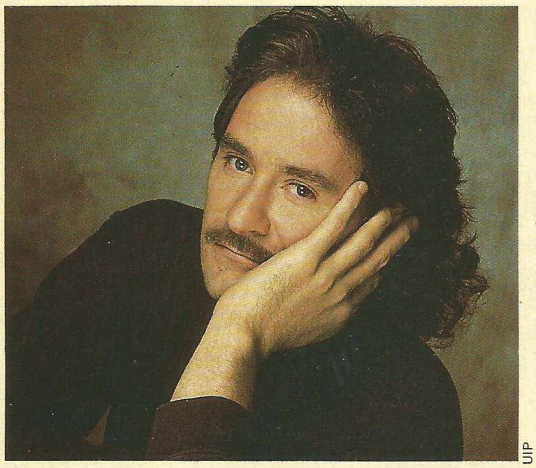
Breve em sua locadora.

WARNER HOME VIDEO

Rua Estados Unidos, 840 - CEP 01427 - São Paulo - SP
Tel. (011) 280-9522

Layout, sinopses e fotografias © 1989 Warner Home Video - Brazil
Trademark Warner Bros., Inc. Todos os direitos reservados.
A Division of Warner Bros. (South), Inc.
A Warner Communications Company

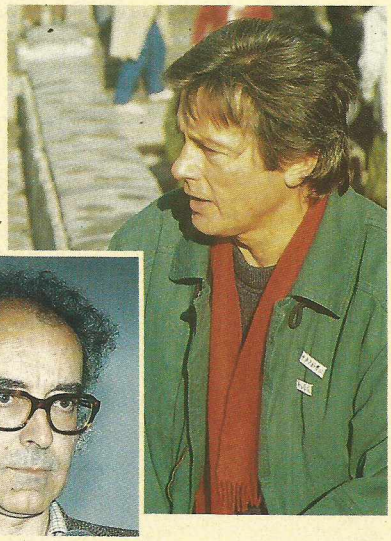
TAKES

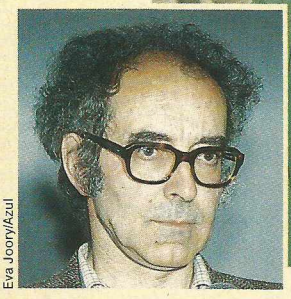


UIP

PIZZAS ARDENTES

Lawrence Kasdan, que já dirigiu **William Hurt** em *Corpos Ardentes, O Reencontro* e *O Turista Acidental,* volta a contar com o ator na comédia *Love You to Death.* No elenco, além de Hurt, o excelente **Kevin Kline**, de *Um Grito de Liberdade, Um Peixe Chamado Wanda,* (acima) e **Tracey Ullman.** O roteiro é baseado na história verdadeira de um dono de pizzaria mulherengo ameaçado de morte pela esposa.



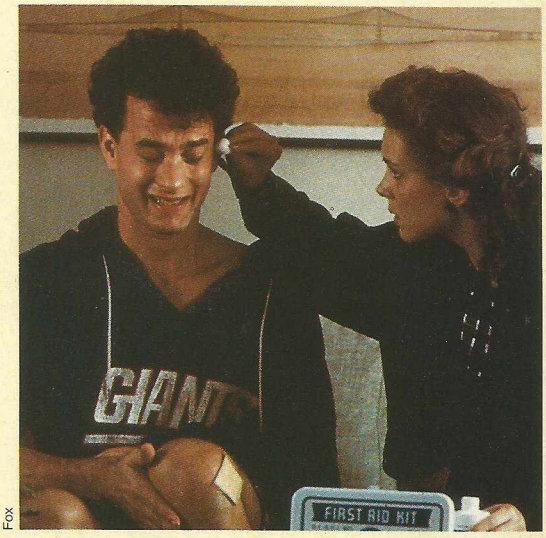


Eva Joory/Azul

Cinestar

À SOMBRA DO VULCÃO

Tom Hanks (aquele que queria ser grande, à direita) estrela *Joe Versus the Volcano,* dirigido por **John Patrick Shanley** (o oscarizado roteirista de *Feitiço da Lua)* e produzido por **Steven Spielberg.** Shanley define o filme como "uma aventura romântica com um bocado de comédia", e promete "extensas seqüências aquáticas, furacões e, obviamente, um vulcão". A estréia norte-americana está prevista para o primeiro semestre de 1990.



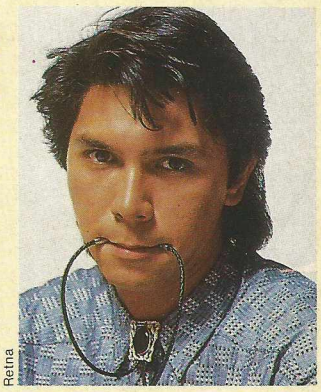
Fox

Paramount

"Sou realmente apaixonado pelo trabalho desse filho da puta."
Samuel Fuller, sobre seu colega Bertolucci

CINEMA DE ATOR

Além de **Eddie Murphy** (ver nota nestes *Takes*), dois outros atores estréiam na direção. **Bill Murray** (acima), *(Os Fantasmas Contra-Atacam)* dirige *Quick Change,* a história de um homem que acredita ter planejado o roubo perfeito. **Lou Diamond Phillips** (à direita), o protagonista de *La Bamba,* prepara *My Father's Eyes,* com roteiro de sua própria autoria.



Retna

"Sempre sonhei em fazer uma comédia musical sem... música! Onde a música estaria na câmera, onde a música seria unicamente aquela da câmera..."
Bernardo Bertolucci

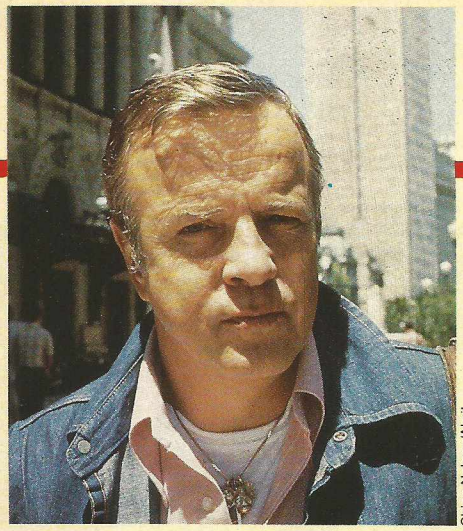
Liaison-Gamma/Sigla

LIGAÇÕES PERIGOSAS

O já não tão *enfant* e nem tão *terrible* **Jean-Luc Godard** (acima, à esquerda) vai dirigir, quem diria, **Alain Delon** (acima, à direita) em seu próximo filme, que se chamará, significativamente, *Nouvelle Vague.* O eterno galã vai desempenhar dois papéis: um vagabundo que namora uma mulher de negócios, e o irmão gêmeo dele. Previsão do ator: "Dadas as nossas personalidades (de Delon e de Godard), ou vai sair uma merda ou uma obra-prima".

O DIABO ESTÁ SOLTO

Prepare seus nervos e seu estômago. Vem aí *Exorcist: 15 Years Later,* escrito e dirigido por **William Peter Blatty,** autor do livro que deu origem ao primeiro *Exorcista.* Desta vez, **Jason Miller,** que foi o infeliz Padre Karras no filme original, é uma testemunha-chave que ajuda **George C. Scott** a investigar os homicídios cometidos por um assassino possuído, ao que tudo indica, pelo demo.



Chico Nelson/Abril

ESSERE O NON ESSERE

Franco Zeffirelli (acima) não parece disposto a deixar Shakespeare em paz. Depois de *Romeu e Julieta* (1968) e *Otelo* (1986), a vítima agora é *Hamlet*, que ele está filmando em vários lugares da Europa. No papel do pobre príncipe da Dinamarca está ninguém menos que *Mad Max* **Mel Gibson.** Há mais surpresas no mundo do cinema do que sonha nossa vã filosofia.

CORRENDO ATRÁS DO FUTURO

Mal ficou pronto *De Volta para o Futuro II* e o diretor **Robert Zemeckis** já planeja realizar o terceiro filme da série, a ser rodado ainda no final deste ano. O motivo da pressa, segundo o cineasta, é o "jorro de idéias" que ele e o coroteirista **Bob Gale** estão tendo sobre a história, e também a previsível dificuldade de reunir novamente, no futuro, o mesmo elenco do primeiro filme.

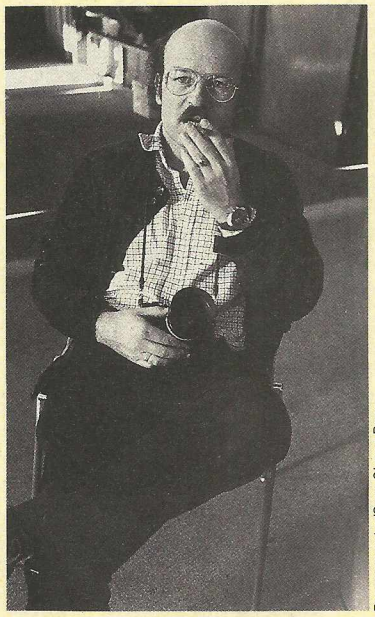
Retna

MAIS UM CASAL

Assim que acabarem as filmagens de *De Volta para o Futuro II*, o eterno adolescente **Michael J. Fox** (acima) vai contracenar com o feio talentoso **James Woods** *(Salvador, Videodrome)* na comédia *The Hard Ways*. No filme, dirigido por **John Badham** *(Jogos de Guerra, Tocaia)*, Woods será um veterano tira de Chicago que tem de mostrar a um jovem ator (Fox) como age no dia-a-dia um policial durão, para ajudá-lo a compor um personagem. Woods define seu papel como semelhante aos de Nick Nolte em *48 Horas* e Robert De Niro em *Fuga à Meia-Noite*: o sujeito sério que fica gozado em contraste com um engraçadinho.

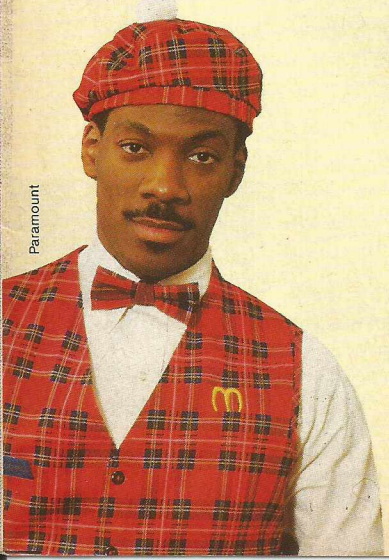
ZIRIGUIDUM NO HARLEM

O milionário **Eddie Murphy** (abaixo) vai estrear atrás das câmeras dirigindo a si próprio e a **Richard Pryor** na comédia *Harlem Nights*. A história se passa em 1938, quando a dupla dirige com sucesso um *nigth club* do Harlem, até que a Máfia, proprietária de uma casa noturna concorrente, resolve colocá-los fora do negócio, dando origem às correrias e confusões de praxe. O filme deve ser lançado nos EUA no Natal.



Presseagentur/Sven Simon Bonn

Liaison-Gamma/Sigla



Paramount

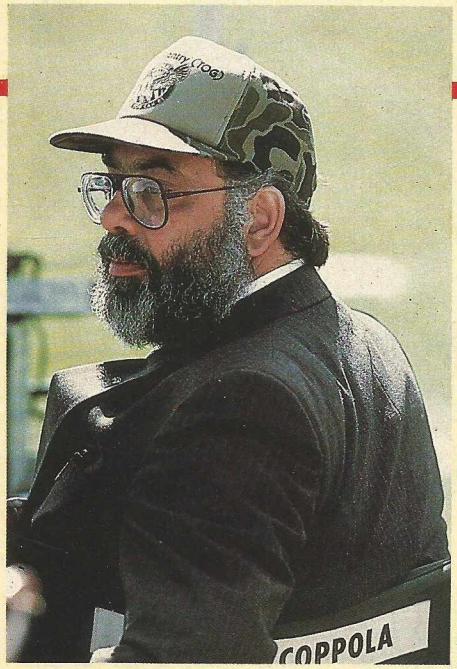
IMIGRANTE ILUSTRE

O alemão **Volker Schlöndorff**, diretor de *O Tambor* (acima), mudou-se de mala e cuia para a América. Depois de levar à TV *A Morte de um Caixeiro Viajante*, de **Arthur Miller,** com **Dustin Hoffman** como protagonista, ele agora dirige **Natasha Richardson, Faye Dunaway, Robert Duvall, Aidan Quinn** e **Mary Elizabeth Mastrantonio** em *The Handmaid's Tale*, baseado num roteiro do dramaturgo **Harold Pinter.** Trata-se de um drama de suspense ambientado num futuro em que a reprodução humana é controlada com rigor. Em seguida, Schlöndorff deve dirigir **Paul Newman** no faroeste *The Homesman*, e **John Malkovich** em *Last Call for Passenger Faber*.

HENRY MILLER ENCONTRA A NOUVELLE VAGUE

O vanguardista veterano **Claude Chabrol** realiza em Paris sua versão cinematográfica do livro *Quiet Days in Clichy*, de **Henry Miller** (acima). Os protagonistas serão **Mario Adorf** *(Delito Matteotti)* e **Isolde Barth.** Depois disso, Chabrol vai dirigir **Richard Attenborough** em *Docteur M.*

TAKES



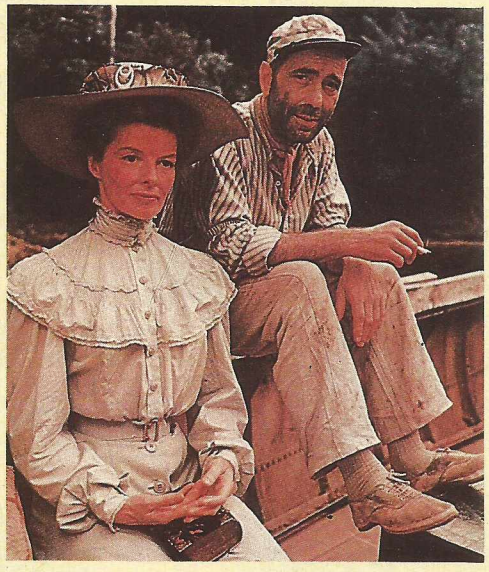
Tri-Star

O HOMEM, O SONHO

O velho **Coppola** (à esquerda) não se emenda mesmo. Agora sonha transpor para o celulóide seu próprio romance (inédito) *Secret Journal*. O filme seria rodado em Roma e teria no elenco **Marlon Brando, Robert De Niro, Al Pacino** e **Robert Duvall,** ao custo estimado de 50 milhões de dólares. Vale lembrar que *Apocalypse Now* estava orçado em 11 milhões de dólares e acabou custando, extra-oficialmente, 49 milhões, além de enfartes e colapsos nervosos. Onde é que isso tudo vai parar? Provavelmente em mais uma obra-prima.

A AVENTURA É UMA AVENTURA

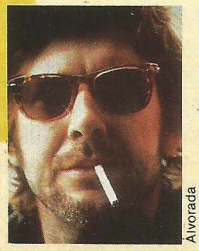
As acidentadas filmagens do clássico *Uma Aventura na África* , 1951 (à direita), são o tema do próximo filme de **Clint Eastwood.** Além de dirigir, Clint vai representar o papel de **John Huston.** o premiado **Kevin Kline** encarnará o astro **Humphrey Bogart.** O filme será baseado no romance memorialístico de **Peter Viertel,** roteirista de *Uma Aventura...* e amigo íntimo de Huston. Não foi divulgado o nome da atriz que interpretará **Katharine Hepburn,** que aliás também escreveu um saboroso livro de memórias sobre sua aventura africana. Os cinéfilos mal podem esperar.



FRANKENSTEIN RECAUCHUTADO

Roger Corman, o legendário produtor, diretor e agitador dos *horror movies* classe B, volta à direção com *Frankenstein Unbound*, quase vinte anos depois de seu último trabalho atrás das câmeras, *Von Richthofen and Brown* (1970). Além disso, Corman produz e **Larry Brand** dirige uma nova versão de *The Masque of the Red Death*, história de **Edgar Allan Poe** que o próprio Corman filmou em 1964. O tema é uma mistura de satanismo, peste negra e amor doentio na Itália do século 12. No elenco, entre inúmeros deconhecidos, **Tracy Reiner,** filha de **Carl** e irmã de **Rob.**

"Mickey Rourke une o sentido da rebelião de um Marlon Brando à grande sensibilidade interior de um Montgomery Clift."
Liliana Cavani, que acaba de dirigir Rourke em Francesco


Alvorada

AGUARDE

Meryl Streep e **Shirley MacLaine** (à direita) serão as estrelas do próximo filme de **Mike Nichols,** *Postcards from the Edge*, baseado no romance autobiográfico de **Carrie Fisher** (*Postais do Abismo*, Ed. Best Seller). A própria Carrie fez o roteiro.

Steve Martin, Tom Hulce *(Amadeus)* e **Dianne Wiest** estão no elenco de *Parenting*, a nova comédia de **Ron Horward** *(Cocoon, Willow)*.

London Features

Sipa-Press

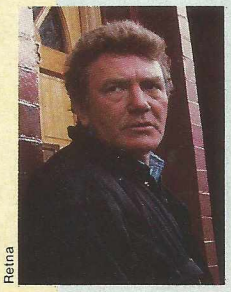
Paul Newman contracenará com sua mulher, **Joanne Woodward,** no próximo longa-metragem de **James Ivory** (o diretor de *Maurice* e *Uma janela para o Amor*).

Diane Keaton (à esquerda) envolve-se com um candidato a presidente dos EUA em *Running Mates*.

Daryl Hannah (à direita) contracena com **John Malkovich** em *Crazy People*, filme de estréia de **Mitch Markowitz,** sobre um executivo de publicidade que consegue fazer sucesso dizendo a verdade (!?).

Curtis Hanson *(Uma Janela Suspeita)* coloca **Sam Spade** na má companhia de **Rob Lowe** em *Bad Influence*.

Columbia


Retna

Albert Finney (à esquerda) será o protagonista de *Miller's Crossing*, o novo filme dos irmãos **Joel** e **Ethan Coen** *(Gosto de Sangue, Arizona Nunca Mais)*.

Sylvester Stallone e **Kurt Russell** são dois rivais que se aliam quando são perseguidos por uma gangue mafiosa em *Set Up*.

Bertrand Tavernier *(Por Volta da Meia-Noite)* começa a rodar em setembro seu novo filme, *Daddy Nostalgie*.

Roger Donaldson (à direita), diretor de *Sem Saída* , comanda **Tim Robbins** e **Robin Williams** em *Cadilac Man*, um *thriller* ambientado no mundo bizarro do comércio de automóveis.

Liaison-Gamma/Sigla

A LAGOA AZUL

numa fita comum esverdeia.

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO

numa fita importada do Paraguai fica roxa.

CASABLANCA

numa fita pirata fica nas sombras.

A PANTERA COR-DE-ROSA

numa fita de segunda fica pálida.

VELUDO AZUL

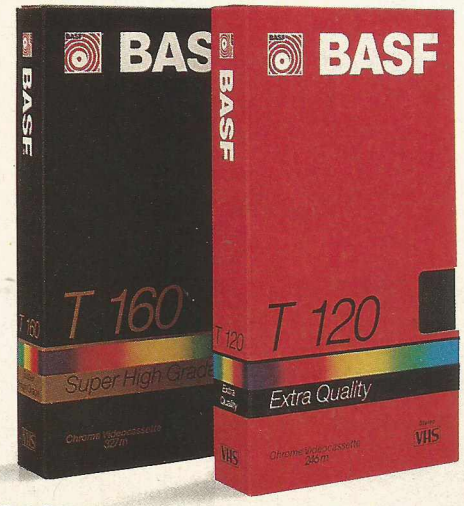
numa fita qualquer desbota.

A DAMA DE VERMELHO

numa fita baratinha fica apagadinha.

Novas fitas VideoChrome BASF. Pra você gravar as cores do cinema na TV.

Leo Burnett



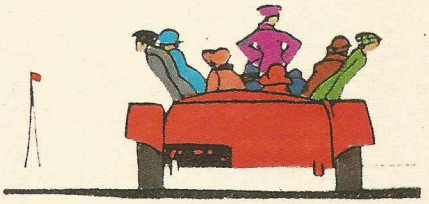
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONHEÇA O AMAZONAS

AS FANTÁSTICAS CORES DA BASF

A internacional tecnologia chrome da BASF garante imagens mais nítidas e cores superfiéis. Informe-se sobre as qualidades das fitas BASF ligando para: 258-3291 (S. Paulo, SP) ou (011) 800-8006 - Discagem Direta Gratuita.

Vá ao Japão feudal com **Toshiro Mifune** numa tocante história de amor de um vagabundo por uma aristocrata.

O HOMEM DO RIQUIXÁ
(MUHOMATSU NO ISSHO)

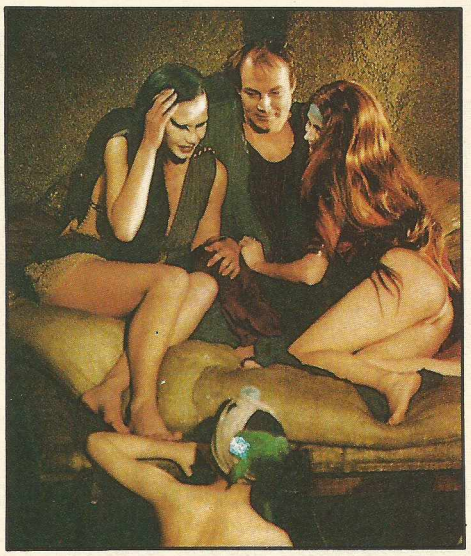


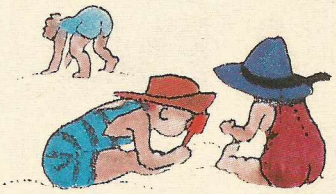
Nas mãos de um rebelde, uma arma que é um verdadeiro arsenal atômico.

EQUALIZER 2000
O DOMINADOR DO FUTURO

Uma viagem à Roma Imperial com **Klaus-Maria Brandauer**, ator de *Mephisto* e *Coronel Redl*, num clássico da Literatura Universal.

QUO VADIS?





Ele morreu em circunstâncias misteriosas e tornou-se uma lenda. Com as melhores cenas de todos os seus filmes, não deixe de ver este documentário.

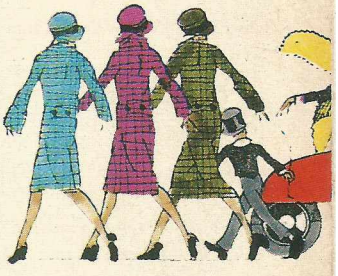
BRUCE LEE
A LENDA

NESTAS FÉRIAS
FAÇA UMA BOA VI

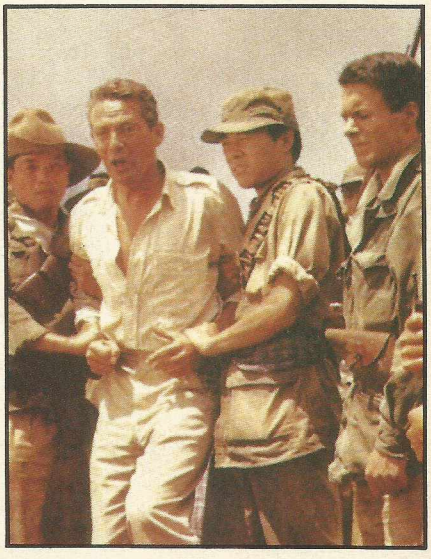
AV. SÃO JOÃO, 1588 2º SOBRELOJA SANTA CECÍLIA SÃO PAULO SP CEP 01260 TEL. (011)

Estranhos homens invadem a Terra: são ladrões do Tempo. Uma garotinha orfã tem de salvar o planeta. Um filme para todas as idades, na última atuação de **John Huston**.

MOMO
E O SENHOR DO TEMPO



CLASSIC SERIES



Peter Finch é o ator principal de um filme que viaja para terras exóticas onde ocorrem grandes conflitos sociais, e lá reencontra o amor.

Clamor de
VIOLÊNCIA
(WINDOM'S WAY)

FAROESTE

Um velho caçador enfrenta uma tribo de comanches para proteger seus amigos apaches.

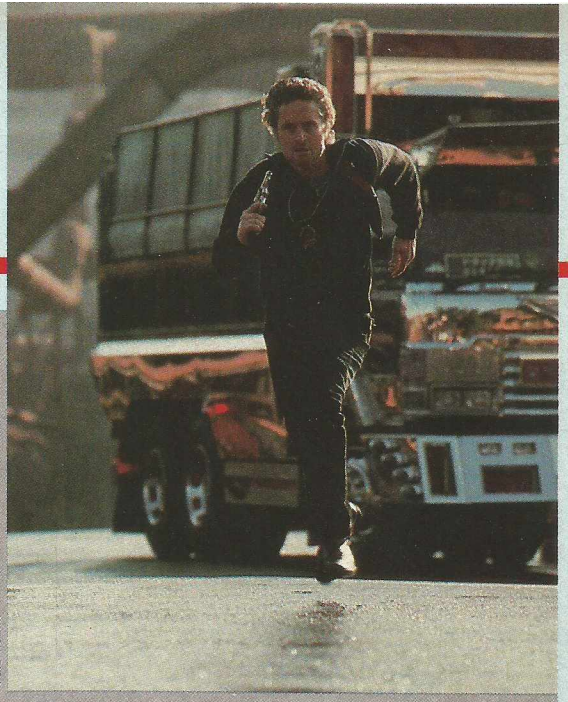
A ÚLTIMA CAÇADA
(OLD SUREHAND)

AGEM COM A F J LUCAS

220 6299

HOLLYWOOD

por Ana Maria Bahiana e José Emilio Rondeau, de Los Angeles



Paramount

ISTO É HOLLYWOOD

Quanto você daria por um piano que apareceu em *Casablanca*? Pois alguém pagou nada menos que 140 mil dólares pela relíquia em um leilão realizado recentemente nos EUA. Detalhe: nem é o piano do Rick's, em que Sam **(Dooley Wilson)** toca *As Time Goes By* — é um outro exemplar, que aparece apenas nas lembranças de Rick dos tempos de Paris. Segundo a revista americana *Première*, em leilões realizados nos últimos meses foram vendidos, entre outras coisas, nove copos usados no Rick's em *Casablanca* (por 2.750 dólares o conjunto); o chapéu da bruxa má de *O Mágico de Oz* (30 mil dólares); o colete (autografado) usado por **Robert De Niro** (abaixo) em *Os Intocáveis* (2.250 dólares); o *script* com encadernação de couro usado por **Clark Gable** nas filmagens de ... *E o Vento Levou* (70 mil dólares) e até um cheque de 15,50 dólares assinado por Gable (200 dólares).

Paramount

Paramount

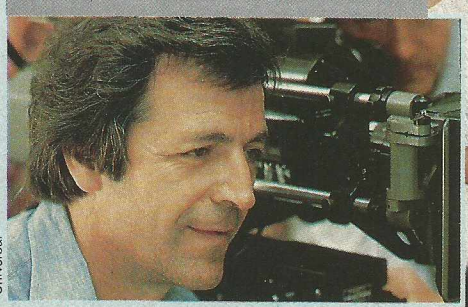
DUAS FITAS DO BARULHO

A Paramount deve ter esgotado o estoque de aspirinas na cidade de Los Angeles por causa das dores de cabeça que vem tendo com dois lançamentos recentes: *Star Trek V: The Final Frontier* (acima) e *Black Rain* (mais acima). O primeiro foi ridicularizado numa exibição-teste — mecanismo que os estúdios usam para avaliar o filme diante de uma platéia quente, real, livre de críticos e gente da indústria. A platéia caiu na risada durante as cenas de efeitos especiais. Já o problema de *Black Rain* é outro: o diretor Ridley Scott simplesmente não consegue acabar o filme, que está sendo rodado no Japão com problemas sérios de comunicação — a equipe americana não fala bulhufas de japonês e os nipônicos fazem que não entendem inglês, nem de borderô (todas as previsões de gastos já foram estouradas). O único sossego, no caso, é a garantia de que o astro principal, Michael Douglas, está mais do que disposto a dar zilhões de entrevistas para promover o filme.

NOVO GAVRAS

Chama-se *Music-Box* o novo filme de **Costa-Gavras** (abaixo). Nele, **Jessica Lange** (à direita) defende o pai, acusado de nazista e culpado por crimes de guerra.

Phil Roach



Universal

TUTTI ORIUNDI

O diretor **Francis Ford Coppola** foi tornado cidadão honorário de Bernalda, a cidade italiana de onde Agostinho Coppola, avô de Francis, imigrou para os Estados Unidos.

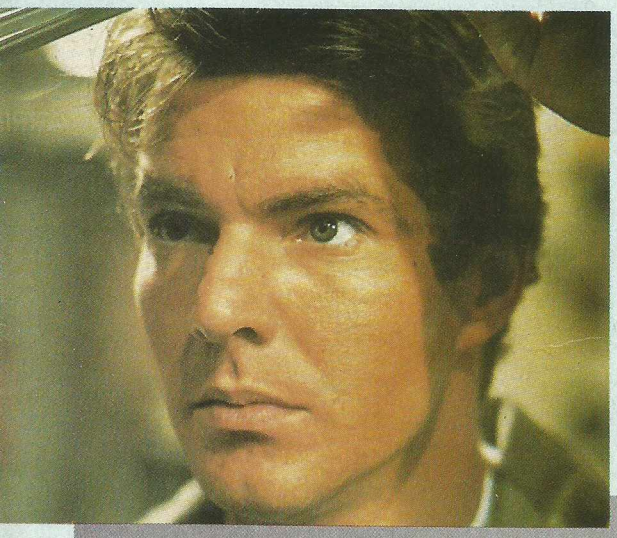
Orion

CRÔNICA MARCIANA

Será lançado somente em meados do ano que vem o novo filme de **Paul Verhoeven** (diretor de *RoboCop*), *Total Recall*, estrelando Arnold Schwarzenegger num roteiro adaptado do mesmo escritor de *Blade Runner*, Philip K. Dick. O filme se passa em Marte.

PELO TELEFONE

Aconteceu o impensável (pelo menos para o padrão norte-americano): os cinemas da cadeia Cineplex Odeon passaram a aceitar cartões de crédito. Quem quiser também pode reservar os ingressos por telefone, para evitar filas.



CAINDO NO SAMBA

Dois astros de Hollywood participam de recentes videoclips de rock. **Dennis Quaid** faz o broto paquerador do novo clip da cantora/guitarrista **Bonnie Raitt.** Já **Winona Ryder** representa Debbie Gibson (uma espécie de Xuxa norte-americana) no histriônico vídeo criado pelo maluquete Mojo Nixon para promover a música "Debbie Gibson Está Grávida com Meu Bebê de Duas Cabeças". Beetlejuice perde.

por Luiz Nazário

UMA ESTRELA SOB A NEVE

Em *Na Nova Inglaterra* (*Way Down East*, 1920), de D. W. Griffith, Lillian Gish interpreta uma jovem seduzida e abandonada que, depois de dar à luz um bebê que não sobrevive, emprega-se numa fazenda. Mas aquele mesmo que abusou de sua inocência a denuncia ao fazendeiro, que a expulsa de casa. Lá fora, uma tempestade de neve a aguarda, e ela é arrastada pela tormenta até desmaiar sobre um bloco de gelo, que está deslizando sobre o rio em direção a uma cascata...

Ao ler o roteiro, Lillian Gish se perguntava como tornaria convincente a personagem de Anna Moore. Na cena do batismo ela encontrou o tom exato. Assim Lillian Gish descreve a filmagem: "Anna está sozinha; o médico abandonou toda esperança de salvar o bebê. Ela decide batizá-lo. A criança dormia profundamente, e como não podia acordá-la, apenas murmurava: 'Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...', tocando levemente a fronte minúscula. Ouvia-se apenas o ruído da câmera em ação; depois, de repente, como que um choque surdo. O pai do bebê acabava de tombar no chão, desmaiado. D. W. chorava, agitando a mão diante do rosto para mostrar que estava impossibilitado de falar. Quando ele se refez, abraçou-me e disse simplesmente: 'Obrigado!' ".

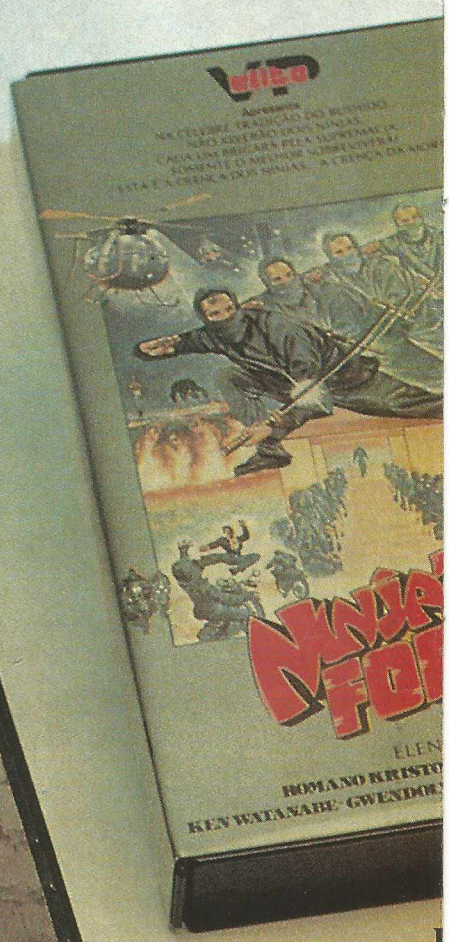
Para transmitir ao espectador toda a violência de que Anna é vítima, Griffith insistiu numa tempestade de verdade: três homens mal conseguiam manter a câmera imóvel, tal a força do vento. A certa altura, Lillian Gish desmaiou de verdade; foi transportada até o estúdio, aquecida com chá fervendo e trazida de volta à tempestade. Rodavam dia e noite, parando apenas para comer. A câmera chegou a congelar; estalactites acumuladas no rosto da estrela impediam-na de abrir os olhos, e Griffith ordenava ao câmera que se aproximasse e fixasse este rosto. Um após outro os membros da equipe apanhavam pneumonia. Para a grande cena da cascata, o rio de gelo foi dinamitado. E Lillian Gish teve a idéia — imediatamente aprovada por Griffith — de deixar a mão e os cabelos caídos na água gelada enquando era arrastada, inconsciente, sobre o bloco (ela sente até hoje esta mão doer quando exposta muito tempo ao frio...)

Lillian Gish esteve vinte vezes por dia sobre o gelo durante as três semanas de filmagem sob a tempestade. Ela conclui este episódio de suas memórias com uma frase que define o que era fazer cinema no tempo dos pioneiros: "Dar-se a este ponto pode parecer loucura hoje em dia, mas era então a coisa corrente, não se recuava diante de nenhum sacrifício suscetível de tornar o filme melhor, mais preciso, mais autêntico, de fazer uma coisa perfeita: só o filme contava."

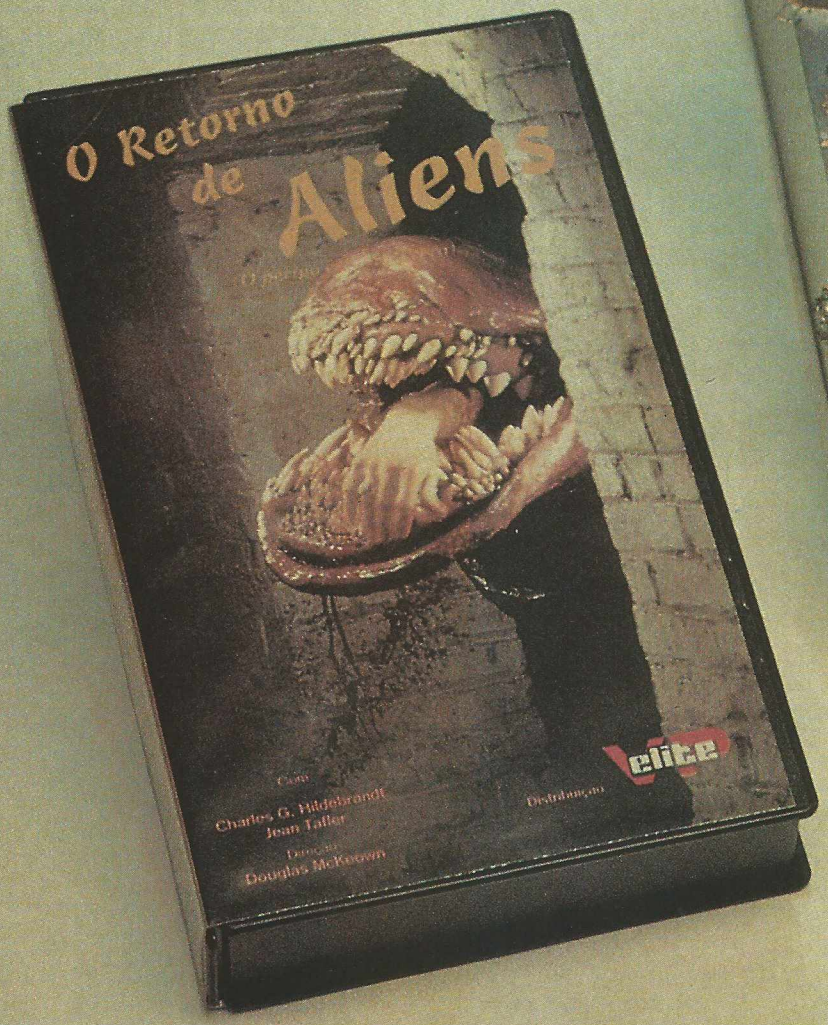
Lillian Gish, em 1928 (à esquerda), e nos braços de Richard Barthelmess, cena de* Na Nova Inglaterra *(acima)

A "Elite Vídeo" Parabeniza a
e Apresenta o S

Aventura



Ficção terror

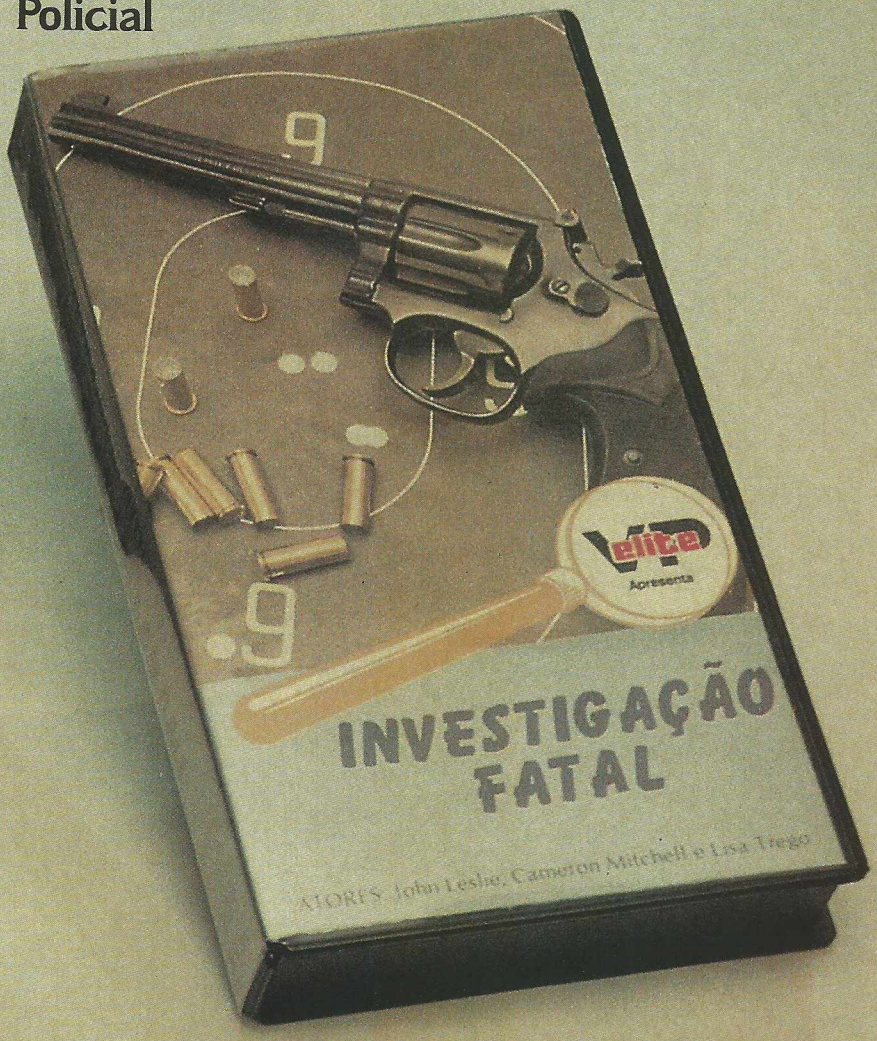


O RETORNO DE ALIENS

a "Revista Set" pelo 2º Ano
eus Lançamentos

NINJA'S FORCE

Policial



INVESTIGAÇÃO FATAL

Distribuido por:

Elite Vídeo Produções Ltda.

Alameda Barros, 407 - loja 10 - Sta. Cecília
01232 - Telefone: (011) 825-5212 - São Paulo - SP

novos lançamentos

TENHA EM SEU VIDEO MUITA AÇÃO

hábeis, malucos e corajosos, transformando as maiores provas em shows de perícia e emoção.

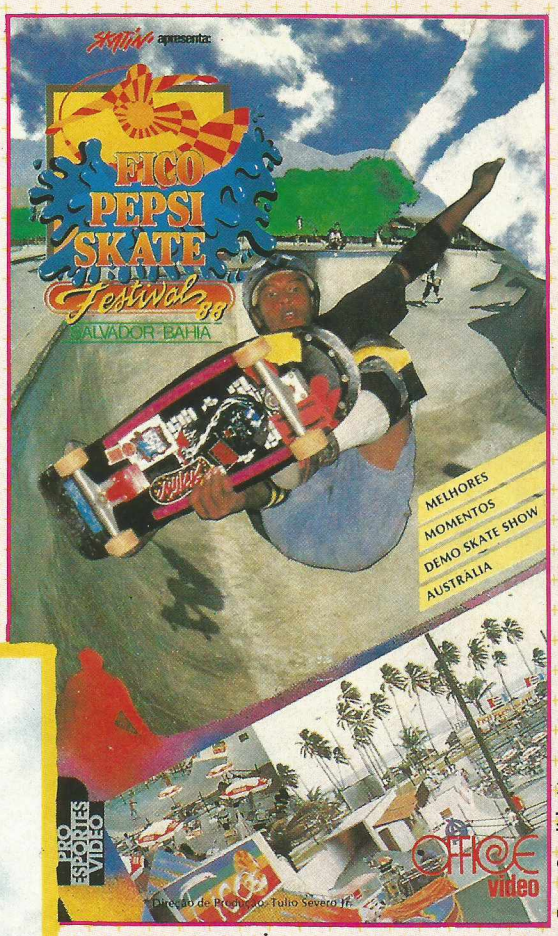
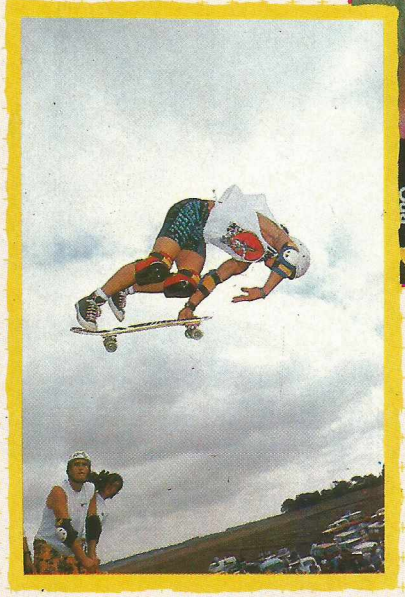


Foto: Candido Neto

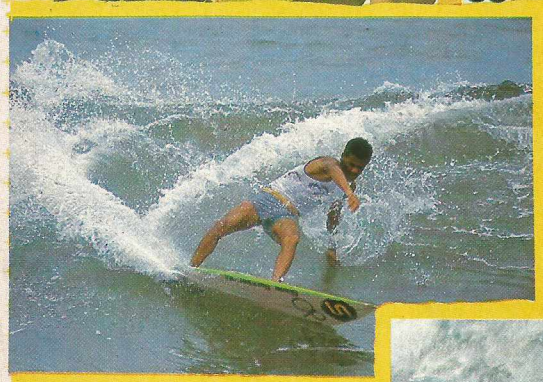
Visual: Marques Rebelo



As voltas de Tony Hawk arrepiavam além dos limites, uma disputa terrível, Christian Hosoi a todo custo queria levar para os States os 3 mil dólares da premiação.

Fico Pepsi Skate Festival.
O que **Sergio Negão** fez, até de cabeça para baixo, e **Daniel Bourqui** não deixou por menos, acelerou no **"front side air"**, que a galera aplaudiu de pé.
Fico Pepsi Skate Festival, essa onda fica!

E tem mais nesta fita!
Dropando até o maior campeonato Australiano de skate (Demo Skate Show Festival ou simplesmente o Anual Torquay Ramp Riot), vamos encontrar a presença dos principais atletas norte-americanos:



"Fico Surf Body Board Festival".
Foram dez dias de realização, dez dias onde tudo previsto aconteceu. Na organização, nas ondas, na presença de **mais de vinte mil** pessoas nas areias da praia de **Stella-Maris,** onde a água de côco e o acarajé serviam de recepção à vibração e energia contagiantes do Evento.

Direção de Produção:
Tulio Severo Jr.

PRO ESPORTES VIDEO

Apoio

SKATIN

REVISTA FLUIR
SURF É FLUIR

Distribuição:

office video

Rua Vergueiro, 7588 - Sl. 02
- São Paulo - SP
CEP: 04272 - Tel.: (011) 63-6267

PROGRAMA

Fotos da capa: Warner e UIP

Na capa: A Dama e o Vagabundo, Em Busca do Vale Encantado, *Roger Moore e Tanya Roberts em* 007 — Na Mira dos Assassinos *e Harrison Ford e Sean Connery em* A Última Cruzada

São raros, mas há aqueles que detestam comemorar o próprio aniversário. Em contrapartida, a populosa maioria da humanidade se sente em falta com o calendário se deixa passar em branco sua data anual. Gente que fica entre o mau humor e a culpa, feito católico que não foi à missa domingo passado. A revista SET, eqüidistante, faz dois anos nessa sua 24ª edição. É preciso registrar.

Sem exagero, o balanço do primeiro biênio não pode deixar de ser positivo. Com uma circulação cada vez maior e uma carteira de assinantes que, aberta há apenas quatro meses, já ultrapassa a casa dos 15 mil, SET solidificou-se como o veículo mais importante (líder de seu segmento de mercado), o preferido dos leitores e, de longe, o mais influente. O irretocável desempenho dos correspondentes de Los Angeles, Ana Maria Bahiana e José Emílio Rondeau, e o trabalho dos colaboradores fixados na Europa trazem ao Brasil, com exclusividade, entrevistas, reportagens e críticas com absoluta primazia. A independência editorial, que procura informar com imparcialidade, garante credibilidade e respeito junto à opinião pública. Até parece que SET é uma publicação perfeita.

A verdade, porém, não é bem essa. Há pequenos ajustes a fazer para melhor informar os amantes de cinema e vídeo e há sobretudo um espaço que até hoje não foi preenchido a contento: a cobertura do cinema nacional. Não se trata de um problema quantitativo, de dar mais ou menos páginas aos filmes feitos por aqui. Trata-se da qualidade do acompanhamento jornalístico que fazemos. É inacreditável, mas tem sido mais fácil ver em primeira mão as produções em Hollywood do que saber, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, que títulos brasileiros estarão nas telas o mês que vem. Sem dúvida existe aí o fator da lentidão e da falta de planejamento que acomete o cinema nacional como um todo. Mas não se pode negar que existe também uma inadequação da própria SET em relação a essa realidade confusa.

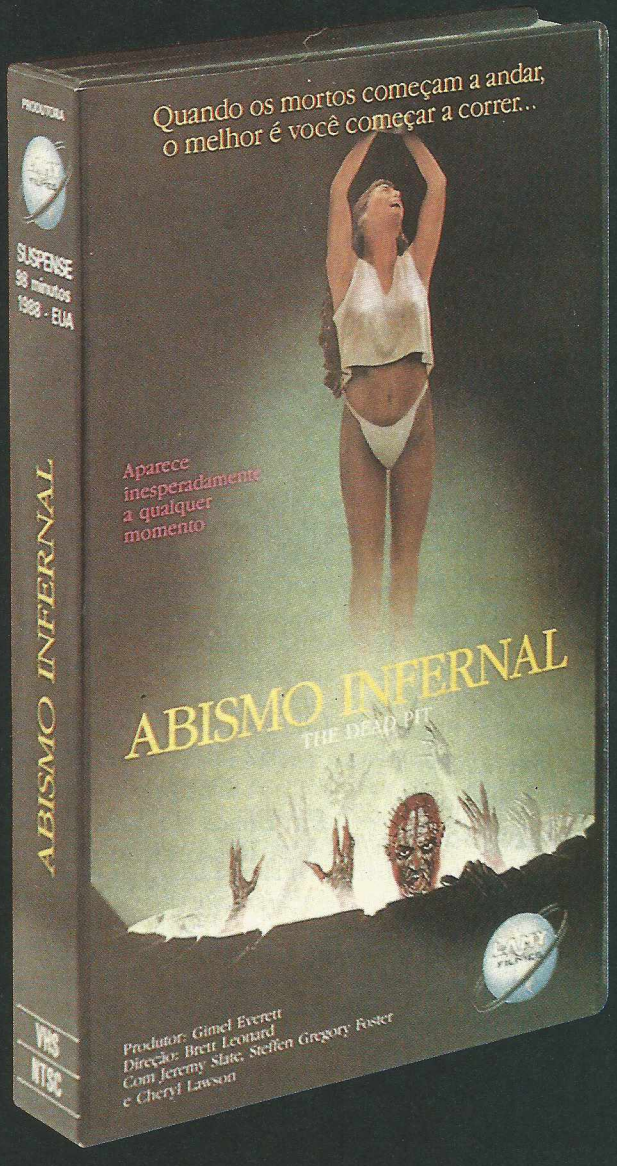
Que ninguém pense que SET pretende instituir em suas páginas redacionais uma reserva de mercado para o cinema nacional. O que o leitor precisa não é de paternalismo e muito menos de matérias que elogiem sem critérios as produções domésticas. Ele precisa, isto sim, de informações sobre o que se passa com cineastas, atores e produtores daqui. Nesse sentido, estaremos mais atentos a cada dia. É com essa reflexão que comemoramos os dois anos de existência, no firme propósito de consolidar os acertos e de corrigir as debilidades.

4 TAKES
10 HOLLYWOOD
11 TEMPOS MODERNOS
18 VÍDEO
007
26 OUTROS LANÇAMENTOS
42 MATÉRIA DE CAPA
A Dama e o Vagabundo
Em Busca do Vale Encantado
A Ressureição do Cartoon
54 ENTREVISTA
Martin Short
56 AVANT-PREMIÈRE
Francesco
60 VÍDEO
Dupla Identidade
66 EM CARTAZ
A Última Cruzada
70 ENTREVISTA
Harrison Ford
Sean Connery
74 OUTROS FILMES EM CARTAZ
82 MITOS
Joan Crawford
85 TRILHAS
87 FILMOTECA
88 CARTAS
89 FILMOGRAFIAS
90 NOSTALGIA

Terror e s

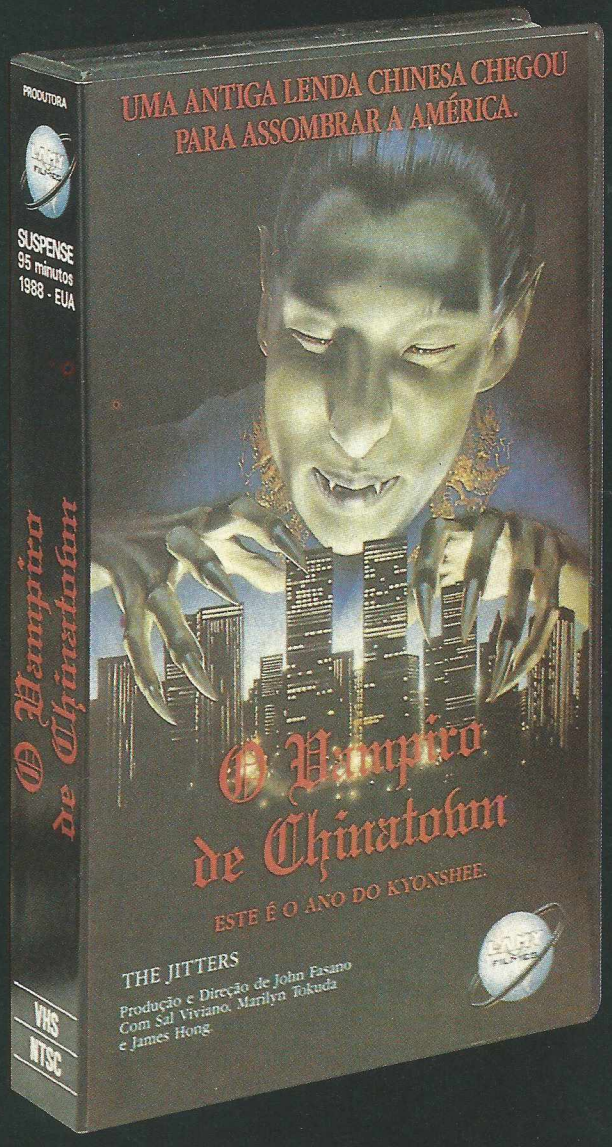
Na noite, nas sombras, e

A sensação de perigo, o aperto no coração, o arrepio na pele, os cabelos em pé, e a identificação com o herói, e/ou sua heroina, na sua difícil luta contra o mal. São grandes momentos de pura emoção e de perigo, em que o espectador vive, junto com os protagonistas, a



Jane, uma jovem com amnésia, chega a uma instituição de doentes mentais, à procura da sua identidade. No entanto, sua presença, independentemente da sua vontade, desencadeia gigantescas forças maléficas que provocam um terremoto e, quebram o lacre do Abismo Infernal.

A partir daí, Jane e seu amigo Cristian lutarão pelas suas vidas até a apavorante revelação final.



Uma gang de Chinatown mata Frank Lee e rapta sua filha para apoderar-se da fortuna.

Frank - o morto - se transforma num vampiro à procura de vingança.

Michael - o namorado da filha - e um especialista em ocultismo - tentam canalizar a força do vampiro para encontrar e salvar a garota.

Uma experiência fantástica e aterrorizante.

Vendas exclusivas
DISTRIBUIDORA
REALBRAS

Realbras Adm. Bras. de Serviços S/C. Ltda
R. Major Sertório, 463 — Cj. 41
Vila Buarque — 01222 — São Paulo-SP
Telefones: (011) 255-4567 - 259-7193
258-3197/7745

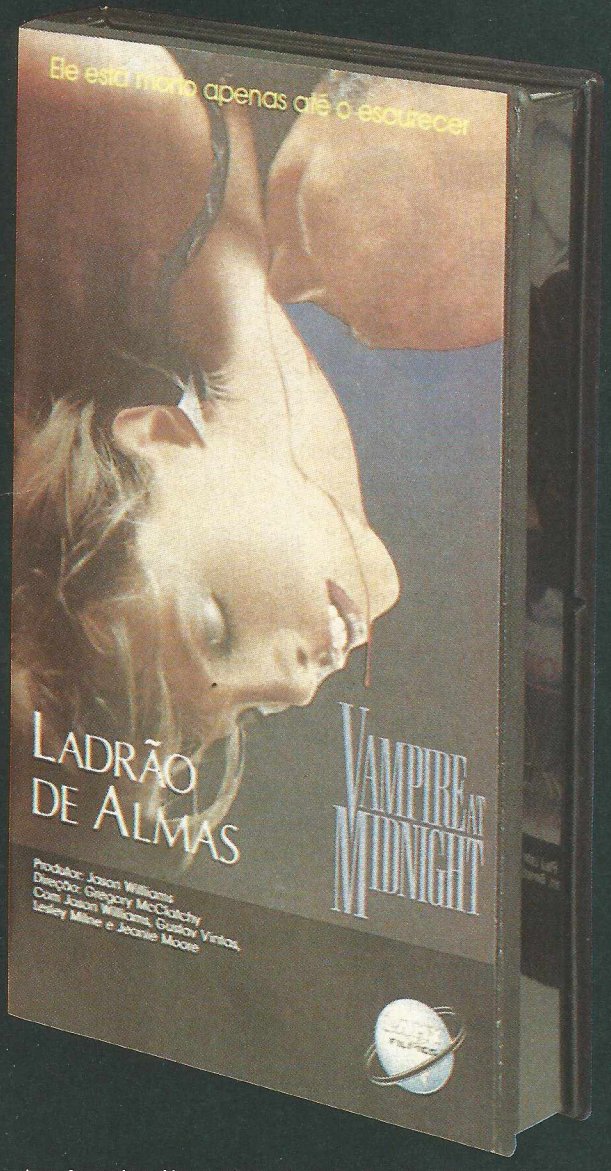
Regionais:
S. Paulo I: (011) 35-2795 - Adm. — 35-8334 - Vend.
R. Janeiro: (021) 533-2121 — 533-2215
B. Horizonte: (031) 227-9560 (FAX) — 225-1476
Vitória: (027) 225-9213 (FAX) — 225-0025

uspense!

les estão à sua espera ...

angústia e o terror das situações participando, passo a passo, até o desfecho final.

Daí o sucesso destes 4 grandes thrillers que percorrem os abismos do inconsciente encontrando, sucessivamente, o obsceno e o sublime.

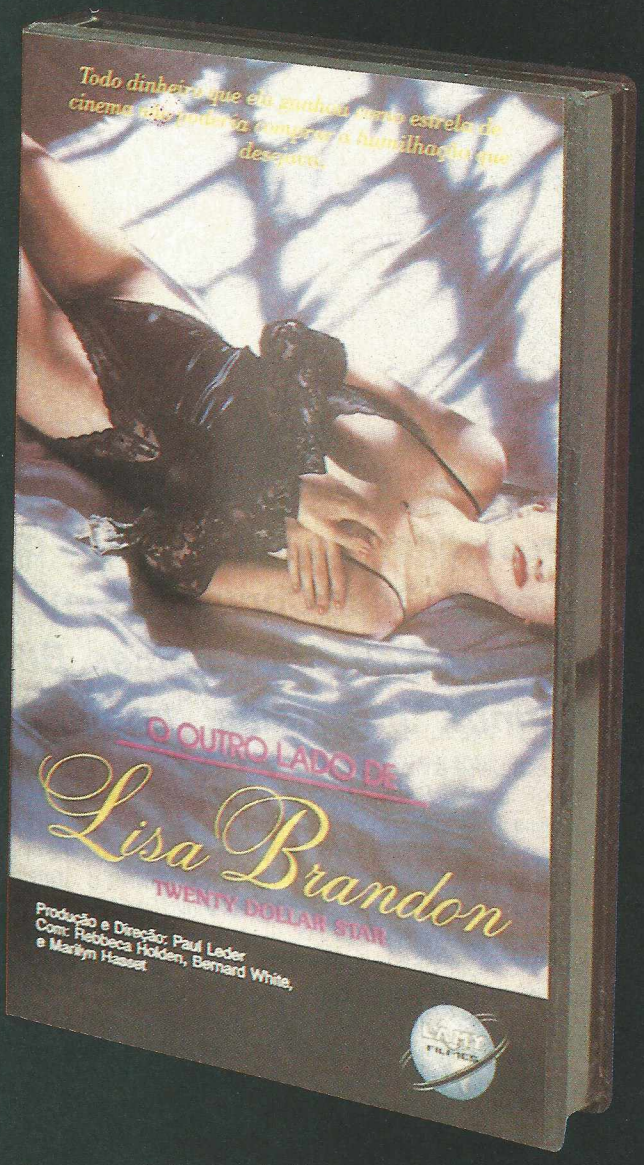


Los Angeles. Uma série de crimes. As vítimas são encontradas com as gargantas retalhadas e, os corpos, sem uma gota de sangue.

A polícia está sem pistas.

Só a inteligência e sagacidade do tenente Roger Sutter o capacitam para imaginar a existência do vampiro.

E apenas ele terá a coragem para enfrentá-lo.



Por que a deslumbrante Lisa, uma bem sucedida atriz e cantora, teria a necessidade de se vender, nas noites, como uma prostituta barata?

Por que precisaria se submeter à chantagem e às sevícias de um gerente de hotel calhorda?

Você vai ter que mergulhar fundo, junto com ela, para descobrir a verdade e encontrar o caminho de volta.

P. Alegre: (0512) 45-1416 — 41-1182 (FAX)
Curitiba: (041) 224-8744 — 224-0770 (FAX)
Recife: (081) 224-1087 — 224-6049 (FAX)

Exija qualidade, exija fita selada.

Todos os direitos reservados.

Primerica

LAMY FILMES

Filiada à União Brasileira de Vídeo.

ELE NÃO VIVE APE DUAS VEZES

O agente secreto 007 de Sua Majestade prova que tem fôlego de gato, resistindo ao tempo e aos costumes. De Sean Connery a Timothy Dalton, há 27 anos James Bond continua nas telas, implacável

Fotos Warner

Após escrever a primeira aventura de 007, *Cassino Royale* (1953), Ian Fleming (1908-1964) não estava plenamente convicto das possibilidades de seu herói, e declarou: "Quero que meu agente seja uma personalidade tão anônima quanto possível". O novato Fleming mal poderia imaginar que ao seu pretenso desejo de anonimato se contraporia, mais tarde, a indústria cinematográfica, capaz de levar seu agente secreto a quase todo o planeta e mantê-lo em ação por 27 anos, sendo apenas batido por *Tarzan*, que começou em 1917.

É evidente que a modéstia de Fleming tinha limites, pois, como admitiu mais tarde, seu sonho era colocar James Bond (nome emprestado de um ornitólogo que escreveu um livro chamado *Birds of the West Indies*) na lista de best-sellers.

Cassino Royale não foi considerado (por críticos e até por escritores do porte de Anthony Burgess, de *A Laranja Mecânica*) um romance de espionagem perfeito, mas uma boa mistura de aventura e erotismo. Bond quase não seria viabilizado não fosse a intervenção de ninguém menos que Raymond Chandler no caminho de Fleming. Sim, o criador do célebre detetive Philip Marlowe aceitou um rascunho do segundo livro de Fleming, *Live and Let Die (Viva e Deixe Morrer)* e, após lê-lo, telefonou-lhe entusiasmado, oferecendo-se para apresentá-lo a uma editora americana. Foi um empurrão homérico do mestre da literatura policial para a concepção de um dos mais populares heróis do século 20.

Fleming não criou James Bond à sua imagem. John Pearson, que escreveu a melhor das biografias de Fleming, conta a infância atormentada do escritor. Ele foi o mais antipático garoto de sua rua, não gostava de nada que os outros gostassem: cavalos, cães, gatos, toda sorte de animais. Não tolerava ganhar presentes, jogar futebol, foi um estudante medíocre, mau atleta e pouco popular entre os companheiros. Ou seja, um bálsamo para quem desejasse uma péssima companhia. Quando adulto, foi corretor da bolsa de valores, jornalista e funcionário do Serviço Secreto da Marinha Britânica na II Guerra Mundial. Acalentou o bizarro desejo de ser agente secreto, e chegou a se inscrever num curso. Foi reprovado. Quis ser diplomata. Também foi reprovado na seleção. Odiava conversar sobre garotas com os amigos, era rejeitado pelas mulheres. Destestava jogar, porque na única vez que entrou num cassino perdeu o pouco que tinha.

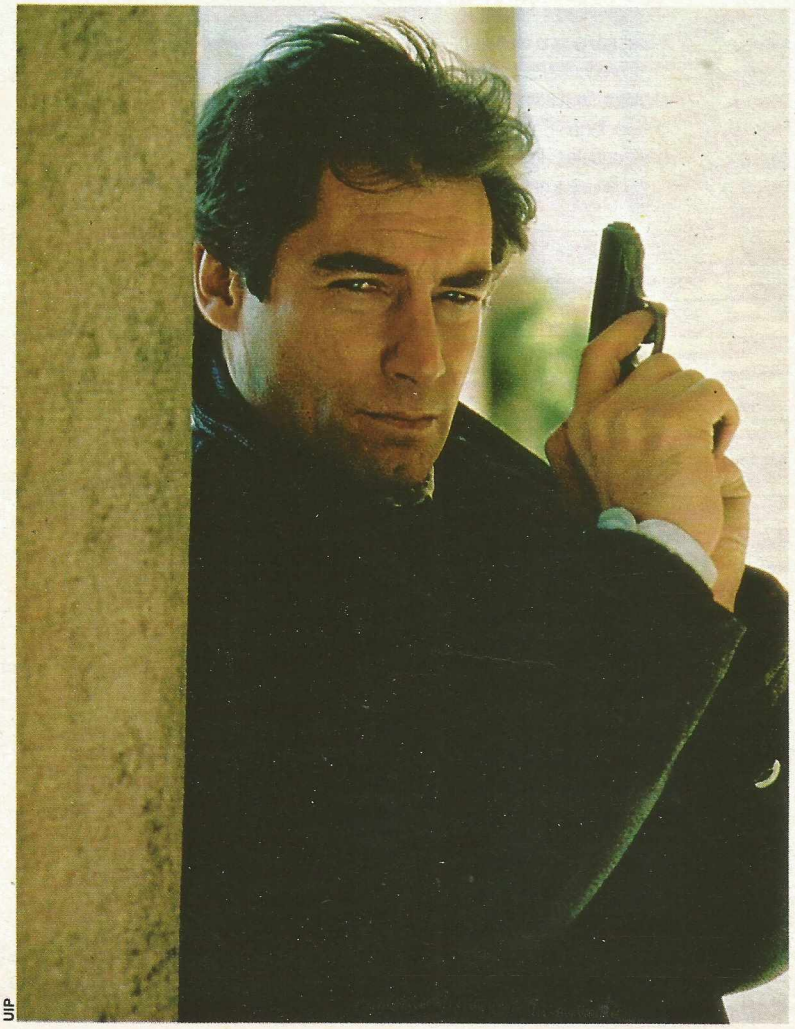
Diferente de si, sua criatura viria a ser um *pin-up boy* da espionagem: bonito, capaz de limpar qualquer banca nas mesas de jogo, e, em qualquer situação, um agente superinteligente e, sobretudo, absolutamente irresistível para as mulheres. A escritora inglesa Rosamond Lehmann, amiga do escritor, confidenciou que "o problema com Ian é que ele despreza as mulheres porque não sabe conquistá-las".

CUIDADO COM ELAS — Esse resquício misógino fica evidente no livro *Cassino Royale* quando, num arroubo de sinceridade, Bond diz que "as mulheres são para a gente se divertir. No trabalho, elas atrapalham e complicam as coisas com sexo, sentimentos feridos e com toda a bagagem emocional que trazem consigo. A gente tem que tomar cuidado com elas, tem que tomar conta delas". Por exemplo, "vaca" é o termo que ele utiliza para designar a espiã vilã da história e a própria *bond-girl*, Vesper Lynd, que o acompanha e o trai no final de tudo. Fleming reuniu em Bond tudo o que ele gostaria de ser e nunca soube como conseguir.

Mas na tela as *partners* adoram esse jeito durão do agente 007 (os dois zeros indicam licença para matar).

A personalidade básica de 007 foi transposta para o cinema com certa fidelidade. O que não consta dos livros de Fleming é o tom irônico que

ENAS



UIP

As três gerações de Bond em revista: o insuperável Sean Connery (página oposta) com a agente russa dissidente, Daniela Bianchi, em Moscou Contra 007. *Em* 007 Na Mira dos Assassinos, *Roger Moore (ao alto) enfrenta os inimigos na Torre Eiffel com rigor e deboche. A nova face do agente secreto, Timothy Dalton (ao lado), em* 007 Marcado Para a Morte

o diretor Terence Young criou, e estilizou, para Sean Connery em *007 Contra o Satânico Dr. No* (1962), estigmatizando o personagem. Quanto às aventuras, os produtores Albert R. Broccoli e Harry Saltzman, detentores dos direitos de Bond, enriqueceram a ação, mas subdesenvolveram os personagens femininos. Se existe uma certa misoginia nos livros, o cinema tratou de ampliá-la. Nos filmes as garotas são um pouco mais que objetos para o amor e resgate: lindas, sensuais e chiques.

Apenas meras coelhinhas da *Playboy* com um pouco mais de desenvoltura.

A *bond-girl* é um adereço importante para 007; sem ela, ele pareceria nu. Tal como a estrutura primordial mocinho-mocinha, a história obedece a um tipo ancestral de composição: a do guerreiro bárbaro medieval, *heavy metal*, como *Conan*, imbatível ao lado de uma "guerreira" seminua e espetacular. O arquétipo é secular, o ímpeto masculino é que foi renovado. É essa imagem que se faz evocar, quando, em *007 Contra o Satânico Dr. No*, Ursula Andress emerge do mar, como uma deusa do oceano, com um encanto sedutor mitológico, uma faca na cintura e um descuidado ar selvagem.

Foi em 1962, com *Dr. No*, que o agente secreto deu início a suas aventuras cinematográficas. Porém, antes disso, Bond já havia aparecido num programa de televisão norte-americano chamado *Climax Mystery Theatre*, numa adaptação de *Cassino Royale*. Bond foi vivido por Barry Nelson; Linda Christian era a *Bond-girl*; e Peter Lorre, o vilão.

Curioso notar que *Cassino Royale*, primeira obra de Fleming, não foi tranposto para o cinema pelos habituais produtores, Broccoli/Saltzman, mas foi parodiado em 1967 numa confusa versão por vários diretores, entre eles John Huston, tendo David Niven como 007. Para o papel de Bond, Fleming pensou inicialmente em James Stewart, depois em Richard Burton, David Niven e James Mason. Broccoli e Saltzman haviam pensado em Roger Moore mas optaram pela maturidade (aparente) de Connery, um ano mais novo que Moore, nascido em 1928. O papel foi para as mãos de Connery, que imortalizou o personagem. Ele foi o mais irônico, tratava as mulheres com o ardor de um dançarino de tango, e suas aventuras tinham mais compenetração; pois o mundo ocidental estava preocupado com o avanço comunista. A Guerra Fria estava pegando fogo. Basta lembrar a Crise dos Foguetes de 1962, em Cuba.

É unânime a opinião, de crítica e público, de que ele foi o melhor James Bond que o cinema criou. Um espião de fato, galante, carismático, inspirando confiança para qualquer missão.

Connery fez os primeiros cinco filmes e se cansou de salvar o mundo ocidental. Não quis mais ser reconhecido como o agente secreto. A identificação caricatural o estava aborrecendo. Ele abandonou o cetro de Bond.

À CASA TORNA — Para ocupar a vaga, Broccoli e Saltzman optaram por um ator desconhecido, George Lazenby. O fracasso foi estrondoso. Os produtores achavam que um ator sem nenhuma experiência, modelo masculino muito requisitado em Londres, pudesse levar adiante a persona do bem-sucedido herói. Foi um erro crasso pensar que o herói teria moto próprio e que qualquer um poderia lhe insuflar vida cinematográfica. Mais uma vez o cinema comprovou a qualidade dos astros. Determinados personagens não são movimentados por atores quaisquer. Faltou a ironia carismática e a brilhante interpretação de Connery. O público percebeu que naquela tela estava faltando ele e que a graça dele não existia mais. A existência de 007 estava comprometida. A crise instaurada só poderia ser dissipada com o retorno do primeiro Bond. Foi quando a United Artists, Broccoli e Saltzman suplicaram a Connery que voltasse ao papel. O ator pródigo voltou por um salário astronômico, o compromisso de fazer três filmes que quisesse nas condições que bem entendesse, incluindo a escolha dos diretores. E com a condição deste ser o último 007 de sua vida.

Todos suspiraram aliviados, e *007 Os Diamantes São Eternos* (1971) voltou à velha e boa performance de bilheteria. Nesta aventura, Sean Connery está mais velho, mais gordo, e, apesar de tirar partido de uma peruca, continua com o desempenho habitual. Ele não voltaria mais ao papel, exceto em *Nunca Mais Outra Vez (Never Say Never Again, 1983)*, refilmagem de

A DINASTIA BOND

ANO	TÍTULO DOS FILMES	JAMES BOND	BOND GIRL	VILÃO	DIREÇÃO	MÚSICA	
1962	007 Contra O Satânico Dr. No (Dr. No) *	Sean Connery	Ursula Andress (Honey)	Joseph Wiseman (Dr. No)	Terence Young	Monty Norman	
1963	Moscou Contra 007 (From Russia With Love)	Sean Connery	Daniela Bianchi (Tatiana)	Robert Shaw (C)	Terence Young	John Barry	Canção por Matt Monro
1964	007 Contra Goldfinger (Goldfinger) *	Sean Connery	Honor Blackman (Pussy Galore)	Gert Frobe (Goldfinger)	Guy Hamilton	John Barry	Canção de Leslie Bricusse e Anthony Newley por Shirley Bassey
1965	007 Contra a Chantagem Atômica (Thunderball) *	Sean Connery	Claudine Auger (Dominó)	Adolfo Celi (Largo)	Terence Young	John Barry	Canção de Don Black e John Barry por Tom Jones
1967	Com 007 Só se Vive Duas Vezes (You Only Live Twice) *	Sean Connery	Akiko Wakabayashi (Aki)	Donald Pleasence (Blofeld)	Lewis Gilbert	John Barry	Canção de John Barry e Leslie Bricusse por Nancy Sinatra
1967	Cassino Royale * *	David Niven	Ursula Andress (Vesper Lynd)	Orson Welles (Le Chifre)	John Huston, Val Guest, Robert Parrish, Ken Hugues, Joe McGrath	Burt Bacharach	Canção por Herb Alpert e The Tijuana Brass
1969	007 a Serviço de Sua Majestade (On Her Majesty's Secret Service)	George Lazenby	Diana Rigg (Tracy)	Telly Savallas (Blofeld)	Peter Hunt	John Barry	Canção de Hal David e John Barry por Louis Armstrong
1971	007 Os Diamantes São Eternos (Diamonds Are Forever) *	Sean Connery	Jill St. John (Tiffany)	Charles Gray (Blofeld)	Guy Hamilton	John Barry	Canção de Don Black e John Barry por Shirley Bassey
1973	Com 007 Viva e Deixe Morrer (Live and Let Die)	Roger Moore	Jane Seymour (Solitaire)	Yaphet Kotto (Dr. Kananga)	Guy Hamilton	Monty Norman	Canção de Paul e Linda McCartney por Paul McCartney and Wings
1974	007 Contra o Homem da Pistola de Ouro (Man With the Golden Gun)	Roger Moore	Britt Ekland (Mary Goodnight)	Christopher Lee (Scaramanga)	Guy Hamilton	John Barry	Canção por Lulu
1977	007 - O Espião Que Me Amava (The Spy Who Loved Me) *	Roger Moore	Barbara Bach (Anya Amasova)	Curt Jurgens (Stromberg) Richard Kiel (Dentes-de-Aço)	Lewis Gilbert	Marvin Hamlisch	Canção por Carly Simon
1979	007 Contra O Foguete da Morte (Moonraker) *	Roger Moore	Lois Chiles (Holly Goodhead)	Michael Lonsdale (Sir. Hugo Drax) Richard Kiel (Dentes-de-Aço)	Lewis Gilbert	John Barry	Canção de Hal David por Shirley Bassey
1981	007 Somente Para Seus Olhos (For Your Eyes Only)	Roger Moore	Carole Bouquet (Melina)	Michael Gothard (Locque)	John Glen	Bill Conti	Canção Michael Leeson por Sheena Easton
1983	007 Contra Octopussy (Octopussy) *	Roger Moore	Mau Adams (Octopussy)	Louis Jordan (Kamal)	John Glen	John Barry	Canção por Rita Coolidge
1984	Nunca Mais Outra Vez (Never Say Never Again) * *	Sean Connery	Kim Basinger (Dominó)	Klaus Maria Brandauer (Largo) Max Von Sydow (Blofeld)	Irvin Kershner	Michel Legrand	Canção de M. L., Marilyn Bergman e Alan Bergman por Lani Hall
1985	007 Na Mira dos Assassinos (A View To a Kill) *	Roger Moore	Grace Jones (May Day) Tanya Roberts (Stacey Sutton)	Christopher Walken (Max Zorin)	John Glen	John Barry	Canção por Duran Duran
1987	007 Marcado Para a Morte (The Living Daylights) *	Timothy Dalton	Maryam D'Abo (Kara Milovy)	Jeroen Krabbe (Gal. Georgi Koskov)	John Glen	John Barry	Canção por A-Ha
1989	007 Permissão Para Matar (Licence To Kill) * * *	Timothy Dalton	Carey Lowell (Pam Bouvier)	Robert Davi (Franz Sanchez)	John Glen	Michael Kamen	Canção por Gladys Knight

* Disponíveis em vídeo
* * Não produzidos por Albert R. Broccoli e não considerados da série
* * * Estréia prevista no cinema para julho/89

007 Contra a Chantagem Atômica (*Thunderball*, 1965).

Os produtores não podiam deixar Bond morrer. O jeito foi chamar Roger Moore, que havia sido cogitado inicialmente para viver o agente secreto. E Moore era conhecido das séries para televisão *Ivanhoé*, *O Santo* e *Persuaders*. Daí saiu, *Com 007 Viva e Deixe Morrer* (*Live and Let Die*, 1973), um James Bond diferente do de Connery. A ironia deu lugar ao deboche e à cínica fleuma de Moore. Às mulheres ele sempre dipensou um galanteio insolente, nunca perdeu chance alguma de transar com quem fosse. A Guerra Fria, tema primordial dos primeiros filmes, e já bastante morna, sofisticava-se em suas relações. O antigo maniqueísmo político dá lugar a outros expedientes e ganha ares de distensão.

Diante do ceticismo da opinião pública, as aventuras com Moore ganham mais fantasias e absurdos. Beiram o hilariante, as histórias em quadrinhos, o pastelão, evocam as comédias de aventura de Buster Keaton, como *A General* (1927), por exemplo.

De *O Satânico Dr. No* para *Viva e Deixe Morrer* haviam se passado onze anos. O tempos eram outros: Beatles, rebeldia sessentista e psicodelia tinham dobrado a esquina. Seria natural acolher um novo Bond que já não fosse tão inflexível e compenetrado quanto Sean Connery. O que importa é que o sucessor foi aceito por público e crítica. A dinastia Bond estava assegurada para uma nova era. Depois de filmar sete aventuras, Moore saiu de cena. Sua derradeira aparição foi em *007 na Mira dos Assassinos*, em que ele apresenta visíveis sinais de ausência de agilidade nas seqüências de luta que não foram feitas por dublês. A idade pesou o suficiente. Moore fez bem o que pôde, ninguém implorou a ele que continuasse.

Novamente o cetro de Bond deveria ser passado a outrem. O entronizado foi o ator galês Timothy Dalton, de formação shakespeareana, que cursou a lendária companhia teatral Old Vic. Curiosidade: o fato de Sean Connery ser escocês como o personagem de Fleming alimenta a fama de que ele foi o mais autêntico 007. Roger Moore é inglês, George Lazenby é australiano.

MISSÃO CUMPRIDA? — Dalton marca sua estréia com *007 Marcado Para a Morte* (*Living Daylights*, 1987) ao lado da mais recente *bond-girl*, Maryam D'Abo. É neste filme que Caroline Bliss, bela, loira e jovem, substitui a veterana Lois Maxwell no papel da secretária particular de *M*. A dedicada Lois já não era mais jovem. Afinal, 25 anos se passaram desde *O Satânico Dr. No:* ela presenciou 14 aventuras e conheceu três agentes diferentes.

O James Bond de Timothy Dalton pertence aos anos 90. Se a essência da Guerra Fria ainda subsiste nas relações entre as superpotências, o termo certamente não designa mais o clima político da época em que foi evocado, após a II Guerra Mundial. Para os americanos, os russos já não comem criancinhas, e a União Soviética já não teme o capitalismo em sua economia. A ecologia, o racismo e as drogas são os temas do momento.

Quanto às mulheres, se Connery e Moore foram verdadeiros campeões de cama, o mesmo não acontece com Dalton. Pobre rapaz, ele pegou o papel exatamente no bojo da época da Aids. Em *007 Marcado Para A Morte*, além de ele ter (apenas) uma companheira de aventura, as cenas de amor são comedidas. A lascividade, característica dos filmes da série, fica em segundo plano, para que o dever da missão cumprida assuma o papel principal. Sinais dos tempos.

Mas ao que tudo indica o novo Bond foi aceito pelo público. Em três décadas consecutivas o personagem sempre soube se adaptar.

A longevidade de James Bond é também um reflexo da capacidade de vitalícia da indústria cinematográfica. De uma aventura à outra os efeitos especiais se aprimoram. Do primeiro ao último 007, boa parte da história do cinema de aventura está contada.

O MORDOMO SUSPEITO — As intenções diabólicas dos charmosos vilões de Bond, e de resto toda aventura, são meros pretextos para os efeitos especiais mirabolantes. As extravagâncias de 007 representam um tipo especial de diversão em que a fantasia vai aos limites dos produtores e gera uma

Fotos Warner

***Os espiões contra o desgaste da vida moderna: Roger Moore e Fiona Fullerton (acima) numa banheira de espumas em* 007 Na Mira dos Assassinos. *Ao lado, Sean Connery ladeado por belas gueixas em* 007 Só Se Vive Duas Vezes**

inescusável lição de moral. Diz a verve popular que quem assistiu a um 007 já viu todos. Não há muita surpresa de um filme para outro, todos sabem que tudo acabará bem. Bond nunca termina suas ações numa cama de hospital com a perna engessada, mas sempre com champanhe, caviar e uma garota sensacional. Tudo é rotineiro e previsível. Mas o gosto por ver o já visto é insuperável, e inexplicável. Um cult movie por excelência.

Esse fantástico (e fantasioso) charme britânico travestido de condutor da civilização ocidental poderia, também, ser a razão da simpatia de amplas platéias. Se enquadraria, quem sabe, num certo tipo de ressentimento inglês em relação aos EUA. Fleming, como bom londrino, talvez quisesse lembrar aos americanos que eles não sabem de tudo. Isto porque, em última instância, nas aventuras de Bond é sempre o Serviço Secreto inglês que tira o planeta da rota de extinção. A CIA, quando muito, tem um papel secundário (como um leão-de-chácara), nunca requisitada para as ações. É um mero figurante de honra, um tipo de mordomo. É o caso do prestativo Felix Leiter, amigo americano de Bond, que tem de engolir as palavras do agente quando diz serem "os Estados Unidos um país civilizado, mais ou menos". Complexo de ex-potência?

Não importa. Este incorruptível soldado de Sua Majestade, que nunca deixou que lhe passasse pela cabeça a possibilidade de se tornar um agente duplo, que nunca foi acometido por crise moral, nem nunca se questionou filosoficamente, continua prendendo a atenção de multidões ao aparecer diante dos créditos iniciais atirando na objetiva que o focaliza para em seguida banhá-la de sangue. Sua fidelidade é tão cega quanto a de qualquer Capitão América, Super-Homem ou Batman. Mas esse espião a serviço de Sua Majestade vive uma vida de nababo. Ao dizer *my name is Bond*, ele pode ser tão canalha quanto seu adversário. Um canalha que apenas está do lado "certo".

Em suma, a receita é a seguinte: adicione um dedo de patriotismo, dois dedos de mistério (nada que desafie muito a intêligencia do espectador), um de violência, coloque tudo sobre um horizonte de cartões-postais exóticos, uma casca de erotismo E está pronto o delicioso coquetel James Bond.

Walter de Silva

***Ao lado, Sean Connery em* 007 Contra o Satânico Dr. No. *Abaixo, Roger Moore em* 007 Contra Octopussy.**

Fotos Warner

007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO ★★★★

(Dr. No Inglaterra. 1962)
Direção: Terence Young Com Sean Connery, Ursula Andress, Joseph Wiseman, Bernard Lee, Warner.
Pérola da época da Guerra Fria, neste primeiro Bond no cinema, Connery tem de desvendar o assassinato de uma colega agente na Jamaica. As pistas o levam a um tal Dr. No (Wiseman) que possui uma ilha e elimina todos que nela desembarcam. Sem temer o desafio, Bond vai à ilha e encontra a maravilhosa Honey (Ursula). Capturados, eles descobrem que o Dr. No desvia foguetes americanos lançados de Cabo Canaveral. Esta envolvente aventura parodia o receio americano de sabotagens espaciais. *W.S.*

007 CONTRA A CHANTAGEM ATÔMICA ★★★

(Thunderball, Inglaterra, 1965)
Direção: Terence Young. Com Sean Connery, Claudine Auger, Adolfo Celi, Luciana Paluzzi. Warner.
Esta quarta aventura de James Bond, ainda com Connery no papel, mantém o clima de Guerra Fria. A organização SPECTRE, na busca incessante de deflagrar a Terceira Guerra Mundial, seqüestra um avião da OTAN que carrega bombas de hidrogênio e ameaça explodir Miami e Cabo Kennedy. Dispondo do charme habitual, o agente secreto 007 conquista a contra-agente Dominó (Claudine) e com ela desmantela os planos do número 2 da organização inimiga, Largo (Adolfo Celi). As ações são espetaculares. sobretudo as submarinas. *W.S.*

COM 007 SÓ SE VIVE DUAS VEZES ★★★

(You Only Live Twice. Inglaterra, 1967)
Direção: Lewis Gilbert. Com Sean Connery, Akiko Wakabayashi, Tetsuro Tamba, Mie Hama. Warner.
Neste quinto filme Connery decidiu abandonar o papel. São visíveis os sinais de uma certa irritação, embora seu desempenho seja irrepreensível. Mais uma vez a incansável SPECTRE tenta fomentar a Terceira Guerra Mundial seqüestrando, desta vez, naves espaciais americanas e soviéticas. Bond simula a própria morte e vai para o Japão, assumindo identidade nipônica, a fim de desbaratar o plano maligno da organização instalada num vulcão extinto. Bond chega a simular um casamento com a magnífica Kissy Suzuki (Mie). *W.S.*

007 O ESPIÃO QUE ME AMAVA ★★★

(The Spy Who Loved Me, Inglaterra, 1977)
Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore, Barbara Bach, Curt Jurgens, Richard Kiel. Warner.
Nesta terceira aventura de Roger Moore no papel de James Bond, a Guerra Fria já não é mais a mesma. Bond trabalha com a estupenda agente russa Anya Amasova (Barbara). Juntos, investigam o desaparecimento de submarinos nucleares de vários países. O ensandecido Stronberg (Jurgens), que pretende criar uma nova civilização nas profundezas do mar, põe contra o casal de agentes o monstruoso Dentes-de-Aço (Richard). Como sempre, nada é páreo para 007.

W.S.

Quem viaja sempre leva junto um sentimento muito forte: a saudade. Algo tão forte que foge ao controle, principalmente num País diferente, com pessoas diferentes, que falam um idioma estranho.

As Antenas Santa Rita, graças ao avanço tecnológico, quebram essa distância, num simples toque de dedos, deixando ao seu alcance toda a emoção de curtir as imagens de seu País e de outros países.

Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Rússia, Cuba, Colômbia, Argentina, Peru, Chile e outros ficam à sua frente, com imagens nítidas, fiéis, sem distorções e com a mesma qualidade sonora.

Com 30 anos de tradição, utilizando tecnologia 100% nacional, a Antenas Santa Rita tem por clientes não apenas hotéis, mas Embaixadas e Consulados, Indústrias, Jornais, Empresas de Rádio e TV, Colégios, Condomínios, Clubes, Fazendas, Autoridades e Personalidades, atingindo o mercado nacional e internacional.

Mar Hotel
Recife-PE

Esses clientes já sabem que as Antenas Santa Rita são instaladas no prazo de cinco dias, no solo ou em telhados, na cidade, na praia ou no campo.

Consulte a Antenas Santa Rita e ofereça toda essa emoção a seus hóspedes!

ASR

ANTENAS SANTA RITA

Rua Cidade de Bagdá, 529
Tel.: (011) 563-9500 - Telex (11) 56203
São Paulo - SP - Brasil

Venha sentir essa emoção em nosso showroom

H.B. PROJETOS ESPECIAIS

Chegou Diet Poletel.

"WILD BOYS"

Para quem gosta de emoções violentas, aqui vai uma dose dupla: Filhos da Violência. Um grupo de rapazes em busca de diversão, de repente se vêem envolvidos em crimes da pesada. E agora como fica, cara? Fica melhor ainda em Plumas de Cristal. No melhor estilo de suspense, você vai perseguir um terrível assassino.

Suas vítimas são esfaqueadas sem piedade e todas as investigações não levam a nada. Um filme com os melhores ingredientes, e na medida certa para matar Hitchcock de inveja!

Diet Fones: 883 5747 883 6318 853 1202 881 3660

Emoção sob medida.

Agora você tem a emoção da medida certa pra fazer do seu lazer, o maior prazer! Com Diet Poletel, as grandes emoções do vídeo tem mais sabor de aventura, suspense, ação e comédia. É só escolher.

A qualidade fica por nossa conta, e o prazer dessa nova emoção é todo seu. Diet Poletel. Experimente já, e fique em forma com o sucesso.

A QUADRILHA DA FRONTEIRA

Lee Van Cleef e sua explosiva quadrilha, aliviam o "peso" de todos os banqueiros da fronteira do Texas, provando que bandido também tem que estar em forma. Um tiroteio de emoções numa aventura pelo velho oeste!

Agora em boa forma mesmo, estão as colegiais da Aloha High School. As mais irreverentes e maliciosas garotas da escola, vão mostrar que talento para serem as mascotes do time de basquete, é muito mais do que ter as medidas certinhas. Uma comédia emocionante e perfeita para deixar você com água na boca!

A REVANCHE DAS COLEGIAIS

HOME VIDEO
POLETEL

Rua Pedroso Alvarenga, 1203 - Itaim - SP

VÍDEO LANÇAMENTOS

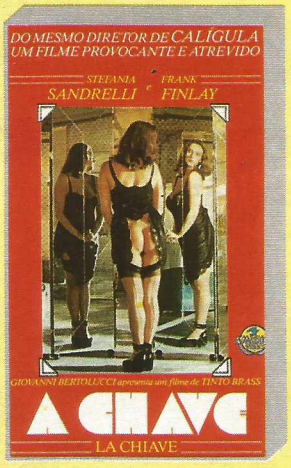
América

Finlay e Stefania numa história de sexo que tem Mussolini atrás da porta

EROTICO

A CHAVE ★★★

(La Chiave, Itália, 1983)
Direção: Tinto Brass. Com Frank Finlay, Stefania Sandrelli, Franco Branciaroli e Barbara Cupisti. América Vídeo.



Tinto Brass tornou-se conhecido do público brasileiro com um filme que, na época de sua exibição, foi considerado um verdadeiro escândalo, *Calígula*. Não faltou quem imputasse ao diretor a pecha de cruelmente lascivo, exagerado e sanguinolento. Mas mesmo em um filme tão violento como este, Brass conseguiu criar momentos belos e até delicados. Três anos após a polêmica Tinto Brass voltaria com *A Chave*, se redimindo diante de seus detratores. Em *A chave*, Tinto Brass trata de forma enxuta e densamente erótica o relacionamento conjugal em tensão, o desejo e a frustração.

Brass localiza a ação de seu filme na Itália fascista, no ano de 1940 (um dos pontos altos do filme é a belíssima locação feita em Veneza). Baseado no romance do escritor japonês Junichiro Tanizaki, *A Chave* relata a história da obsessão de um homem, o professor Rolfe (Frank Finlay, em brilhante atuação), cercado pelos fantasmas do tempo e do sexo. Seu objeto de desejo é a jovem esposa Tereza (Stefania Sandrelli), que após vinte anos de casamento ainda se sente reprimida e insatisfeita. A couraça que envolve Tereza será quebrada por Lazlo (Franco Branciaroli), um exilado húngaro simpatizante do *Duce* e noivo da apagada Lisa (Barbara Cupisti), filha do casal Rolfe.

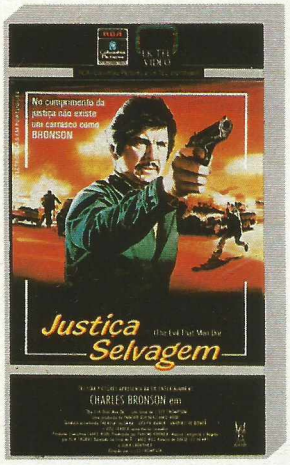
A impossibilidade de diálogo entre Rolfe e Tereza cria uma forma de comunicação subjetiva entre eles, na qual cada um fica sabendo dos desejos, fantasias e perturbações do outro através de seus respectivos diários "secretos".

Esse diálogo subjetivo entre Rolfe e Tereza paradoxalmente aglutinará e fragmentará o relacionamento. O filme evolui como um jogo entre os quatro personagens, traçando um paralelo entre a conivência nos relacionamentos e a conivência política. Ao mostrar a evolução do desejo de Tereza e da angústia do professor, Brass optou por uma narrativa cadenciada, às vezes lenta, entremeada de mensagens quase telegráficas sobre a sociedade italiana durante o regime de Mussolini. *Jeferson de Sousa*

POLICIAL

JUSTIÇA SELVAGEM ★

(The Evil That Men Do, EUA, 1984)
Direção: J. Lee Thompson. Com Charles Bronson, Theresa Saldana, Joseph Maher, Antoinette Bower e Jose Ferrer. RCA/Columbia.



Charles Bronson mais uma vez é um matador profissional, contratado para eliminar um médico com instintos nazistas, Dr. Clement Moloch (Joseph Maher), responsável por torturas e mortes monstruosas. Holland (Bronson), se apaixona pela causa e segue matando com prazer, como era de se esperar. Os fãs de Charles Bronson não irão se decepcionar. *M.R.G*

TIRAS ESPECIAIS ★

(Number one with a Bullet, EUA, 1986)
Direção: Jack Smight. Com Robert Carradine, Billy Dee Williams, Barry Sattels. América.

"Não sou um tira qualquer, e por aqui não há direitos". A frase, dita pelo detetive Berzak (Carradine) a certa altura do filme, é a chave de pelo menos uns trinta policiais recentes — a velha história da dupla de tiras que resolve desobedecer as regras e fazer justiça pelas próprias mãos. Neste caso, conseguir juntar provas suficientes para pôr na cadeia Da Costa (Sattels), o chefão do tráfico em L. A. O trabalho fica mais difícil quando eles descobrem que a quadrilha tem suas ramificações na polícia. Mas é claro que para nossos justiceiros nada é impossível. O sadismo de algumas cenas é lamentável. *R.R.*

BULLITT ★★★

(Bullitt, EUA, 1968)
Direção: Peter Yates. Com Steve McQueen, Robert Vaughn, Jacqueline Bisset, Don Gordon, Robert Duvall. Warner.

Assistir a um filme policial em que loucas perseguições de carros se travam pelas ruas de São Francisco não é nenhuma novidade. Porém, em 1968, quando o diretor britânico Peter Yates *(O Vencedor, Sob Suspeita)* lançou *Bullitt*, a realidade era outra. Neste seu primeiro trabalho nos EUA, Yates construiu a primeira grande cena de perseguição automobilística que não se apoiava em recursos fílmicos como *back projections* e planos primeiríssimos dos atores que teoricamente estariam conduzindo os carros. Como filmar um ator, que se encontra confortável e seguro dentro de um estúdio, de modo que o espectador acredite que ele está em um Mustang, a 180 km por hora? Em *Bullitt* o enigma se resolve facilmente. Steve McQueen dispensou dublês e assumiu o comando de seu carro pelas íngremes ladeiras de São Francisco.

E as perseguições são inevitáveis quando a missão do policial Frank Bullitt (McQueen) é proteger, por 40 horas, uma testemunha chave do inescrupuloso político Walter Chalmers (Vaughn).

O coquetel é perfeito: ambições políticas, chantagem, o olhar frio de Steve McQueen, atentados e, principalmente, perseguições antológicas. Tudo isso alinhava-se pela montagem precisa, pela câmera que parece estar sempre à espreita por trás de vidros e pelo contraponto entre a boa trilha sonora de Lalo Schifrin e momentos de silêncio angustiante. *C B*

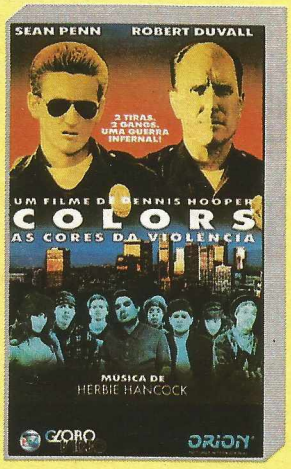
COTAÇÕES SET:
★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ EXCELENTE
★★★★★ OBRA-PRIMA

Fox

Uma blitz nas cores da violência capitaneada por Penn e Duvall

COLORS — AS CORES DA VIOLÊNCIA ★★★

(Colors, EUA, 1988)
Direção: Dennis Hopper. Com Sean Penn, Robert Duvall, Maria Conchita Alonso, Trinidad Silva, Glenn Plummer. Globo Vídeo.



O tema é explosivo: a guerra das gangues que controlam o tráfico de crack — perigoso derivado de cocaína, mais barato e mais potente — em Los Angeles. Sob duas grandes divisões — Bloods, que vestem vermelho, e Crips, que vestem azul — se abrigam mais de seiscentos subdivisões, somando perto de setecentos mil membros, em sua maioria negros e chicanos, armados até os dentes. Em 1987, a rivalidade entre as gangues foi responsável por quatrocentos assassinatos em L.A.. As proporções da catástrofe alarmam as autoridades.

O diretor é Dennis Hopper, uma personalidade controvertida. A história de sua vida e sua carreira tem uma estreita relação com os cult movies da juventude. Hopper trabalhou como coadjuvante em *Assim Caminha a Humanidade* e *Juventude Transviada*, dois dos três únicos filmes que James Dean, de quem era amigo, estrelou. Em pleno *flower power*, dirigiu e protagonizou *Easy Rider*, que oferecia um retrato dos anos sessenta e já anunciava o fracasso do projeto hippie. Não que *Colors* tenha a mesma importância emblemática destes outros exemplos; mas oferece algumas pistas para se entender os anos oitenta. *Colors* tem um roteiro bem simples, que parte de um clichê de filme policial: o relacionamento conturbado de dois policiais, o jovem McGavin (Sean Penn) e o maduro Hodges (Robert Duvall). Hodges, experiente, sabe que não se erradica o crime. No máximo, tenta-se evitá-lo. McGavin é um afoito aluno da escola Rambo: bata primeiro e pergunte depois. Enquanto patrulham as ruas, as discordâncias de método afloram no meio do fogo cruzado da guerras entre Crips, Bloods e a facção chicana, a 21th Street Gang. Mas o roteiro é o menos importante.

O mérito de Hopper foi escolher a despretensão. Ele se limita a olhar e reportar o que viu, sem julgamento moral nem justificativa sociologizante. Sua abordagem é semelhante à dos raps que compõem a trilha sonora, peça essencial do filme. Herbie Hancock, responsável pela trilha, selecionou os nomes mais significativos das diversas tendências da música negra moderna: Erik B. & Rakim, Salt'n'Pepa, Coldcut e destacando o compositor da faixa-título, Ice T, que escapou por pouco de se tornar um criminoso. Assim como Ice T recolhe a linguagem das ruas, a fala do jovem negro dos guetos americanos, e a transforma em música, Hopper coletou fragmentos visuais e comportamentais e os transpôs para a tela. Sem misericórdia, ele os retratou com toda a sua violência, desesperança e desejo irracional de vingança.

A isenção de Hopper recebeu o aval da polícia, que colaborou como consultora, e das gangues, que cederam vários dos figurantes. É verdade que a estréia de *Colors* em Los Angeles foi tumultuada, pois a polícia temia que sua exibição provocasse uma onda de violência. Também é verdade que, se *Colors* não é nenhum grande filme, ele é feito de uma dinamite poderosa, o que sempre merece atenção.

Bia Abramo

COMÉDIA

VOLTA DOS TOMATES ASSASSINOS ★★★

(Return of the Killer Tomatoes, EUA, 1987)
Direção: John DeBello. Com Anthony Stark, George Clooney, Karen Mistal, Steve Lundquist, John Astin, "Rock" Peace. Canal 3.

A invasão vermelha . É assim que é chamado o levante feito pelos tomates, em 1978 (*Ataque dos Tomates Assassinos*). Nesses 11 anos de guerra-fria, os tomates ficaram proibidos em toda a América. E pelo tráfico clandestino do vegetal, qualquer pessoa pode ser detida sem clemência. Até as pizzas passaram por um processo radical na culinária: molho de tomates, nunca! Finletter ("Rock"Peace), o herói da primeira história, é hoje um pizzaiolo consciente das massas, e ainda faz campanha contra outra possível invasão vermelha. Seu sobrinho Chad (Anthony Stark) é apaixonado por Tara (Karen Mistal) — na verdade uma mulher-tomate, criada pelo Dr. Gangreen (John Astin) tenra e gostosa, programada para cozinhar 815 pratos diferentes e, na cama, capaz de cumprir 637 "novas posições". O romance entre os jovens é inevitável... Mas a salada ainda não está completa.

Dirigido pelo mesmo DeBello de o *Ataque*, esta *Volta dos Tomates Assassinos*, é uma grata surpresa. Abandonando o perfil amadorístico do primeiro episódio (que já foi cultuado como um dos piores filmes de todos os tempos) esta produção — ainda que *B* — apresenta um humor muito mais "profissional", num estilo próximo ao trio ZAZ (de *Apertem os Cintos*). Com todas as piadas e o besteirol que o gênero exige. *D.G*

OS FANTASMAS SE DIVERTEM ★★★

(Beetlejuice, EUA, 1988)
Direção: Tim Burton. Com Michael Keaton, Alec Baldwin, Geena Davis, Winona Ryder. Warner.

Adam e Barbara (Baldwin e Davis) se amam e são felizes. Vivem numa morada de sonho, no alto de uma colina. Certo dia, sofrem um patético acidente de carro e morrem. A princípio não percebem, pois tudo parece igual. No entanto — primeiro indício — a sua casa é colocada para alugar. E logo vêm os novos locadores: uma família terrivelmente chata. Obrigado a se retugiar no sótão, o casal de fantasmas recorre a uma bizarra burocracia do além-túmulo, com o intuito de afugentar os intrusos. Sem obter resultado, resolvem apelar para o aloprado Beetlejuice (Keaton), um dissidente da repartição de assistência às almas no purgatório. E não é preciso dizer que, com as suas peripécias de horror, o "exorcista de vivos" faz uma confusão dos diabos.

Narrado em tom de fábula, o filme profana a imagem da morte de maneira irresistível, com efeitos absolutamente excêntricos e divertidos (ganhou o Oscar de maquiagem) e um baixo orçamento. Ponto para o jovem diretor Tim Burton (o mesmo de *Batman*), que coloriu o humor negro e elevou o gênero a uma outra dimensão. De onde talvez não retorne.... jamais. *D.B*

Abril Vídeo

Williams em **Bom Dia,Vietnã!**: *lunático falador e engraçado*

BOM DIA, VIETNÃ! ★★★

(Good Morning, Vietnam, EUA, 1987)
Direção: Barry Levinson. Com Robin Williams, Forest Whitaker, Tung Thanh Tran, Bruno Kirby. Abril Vídeo.

POPEYE ★★

(EUA, 1980)
Direção: Robert Altman. Com Robin Williams, Shelley Duvall, Ray Walston, Paul Smith. Abril Vídeo.

Desde sua estréia no cinema, o comediante Robin Williams apareceu em meia dúzia de filmes, incluindo *O Mundo Segundo Garp* (George R. Hill, 1982) e *Moscou em Nova York* (Paul Mazursky, 1984), mas na maioria seu talento foi desperdiçado ora pelo roteiro inconsistente, ora pela direção inadequada. Dois tiveram efeito contrário, funcionando como lentes de ampliação para o brilho singular de Williams — o primeiro, *Popeye* (Robert Altman, 1980) e o mais recente, *Bom Dia, Vietnã!* (Barry Levinson, 1987), que rendeu ao ator uma indicação para o Oscar.

Lunático, insano e engraçado, mesmo quando fala sério, Williams, um *wasp (white, anglo-saxon, protestant)* de classe média alta, nascido em Chicago há 37 anos, começou sua carreira fazendo performances em casas noturnas de Los Angeles, até estourar na TV como um *alien* amistoso de hábitos idiossincráticos no show humorístico *Mork and Mindy*, da rede ABC, sucesso estrondoso em 1978-79. O projeto Popeye de Altman parece ter sido feito de encomenda para Williams. Além da semelhança física, foi o veículo para mostrar sua habilidade incomum para imitar personagens estrambóticos — no caso, um herói de histórias em quadrinhos cheio de manias, tiques e trejeitos conhecidos por gerações, desde sua criação, por E.C. Segar, em 1929. O filme, um musical com ritmo de desenho animado, conta como Popeye, marinheiro de punhos de ferro, conquista Olívia Palito (Shelley Duvall) e encontra seu pai, conseguindo tudo o que quer com jeito de falar mastigando as palavras, soco de tufão e dieta de espinafre. O filme tem um roteiro fraco e dividiu opiniões da crítica, mas foi aclamado pelo público infantil.

Bom Dia, Vietnã! está entre as melhores comédias de guerra realizadas desde *M.A.S.H.* (Robert Altman, 1970) e foi a primeira oportunidade de Williams acionar no cinema toda a potência de seu histrionismo torrencial. A história, baseada em fatos reais, se passa em 1965, em plena guerra dos EUA contra o Vietnã do Norte. Adrian Cronauer (Williams), um disc-jóquei da rádio das Forças Armadas americanas, chega em Saigon para ressuscitar a programação local, até então um rosário de notícias frias amornadas em banho-maria pela música de Mantovani e Percy Faith. Embora aumente dia a dia o número de tropas ianques, e haja cada vez mais sabotadores escondidos nos becos para atacá-las, a rádio se mantém apática, refletindo uma calmaria ensolarada que pouco tem a ver com a obscura realidade do Vietnã.

Em poucos dias de trabalho, Cronauer joga a apatia pela janela junto com os discos de Mantovani, Percy Faith e Bing Crosby, substituindo-os pelos roucos lamentos de James Brown, Wayne Fontana e Martha Reeves. Entre uma canção e outra, Cronauer dispara sua metralhadora verbal de trocadilhos inteligentes e humor sagaz sobre sexo, política, o calor infernal da região e os regulamentos das Forças Armadas. Faz entrevistas imaginárias com personagens absurdos criados por ele mesmo, como um estilista do exército, que fala sobre a moda da temporada. Os superiores de Cronauer não aprovam seu estilo, mas a audiência o venera. O *plot* explora até o desfecho essa contraposição de forças, cujo maior beneficiário é o próprio Cronauer/Williams, num verdadeiro *tour de force* de um ator completo. *Mario Nery*

ASSASSINATO EM SEGUNDO GRAU ★★

(Plain Clothes, EUA, 1988)
Direção: Martha Coolidge. Com Arliss Howard, George Wendt, Suzy Amis. CIC.

Arliss Howard (*Nascido para Matar*) é o herói desta comédia policial. Ele é o tira Nick Dunbar, constantemente escalado para atuar nos casos mais corriqueiros ao lado de um velho companheiro à beira da aposentadoria. A oportunidade de se tornar um policial de verdade aparece quando o seu irmão caçula é acusado de matar um professor. Dunbar vai tentar provar a inocência do irmão, mas para isso será preciso fingir-se de aluno e voltar a freqüentar o odiado colégio.

A diretora Martha Coolidge consegue alguns momentos engraçados ao deter-se no comportamento do herói face a um universo que lhe é desagradável e até hostil. O resultado final é, no entanto, prejudicado pelo roteiro que, ao embaralhar demais os dados necessários para a elucidação do mistério, torna a trama um tanto confusa. *P.C.*

GATINHAS E GATÕES ★★

(Sixteen Candles, EUA, 1984)
Direção: John Hughes. Com Molly Ringwald, Anthony Michael Hall, Paul Dooley. CIC.

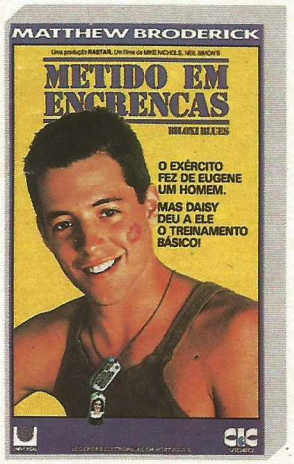
É dia do aniversário de Samantha (Molly). 16 anos (as 16 velas do título original). Mas ninguém lembra. Pais, amigos, o irmãozinho pentelho e até mesmo os avós — que normalmente não pensam em outra coisa — todos estão voltados para o casamento da irmã mais velha, mimada por excelência. Para piorar seu dia, Sam (como é chamada) se dá conta de que o rapaz dos seus sonhos (Dooley) não sabe sequer da sua existência. Pior: um garotinho prosa (Michael Hall) gruda em seu encalço com propostas desajeitadas, sempre na hora errada.

Explorando ao máximo as suscetibilidades adolescentes, o diretor e roteirista John Hughes, um especialista no assunto (foi, entre outras coisas, roteirista de *A Garota de Rosa Shocking*, diretor de *Clube dos Cinco* e produtor de *Alguém Muito Especial*), desta vez exagerou nas baboseiras. Afora os conflitos usuais,

há momentos que beiram o grotesco. Mas, curiosamente, têm certa autenticidade. Em boa parte por causa das presenças de Molly Ringwald e Anthony Michael Hall. *D.B.*

METIDO EM ENCRENCAS ★★★

(Biloxi Blues, EUA, 1987)
Direção: Mike Nichols. Com Matthew Broderick, Christopher Walken, Corey Parker, Matt Mulhern, Penelope Ann Miller. CIC.



Biloxi, Mississippi. Base americana para treinamento de recrutas. A Segunda Grande Guerra está em pleno curso, é 1943. O jovem Eugene Morris Gerome foi convocado. Ele quer ser escritor. É espirituoso, irrita e agrada a todos ao mesmo tempo. Todos os seus amigos são também seus inimigos. E vice-versa. Há o grandalhão Wykowski, truculento e bravateiro; Epstein, um judeu devorador de livros, hipocondríaco, possuidor de uma ética imprevisível; o psicótico sargento Toomey, disciplinador obsessivo, e outros tipos tão pitorescos e previsíveis quanto. Como não podia deixar de ser (o diretor, Mike Nichols, é o mesmo de *A Primeira Noite de um Homem*), além de dureza, Eugene, nos dias de licença, conhece o amor. Primeiro pelas mãos hábeis e compreensivas de uma prostituta. Depois, através de um encontro luminoso com uma linda garota, Daisy.

O roteiro, autobiográfico, é do superestimado dramaturgo judeu Neil Simon. Segunda parte de uma trilogia (a primeira é *Confissões de um Adolescente*, também em vídeo), foi sucesso absoluto na Broadway. No entanto, quem empresta charme e comicidade aos diálogos é Matthew Broderick (que também atuou na versão teatral), na pele de Eugene. E Christopher Walken, como o sargento Toomey, é seu mais-que-perfeito antagonista. *D.B.*

EDDIE MURPHY SEM CENSURA ★★

(Eddie Murphy Raw, EUA, 1987)
Direção: Robert Townsend. Com Eddie Murphy. CIC.

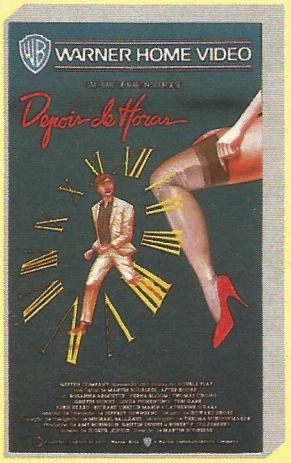
A seqüência inicial dá o tom deste show filmado ao vivo no Felt Forum de Nova Iorque. Ela mostra um Eddie Murphy ainda garotinho, contando piadas cabeludas para perplexos familiares reunidos para a comemoração de um feriado religioso.
Astro capaz de levar multidões às bilheterias dos cinemas, Murphy faz o que pode para segurar sozinho hora e meia de espetáculo. Nem sempre consegue. O problema maior está nas piadas, já que nem todas são engraçadas e algumas chegam mesmo a cair no vulgar e no escatológico, principalmente as sexualmente picantes. Murphy dança, faz caretas, mas é melhor quando se põe a imitar personalidades como Bill Cosby e Richard Pryor. Ainda assim, os mais sensíveis fecharão os ouvidos à torrente de palavrões que jorra em fluxos contínuos da boca do ator/comediante.
A principal conseqüência dessa agressividade verbal, muitas vezes gratuita, é a perda da naturalidade. Para os fãs de Murphy resta, ao menos, uma certeza: a de que ele é melhor ator do que *showman*. *P.C.*

Warner

Toda aquela loucura depois do expediente, com Griffin Dune e Rosanna Arquette

DEPOIS DE HORAS ★★★★

(After Hours, EUA, 1985)
Direção: Martin Scorsese. Com Griffin Dunne, Rosanna Arquette, Linda Fiorentino, Teri Garr, Verna Bloom, John Heard Warner.



Considerado pela crítica como uma versão metropolitana de *Alice no País das Maravilhas* ou um *"Ulisses* pós-moderno", *Depois de Horas* traz no seu título original o significado de "depois do expediente", a *happy hour* de Paul Hackett (Dunne), um anônimo digitador, executivo de uma grande empresa. *Trópico de Câncer* é sua leitura predileta. Ler Henry Miller, sozinho, numa lanchonete de Manhattan é isca para atrair qualquer coisa. Até mesmo uma garota aparentemente simpática chamada Marcy (Rosanna Arquette)que o convida a conhecer seu *loft* — um estiloso apartamento sem muito glamour — no Soho, bairro de artistas e ou pervertidos, *outsiders* de todo tipo. Com o telefone dela anotado no livro, ele esquece Miller e vai à farra, quixotesco, munido de uma nota de 20 dólares.
A partir daí, deu a louca no Soho. Mulheres não faltam. Como em Almodóvar, quase todas à beira de um ataque de nervos. Desamadas e armadas, transformam o desejo de Paul em desespero atônito. Kiki (Linda Fiorentino) é uma escultora de visual sado-masô; Julie (Teri Garr, hilariante), uma garçonete que sabe operar máquina de xerox e tem idéia fixa nos anos 60; June (Verna Bloom), uma vendedora de sorvetes; e mais um batalhão de vizinhos, verdadeiros alienígenas urbanos, que fazem da perseguição ao estranho invasor uma autêntica empresa, um passatempo alucinógeno.
A histeria das mulheres é acompanhada de perto pela histeria da câmera de Scorsese — prêmio de direção em Cannes, 1986 — que trabalhou o roteiro de Joseph Minion (na verdade um tabalho escolar para a Universidade de Columbia). O resultado, uma fábula bizarra e asfixiante, na qual Hackett — sem vestir os sapatos vermelho de Dorothy, de *O Mágico de Oz* — perde-se no próprio pesadelo e só tem uma vontade na cabeça: a volta ao lar ou, mais precisamente ao escritório. Não há melhor lugar que o trabalho, define Scorsese. *Dilson Gomes*

VÍDEO LANÇAMENTOS

BANZÉ NO OESTE ★★★
(Blazing Saddles, EUA, 1974)
Direção: Mel Brooks. Com Cleavon Little, Gene Wilder, Slim Pickens, Madeline Kahn, Harvey Korman, Mel Brooks. Warner.
Mel Brooks é capaz de qualquer coisa para arrancar risadas do público — desde espancar velhinhas e esmurrar cavalos, até compor uma sinfonia de traques. Trafega à vontade do surrealismo à escatologia, da metalinguagem ao mau gosto, da afronta à homenagem. É insano, selvagem, rápido e, por tudo isso, irregular.
Banzé no Oeste não só ridiculariza os clichês do gênero western, como os do próprio cinema. A história — mero pretexto para uma avalanche de gags — se passa em Rock Ridge, uma cidadezinha ameaçada de extinção pela construção de uma estrada de ferro. O vilão por trás disso é o advogado Hedley Lamarr (que todos confundem com *Hedy* Lamarr), inescrupuloso até o último fio de cabelo. Sabendo como são racistas os habitantes de Rock Ridge, empurra um negro, Black Bart (o simpático Cleavon Little), para o cargo de xerife. Segundo seus cálculos, o novo xerife seria prontamente linchado, e a cidade ficaria à sua mercê. Mas não é o que acontece. Com a ajuda do mais rápido pistoleiro do oeste, Wako Kid (Wilder, um cruzamento de Woody Allen e Danny Kaye, só que mais aloprado), o xerife Bart se desembaraça da situação. Mesmo tendo que enfrentar, além da suposta hostilidade da população, o enorme Mongo e a venenosa cantora do cabaret local (Madeline Kahn, numa sátira a Marlene Dietrich).
Mel Brooks faz dois papéis. Num, ele é um político corrupto e beberrão; no outro, é um chefe índio que só fala ídiche. Também elaborou o roteiro, com a ajuda de quatro colaboradores (entre eles o comediante Richard Pryor), em que as piadas se sucedem tão velozmente que pisam nos calcanhares umas das outras. Mas há momentos brilhantes. Num deles, por exemplo, um cidadão exclama, assustado: "Eles invadiram a cidade espantando nossas mulheres e estuprando nosso gado". Em outro, quando se espera que os trabalhadores negros da estrada de ferro entoem uma triste *worksong*, saem-se com uma versão elegante de *I Get a Kick Out of You*, de Cole Porter. Não há mau humor que resista. *D. B.*

SUSPENSE

BUSCA FRENÉTICA ★★★
(Frantic, França, 1987)
Direção: Roman Polanski. Com Harrison Ford, Betty Buckly, John Mahoney, Emmanuelle Seigner. Warner.
O último Polanski mostra Paris pela porta dos fundos, com inferninhos onde a droga rola solta e onde as lixeiras são recolhidas por caminhões. Não tem a mesma força dos outros filmes do diretor, mas tem toda sua compulsão para histórias do submundo, o talento para descobrir mocinhas bonitas (sua namorada Emmanuelle) e compor personagens desesperados (o doutor Walker, de Harrison Ford).
Ford, sem dúvida, é quem segura a trama nas costas como um americano recém-chegado a Paris com a mulher (Betty), depois de 20 anos sem pisar na cidade. Eles estiveram lá em lua-de-mel em pleno 1968, quando as barricadas dos estudantes agitavam as ruas. Agora a mulher do doutor é seqüestrada logo que chegam ao país, depois de uma intrincada troca de malas.
Ford faz um personagem patético que procura o fio do novelo do desaparecimento da mulher, esbarrando na burocracia francesa e na bela Emmanuelle. Mas nada acontece entre eles, apesar da disposição da garota. Juntos, buscam descobrir o que os seqüestradores exigem para tentar recuperar, enfim, a esposa e o "american way of life". No caso, o cinismo e a sensualidade de Seigner dão mais sentido a essa ronda frenética. Com citações de Hitchcock, o roteiro de Polanski e Gerard Brach tripudia em cima do perigo, vertiginosamente. *C.G.L.*

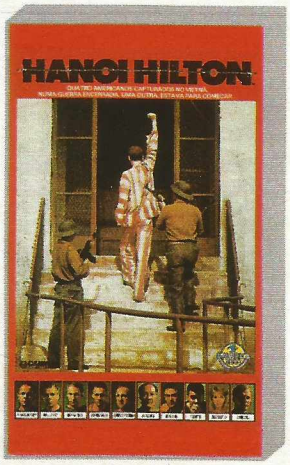
CIC
***O D.J. Eastwood ao lado da namorada (Donna Mills), na antecipação de* Atração Fatal**

PERVERSA PAIXÃO ★★★
(Play Misty for Me, EUA, 1971)
Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Jessica Walter, Donna Mills, John Larch. CIC.
O D.J. Dave Garland (Eastwood) toca músicas românticas em seu programa, recita poemas e recebe com freqüência o mesmo pedido anônimo: "Toque *Misty* para mim". Inevitavelmente, Dave conhece a dona da misteriosa voz, Evelyn Drapper (Jessica Walter). Para ele, o encontro não passaria de uma breve e descompromissada aventura. Porém, o que o título em português prevê mas Dave não imagina é que a suave Miss Drapper é na realidade uma psicopata homicida que pretende levar às últimas conseqüências sua paixão não correspondida. O seu ódio torna-se ainda maior ao descobrir que Dave possui outra namorada, Tobie (Donna Mills). Nada melhor do que transformá-la em seu objeto de vingança.
O suspense em *Perversa Paixão* seria mais eficiente se as suas semelhanças com *Atração Fatal* não fossem tão óbvias. A personagem de Glenn Close é a versão yuppie de Evelyn Drapper, enquanto Michael Douglas seria uma vítima na mesma medida que Clint Eastwood, não fossem seus dramas morais de homem casado. O lançamento de *Perversa Paixão* em 1971 não provocou polêmica tão arrebatada como a que ocorreu em 1987 com o seu sósia campeão de bilheteria. Por outro lado, lançou a promessa de Eastwood como diretor, livrando-o da condição de mero astro de inúmeros westerns spaghetti de Sergio Leone. O êxito de sua produtora "Malpaso" e o incentivo do veterano Don Siegel foram fundamentais para que ele ousasse seus primeiros passos na direção. O mesmo Siegel, que assinou *Dirty Harry*, aparece aqui fazendo uma ponta como barman para dar segurança ao amigo Eastwood nos primeiros dias de filmagem.
Perversa Paixão é um *début* bem realizado, com boas atuações (notadamente Jessica Walter), porém com ritmo por vezes truncado. Os interlúdios são longos e as conclusões, precipitadas. De qualquer forma é curioso ver o primeiro filme de uma promessa brilhantemente concretizada em *Bird*. *Chris Bierrenbach*

IDENTIDADE CONFIRMADA ★★★
(Positive I.D. EUA, 1987)
Direção: Andy Anderson. Com Stephanie Rascoe, John Davies, Steve Fromholtz. CIC.
Uma dona de casa (Stephanie Rascoe) em crise depressiva e com problemas de adaptação após ter sido barbaramente violentada, decide assumir uma nova identidade, afastando-se da família e levando uma vida dupla. Passa então a freqüentar locais suspeitos e a adotar um estranho comportamento. Há um motivo para isso tudo, revelado no final.
Apesar do ritmo lento, essa produção independente realizada com parcos recursos consegue reter a atenção. Tentado a ver no comportamento da heroína nada mais que uma flagrante incapacidade de lutar contra o trauma psíquico, o espectador não deixará de se surpreender com o desenlace final. Em nenhum momento, salvo numa única seqüência, o filme descamba para a violência. Ainda assim um permanente clima de ameaça e tensão paira sobre as imagens. *P.C.*

GUERRA

HANOI HILTON ★
(The Hanoi Hilton, EUA, 1987)
Direção: Lionel Chetwynd. Com Michael Moriarty, Jefrey Jones, Paul leMat, Gloria Carlin. América.



O filão "guerra do Vietnã" parece mesmo inesgotável. Apesar de todos os filmes definitivos sobre o assunto, sempre se pode encontrar um ângulo ainda inexplorado. Esse trata dos soldados americanos confinados na prisão de Hoa Lo em Hanoi, à mercê do ódio vietnamita à intervenção americana. Humilhações e torturas de todos os tipos são usadas para tentar derrubar a convicção inabalável dos soldados no seu governo e na certeza de estarem servindo o seu país, um incontestável dever patriótico. Mas o filme trata também de outras coisas como a solidariedade e a vulnerabilidade do ser humano. De como os valores são relativos e tudo pode mudar de uma hora para outra. O roteiro é um pouco confuso. Os atores, mesmo os desconhecidos, fazem um bom trabalho. É um filme bem cuidado e, sem dúvida, americano. Apela um pouco excessivamente aos sentimentos, puxa a sardinha para sua brasa e passa de leve pela questão dos EUA terem, em um certo momento, percebido o equívoco de entrar nessa guerra. O final feliz e heróico garante 100% sua nacionalidade. *G.H.*

MGM

O Homem de Palha (Ray Bolger) e Dorothy (Judy Garland) no caminho que vai dar em Oz

MÚSICA

O MÁGICO DE OZ ★★★★
(The Wizard of Oz, EUA, 1939)
Direção: Victor Fleming. Com Judy Garland, Bert Lahr, Frank Morgan, Ray Bolger. Vídeo Arte.

Certo dia Dorothy, uma menina de Kansas, faz um pedido às estrelas que a conduz ao outro lado do arco-íris. Ao lado de seu cãozinho Totó e três amigos — um leão covarde que quer coragem, um espantalho que quer inteligência e um homem de lata que quer coração — chega a Oz. Lá, há uma terra encantada e paradisíaca cheia de pássaros azuis e um mágico (Frank Morgan) maravilhoso. Superprodução da MGM, o filme tem mais a marca desse estúdio do que dos diretores que nele trabalham. Difícil saber o que é de quem. Inicialmente o produtor Mervyn Le Roy escolhera Richard Thorpe para dirigir o filme. Thorpe foi substituído por George Cukor, que por sua vez foi substituído por Victor Fleming, "convencido" sob a ameaça de perder o emprego.

Mas Fleming não terminou o filme, pois foi trabalhar em... *E o Vento Levou*. Quem encerrou o trabalho foi King Vidor. Segundo se conta o *big boss* da MGM (Louis B. Mayer), após ver o sucesso que Walt Disney conseguiu com *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937), achou que deveria investir também nos "baixinhos", sem desprezar os "altinhos". Encontrou a solução numa série de contos escritos por Lyman Frank Baum reunidos num livro chamado *The Wonderful Wizard of Oz*, que já haviam sido filmados (1910 e 1925). Para o papel de Dorothy, Mayer queria a menininha queridinha, adorável e prodígio Shirley Temple, que era da Fox e não foi emprestada. Judy Garland, com 16 anos (considerada velha para o papel), protagonizou o filme, sendo "rejuvenescida" com maquiagem e um sutiã especial. A peruca loira que ganhou no início (que a deixava com cara de boneca), foi retirada por Cukor, quando pôs a mão no filme. Judy se transformou numa das maiores stars da época.

O filme espanta ainda hoje, sobretudo pelo uso de vários tipos de fotografia e pela criatividade dos cenários. Mas um dos maiores destaques fica por conta das oito canções de Harold Arlen e E.Y Harburg, entre as quais a mitológica *Over The Rainbow*, cantada por Judy Garland, e que simboliza todo o filme. Quando estreou, rendeu quatro milhões de dólares (assombroso para a época). As interpretações sobre essa fábula musical são variadas: Oz seria uma "metáfora" de Hollywood (mais especificamente da MGM), já que a menina larga a vida rotineira para mergulhar na fantasia liderada por um mágico (Mayer?). O filme realizaria assim uma espécie de "referência" ao próprio cinema (tão banal hoje), pois fala exatamente da viagem do irreal tornado real.

Alguns engraçadinhos viram no campo de papoulas mais do que flores bonitas e na "viagem" de Dorothy (ao lado de vários homens) algo mais ambíguo e erótico do que um sonho ingênuo (Pode?). Imitado e citado com freqüência — o filme *Zardoz*, de John Boorman, por exemplo, faz uma referência através da fusão Zard of Oz do título — deu Oscar para Judy Garland e para a canção *Over The Rainbow*. Baum escreveu vários livros sobre essa utopia e influenciou a literatura infantil do mundo inteiro. O livro gerou uma versão *black (The Wiz)* feita para o teatro e filmada por Sidney Lumet em 1978, com Diana Ross como Dorothy e Michael Jackson como o espantalho (Pode?). *O Mágico de Oz* toca no desejo primordial: o de sermos levados por um ciclone para a alegria colorida "além do arco-íris", longe do nosso mundo em preto e branco.

Nem que seja para mais tarde voltarmos felizes para casa, pois não há nenhum lugar como ela.

Antonio Querino Neto

Danças e contradanças no mais espetacular dos filmes, com Vivien e Gable

ROMANCE

... E O VENTO LEVOU ★★★★

(Gone With The Wind, EUA, 1939)
Direção: Victor Fleming. Com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard.
Vídeo Arte.

Mais de vinte livros foram escritos sobre ele. Um festival de recordes: na época, foi o filme mais caro da história do cinema (custou a bagatela de 4,25 milhões de dólares), o mais longo (222 minutos), o mais popular, a maior bilheteria, o maior número de Oscar... Imortalizou seu produtor David O. Selznick, que, em 1936, ao ler as milhares de páginas do único livro de Margaret Mitchell — *Gone With The Wind* —, resolveu adquirir os direitos de filmagem. Selznick farejou o sucesso. Chamou Sidney Howard para escrever o roteiro (que seria bastate mexido posteriormente), William Cameron Menzies para fazer o desenho de produção e George Cukor para dirigir.

Logo Cukor foi substituído por Victor Fleming, que teve um chilique e Sam Wood assumiu até a sua volta. Sem falar das seqüências dirigidas pelo próprio Selznick e Cameron Menzies.

A história da produção tem toda a confusão dos filmes lendários: às vezes, os atores nem sabiam quais seriam as falas no próprio set. Lançando-o num ano recheado de obras-primas (*O Morro dos Ventos Uivantes, No Tempo das Diligências, O Mágico de Oz, O Corcunda de Notre Dame,* etc) Selznick (produtor independente, que tinha contrato de distribuição com a United Artists) escolheu Clark Gable para ser o galã (que pertencia a Metro) após cogitar os nomes de Gary Cooper, Errol Flyn e outros. Deixou com a MGM os direitos de distribuição e metade (!) da renda do filme. Com a mocinha, foi mais complicado. Selznick não viu em nenhuma diva da época a sua heroína aristocrática.

A produção fez então uma campanha, mas não aprovou as cerca de 1 500 desconhecidas testadas. Segundo a lenda, uma tal de Vivian Leigh chegou ao estúdio onde o filme já estava sendo rodado, ao lado do irmão de Selznick, que fez as apresentações. Foi aprovada, trocou o sotaque britânico pelo norte-americano sulista e os olhos azuis foram cobertos por lentes verdes (como descreve o livro). Complemento indispensável, a longa e heróica trilha sonora foi escrita, arranjada e regida pelo maestro Max Steiner em apenas três meses. Curiosidade: mesmo antes de encontrar a Scarlet O'Hara ideal, Selznick começou as filmagens rodando a seqüência do incêndio de Atlanta com um casal de dublês.

A autora Margaret Mitchell (genialmente satirizada no curta-metragem brasileiro *Idos com o Vento,* de Isay Weinfeld e Márcio Kogan) estava recuperando-se de um acidente quando iniciou esse romance de qualidade duvidosa, mas que se tornaria best seller mundial. Dizem que levou dez anos para escrever essa romantização da Guerra da Secessão norte-americana vista pela ótica do derrotado sul. Nela, Scarlet O'Hara (Vivien Leigh), sulista mimada e orgulhosa, sente seu mundo ruir com a guerra civil que devasta tudo, e vive uma complicada paixão com o cínico capitão Rhett Butler (Clark Gable). O filme tem vestidos de seda (num baile, Scarlet é a única vestida de "maligno" preto), espartilhos, mucamas simpáticas, batalhas, e o mais famoso "fora" do cinema, quando Butler diz "Frankly, my dear, I don't give a damn!" ("Francamente, querida , eu não dou a mínima!") a Scarlet. Leituras "sociolóides" e psicanalizantes também não faltaram: Scarlet como a "nova" mulher e seu " individualismo capitalista" renascendo das cinzas agrárias, etc. Vê-lo como sério retrato histórico do conflito que aborda é tolice. É o retrato (isso sim) exagerado e espetaculoso do tempo em que foi realizado: a "era de ouro" do cinema, que o vento levou.

Antonio Querino Neto

ANIMAÇÃO

PLANETA FANTÁSTICO ★★★

(La Planete Sauvage, França/Tchecoslováquia, 1973)
Direção: René Laloux. Roteiro, diálogos e desenhos: Roland Topor.
Canal 3.

No planeta Ygam vivem os Draags, uma raça de seres gigantescos que alcançaram a perfeição tecnológica. Suas diversões são a meditação e brincar com os seres humanos, chamados de Oms, reconduzidos ao estado selvagem depois da destruição da Terra. Num cenário que mistura seres carnívoros, crateras incubadoras, animais e vegetais cruéis, os pequenos Oms sobrevivem como animais de estimação, até que Teer, em convívio com os Draags, aprende a usar os "fones de instrução" e adquire todo o conhecimento draagiano. Ciente de sua condição servil, Teer e outros humanos se rebelam e iniciam uma guerra contra os Draags. Esta história, psicodélica por essência, é um marco do cinema dos anos 70 — por explorar os ambientes alucinógenos das viagens hippies — que mereceu o Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 1973. *D.P.*

A PRINCESA CANTORA ★★

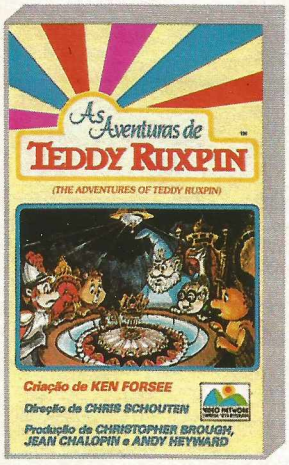
(The Singing Princess, EUA, 1967)
Direção de animação: Anton Gino Domeneghini. Tela Um.

O bondoso xeique Oman quer escolher para casar com sua sobrinha Sheila o mais valente entre todos os príncipes das redondezas. Para tanto, manda mensageiros a todos os califados vizinhos. Porém, os mensageiros são interceptados por Orko, assecla do malvado xeique Iafan, que assim pode concorrer sem rivais à mão da princesinha cantora.

Trata-se de um desenho bonito, que lembra as produções Disney, mas apresenta sérios problemas de dublagem. *C.G.D.*

AS AVENTURAS DE TEDDY RUXPIN ★★

(The Adventures of Teddy Ruxpin, EUA)
Direção: Chris Schouten VTI.



Episódios da série que tem como protagonista Teddy Ruxpin, um ursinho que se envolve em mil e uma peripécias ao lado de Engenhoca, um inventor maluco e muito desastrado. São aventuras bem ao estilo das séries televisivas, com uma ou outra tiradinha de humor. Músicas cantadas em português. *C.G.D.*

O CRISTAL ENCANTADO ★ ★ ★

(The Dark Cristal, EUA, 1983)
Direção: Jim Henson e Frank Oz. VTI.

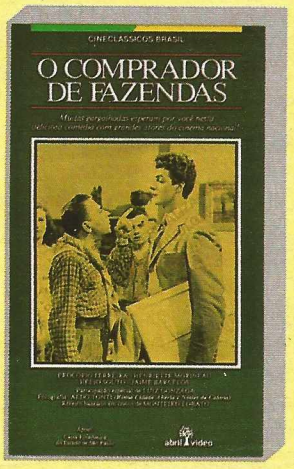
A rivalidade entre dois grupos de misteriosos seres, os Esquetes e os Místicos, leva Jen, um gelfing (um dos últimos sobreviventes da raça dos Elfos), a cumprir a profecia do cristal encantado, que diz que quando os três sóis se encontrarem um gelfing terá que purificar o cristal, transformando o que está dividido em um só.

O enredo de Jim Henson é original e envolvente, compondo uma história de magia e encanto, principalmente com relação ao elenco de bonecos, numa performance admirável. Um filme que merece ser visto tanto pelas crianças como pelos adultos. *M.R.G.*

NACIONAL

O COMPRADOR DE FAZENDAS ★★★

(Brasil, 1951)
Direção: Alberto Pieralisi. Com Procópio Ferreira, Henriette Morineau, Hélio Souto. Abril Vídeo.



QUEM MATOU ANABELA? ★★★

(Brasil, 1956)
Direção: David D. Hamza. Com Procópio Ferreira, Carlos Zara, Ruth de Souza. Abril Vídeo.

Antes do início dessas duas produções dos anos 50, somos surpreendidos no vídeo com um minucioso documentário propagandístico sobre os recursos e instalações da Cinematográfica Maristela. Produtora surgida em São Paulo em 1950 no bairro de Jaçanã (quando a Vera Cruz estava

Procópio Ferreira (ao centro) desatando os nós que levam ao assassino de Anabela

saindo de cena), a Maristela também tentou organizar um cinema brasileiro em moldes industriais (com *star system* e tudo), mas sem possuir os recursos de sua "prima rica". Chefiada pela família Audrá, a empresa engoliu vultoso capital em sua produção planificada, acabando no conhecido beco sem saída financeiro das outras tentativas semelhantes anteriores.

No entanto, a Maristela legou bons filmes à história do cinema nacional, entre os quais *O Comprador de Fazendas* e *Quem Matou Anabela?*, ambos estrelados pelo carismático e talentoso ator Procópio Ferreira (1898-1979). Baixinho, atarracado e narigudo, como um autêntico antigalã, Procópio morreu aos 81 anos de idade, após uma carreira brilhante que incluiu mais de 400 peças de teatro(!), livros e aparições mitológicas em cinema e televisão. Engraçado, dotado de uma personalidade fascinante (tradicionalista e moralista às vezes), encarnou tipos populares como os dos filmes *Pureza* (1940), em que interpreta José Lins do Rego; *O Homem do Papagaio* (1953), em que satiriza a mania nacional de aparentar status embora assolado pelos credores e papagaios (promissórias) e *Em Família* (1968), seu último trabalho, que recebeu o prêmio Air France.

"Ela foi amada por quatro homens... e detestada por todas as mulheres!" Era o que assegurava o slogan publicitário de *Quem Matou Anabela?*, publicado nos jornais na ocasião de sua estréia. Co-produzido com a Columbia, o filme deu grande prejuízo à Maristela, que arcou com o grosso dos gastos. Seguindo uma intuição *à la* Sam Spade ("Todos são suspeitos"), o comissário Ramos (Procópio) vai a uma pensão investigar o misterioso assassinato de Anabela (Ana Esmeralda), grande estrela da TV e do cinema. Diálogos perfeitos, trama inteligente com flashbacks e "climas", romantismo e um bem armado final surpresa. Já em *O Comprador de Fazendas* (baseado num conto de Monteiro Lobato), Procópio vive um tipo matuto no estilo Jeca Tatu, que vive numa fazenda arruinada com uma dominadora atriz (Henriette Morineau). O casal quer achar um trouxa para vender a fazenda, e os credores pressionam. Até que um dia chega um milionário, que o caipira tenta enrolar. São filmes imprescindíveis para se conhecer melhor um jeito de fazer cinema que foi sepultado pela história, assim como a lenda Procópio, viva ainda hoje em celulóide. *Antonio Querino Neto*

AVENTURA

SANGUE SOBRE A ÍNDIA ★★★

(North West Frontier, Inglaterra, 1959)
Direção: J. Lee Thompson. Com Lauren Bacall, Kenneth Moore, Herbert Lom. F.J.Lucas.

Filme ambientado na Índia, em 1905, lembrando por isso o interessante *Narciso Negro*, da dupla Michael Powell e Emeric Pressburger. É também um raro filme que se salva da produção desigual do diretor de *Os Canhões de Navarone*. O roteiro de Robin Estridge mostra o período de constantes lutas religiosas, com os muçulmanos perseguindo um príncipe de seis anos. Para proteger o herdeiro, os ingleses o levam para um forte isolado, esperando transferi-lo em seguida para Delhi. Lauren Bacall, com sua beleza compenetrada, é uma governanta americana que cuida do menino. Mas rebeliões inesperadas fazem com que percam o último trem de refugiados e começa aí uma perigosa aventura. Thompson fez um filme bem à inglesa: agradável, elegante e com pinceladas de sarcasmo. *C.G.L.*

F.J. Lucas

Aos pés da divina babá (Valeria Golino), o pequeno fantasista Tommaso (Dino Jaksic)

PEQUENAS CHAMAS ★★★

(Piccoli Fuochi, Itália, 1985)
Direção: Peter Del Monte. Com Dino Jaksic, Valeria Golino, Carlotta Wittig. F.J. Lucas.

Em *Julia e Julia (Julia and Julia)*, a vida de uma mulher dividia-se, misteriosamente, em duas, propiciando ao diretor Peter Del Monte realizar uma intrigante incursão pelo thriller psicológico.

Neste quinto filme de sua carreira, Del Monte também trabalha com duas situações paralelas: a realidade imediata e aquela criada pelas fantasias de um garotinho de cinco anos.

Tommaso (Dino Jaksic) é um menino solitário que mora com os pais numa casa habitada ainda por um rei, um dragão e um robô. Embora estejam plenamente integrados ao mundo do garoto como qualquer ser de carne e osso, e até interfiram na rotina doméstica criando (daí o título) pequenos incêndios — invariavelmente atribuídos ao menino — os três são produtos de sua imaginação. Certo dia, durante um solitário passeio pelo bosque, Tommaso conhece Mara (Valeria Golino, de *Rain Man*), sua futura babá. Como num conto de fadas, o menino apega-se à jovem com o amor que uma criança de cinco anos pode sentir por um adulto. Ele a quer só para si.

O espectador pode ficar tentado a ver na trama, urdida pelo próprio Del Monte em parceria com Giovanni Pascutto, um sofisticado recurso meramente utilizado para, a pretexto de dissecar a mente infantil, ilustrar uma tese sobre o brotar da sexualidade. Não é o caso. Del Monte é hábil o suficiente para evitar cair na armadilha ao esboçar a complexidade de mecanismos psicológicos que regem o universo infantil, no qual o sexo é apenas mais um componente, mas não o único. Para Tommaso, sua babá representa o único elo que o liga à realidade, ao mesmo tempo em que ele a venera como a um ser de fantasia.

Dessa forma, à medida que o fascínio de Tommaso por Mara cresce, ele vai gradualmente libertando-se dos seres criados pela sua imaginação. Que são novamente recrutados quando a realidade torna-se um fardo demasiado pesado para ser suportado. É o que acontece quando Tommaso flagra Mara — que prometera ficar com ele para sempre — fazendo amor com a namorado. A fantasia volta então, pela última vez, a sobrepor-se à realidade. É também quando as pequenas chamas tornam-se finalmente grandes. Como os incêndios dos filmes que Tommaso inocentemente (?) assistia na TV.

Paulo Capuzzo

BRUCE LEE NO JOGO DA MORTE ★★★

(Game of Death, EUA, 1979)
Direção: Robert Clouse. Com Bruce Lee, Gig Young, Dean Jagger, Colleen Camp. F.J. Lucas.

O americano Robert Clouse, conhecido principalmente por *Operação Dragão*, com Bruce Lee, dirige aqui o astro dos filmes de kung fu pela última vez. Lee morreu durante as filmagens em 1973 e a produção ficou arquivada por seis anos, quando Clouse retomou a história, usando um recurso inédito. Como no filme o personagem de Lee, o lutador Billy Lo, precisa fugir de um sindicato mafioso, Clouse incorporou a morte do ator na trama como um truque do rapaz para mudar de identidade. Enquanto Billy Lo faz uma plástica e finge estar morto, aparecem na tela imagens do próprio enterro de Lee — uma solução mórbida mas muito eficiente. A partir da morte de Lee, o dublê Kim Lai Hong retomou seu papel. A montagem se encarregou de deixar a trama verossímil e os golpes de Lee se mostram ainda mais eficientes em ação do que muita violência e pancadaria cinematográfica atual. Chuck *(Braddock)* Norris, aliás, faz uma ponta. Uma das últimas cenas, na qual o mocinho acaba com os inimigos entre as caixas de um armazém, dá a Lee sua aura definitiva de super-herói. Junto aos créditos, o filme dá de lambuja uma colagem de cenas com o astro em ação.

C.G.L.

CONFLITO SANGRENTO ★★

(Conflict, EUA, 1965)
Direção: Daniel Mann. Com Sophia Loren, Peter Finch, Jack Hawkins, Hans Verner. Tela Um.

Às vésperas da criação do Estado de Israel, sionistas planejam seqüestrar o general Gustavo Schiller, criminoso de guerra nazista que colabora militarmente com os árabes. Para localizá-lo, é destacada a própria ex-mulher do carrasco, Judith Albach (Sophia Loren). As coisas se complicam porque ela e os sionistas têm razões diferentes para pôr as mãos em Schiller: Judith quer o criminoso de guerra e o homem que teria sido o responsável pela suposta morte do filho do casal; eles, o especialista em tanques pesados a serviço do inimigo.

A personagem interpretada por Sophia Loren é uma espécie de questionamento da causa sionista. Mas, no geral, se os judeus não aparecem explicitamente como os mocinhos da história, o filme acaba, em torno do conflito que envolve Judith e Schiller, dando margem a uma confusão entre coisas distintas: o anti-sionismo árabe (com o qual Schiller colabora) e o anti-semitismo nazista (do quel o general alemão efetivamente tomara parte durante a guerra).

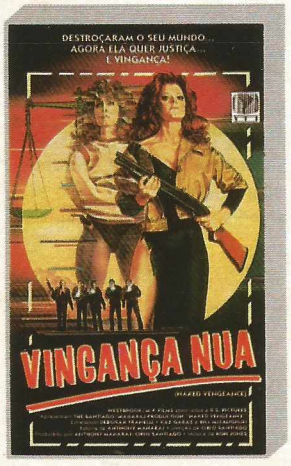
Questão palestina à parte, a despeito da falta de brilhantismo do diretor Daniel Mann, o filme tem uma trama instigante e imprevisível.

C.G.D.

DRAMA

VINGANÇA NUA ★

(Naked Vengeance, EUA, 1986)
Direção: Cirio Santiago. Com Deborah Tranelli, Kaz Garaz. VTI.



Carla Harris (Deborah Tranelli) realmente não tem sorte com os homens. Primeiro seu marido é brutalmente assassinado por um maníaco. Depois, um bando de bêbados a violenta e mata seus pais. Diante de tanto infortúnio e da inoperância da polícia, Carla não se faz de rogada. De dondoca insegura ela se transforma numa mulher que sabe bem o que quer: vingança.

Até então extremamente forçada, a trama passa a ser ditada por um ritmo fluente. O que não é suficiente para salvar o filme.

L.R.

TEM PROGRAMAÇÃO NOVA NA TV:

Standard

INFORMAÇÃO.

NOVO VIDEOCASSETE PHILIPS VR 6558. COM INDICAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO NA TELA.

▶ 1 ANO DE GARANTIA.

▶ À VENDA NA ZONA FRANCA DE MANAUS.

Para a Philips, ''tecnologia'' significa a maneira mais lógica de fazer as coisas. ▶ Veja por exemplo o novo Videocassete Philips VR 6558: ▶ nele, informações sobre programação e operação são processadas digitalmente e passadas na tela da sua televisão. Tão lógico, não? Afinal, não é pra lá que você olha quando está usando um vídeo? ▶ Com esse recurso, On Screen Display, você programa e opera passo a passo sem tirar os olhos da TV, evitando erros e operações indesejadas. ▶ Outra das atrações que você vai ver na tela é o Calendário, com informações de dia, mês e hora até um mês da data presente, auxiliando a pré-programação de gravações. E é lógico que a Philips não parou por aí. Seus avanços tecnológicos vão muito além: ▶ qualidade de imagem garantida por 4 Cabeças; ▶ Sistema VHS de Busca Indexada - VISS -, que localiza automaticamente para você o início de cada gravação na fita; ▶ Sistema Pal-M/NTSC automático e Controle Remoto com 35 funções, que deixa o controle total do vídeo na ponta dos seus dedos. Agora, o que você tem a fazer é conhecer de perto o novo Videocassete Philips VR 6558. Depois de tanta informação, nada mais lógico, não?

▶ BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS. ◀

PHILIPS

PHILIPS

VÍDEO LANÇAMENTOS

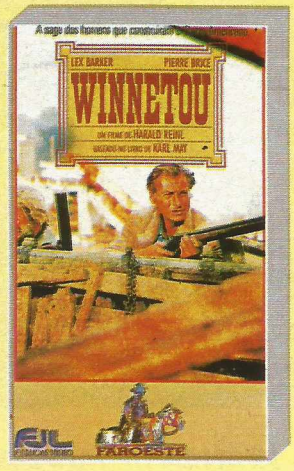
F.J. Lucas

Um Terence Hill, quando ainda assinava Mario Girotti, atado no segundo Winnetou

WESTERN

WINNETOU ★★★

(Winnetou, Alemanha / Iugoslávia / França, 1963)
Direção: Harald Reinl. Com Lex Barker. Pierre Brice, Mario Adorf. F.J. Lucas



WINNETOU II - A SAGA CONTINUA ★★★

(Winnetou II, Alemanha/Iugoslávia/Itália/França, 1964)
Direção: Harald Reinl. Com Lex Barker, Pierre Brice, Anthony Steel. F. J. Lucas

Nem só do cinema americano vive o western. Também os europeus brindaram o gênero com algumas obras de inegável valor, e foram responsáveis pela sua revalorização.

O chefe apache Winnetou, criado pelo prolífico escritor alemão Karl May, foi levado às telas pela primeira vez em *Tesouro no Lago de Prata* (*The Treasure of Silver Lake*, 1962). O enorme sucesso do primeiro conduziu à realização de outros dois filmes com o mesmo personagem. No primeiro deles, Winnetou (Pierre Brice) e seu irmão branco de sangue Old Shatterhand (o ex-Tarzan Lex Barker) enfrentam terríveis vilões cuja ambição desmedida os leva a desviar os trilhos da estrada de ferro para território apache.

No segundo episódio da série, os dois heróis deparam-se com bandidos dispostos a fomentar a guerra entre brancos (entre eles, Terence Hill, quando ainda assinava Mario Girotti) e índios apenas para poder explorar o óleo localizado em solo indígena.

Descompromissado com a história e os mitos do oeste americano, o diretor alemão Harald Reinl conservou dele somente os elementos característicos, transformando-o num típico filme de aventuras. A ação transcorre do início ao fim em belíssimas paisagens desveladas por lentas panorâmicas, enquanto lá embaixo, nas planícies, ou aqui em cima, nas montanhas, bandidos e mocinhos trocam tiros que remetem a outonais matinês de domingo. Não há personagens, só tipos cujas boas ou más ações demarcam os limites entre bons e maus. Impossível não curtir. Basta ignorar o quão estranho pode soar peles-vermelhas falando alemão.

Atenção: como os filmes foram rodados originalmente em cinemascope, ocupam uma única faixa horizontal na TV, sobrando nas partes superior e inferior da tela uma barra horizontal preta. *Paulo Capuzzo*

BRAVURA INDÔMITA ★★★

(True Grit, EUA, 1969)
Direção: Henry Hathaway. Com John Wayne, Kim Darby, Glen Campbell, Jeremy Slate, Robert Duvall. CIC.

Filme feito sob medida para um John Wayne já meio velho e barrigudo. Ele é Rooster Cogburn, um homem-da-lei bonachão, tão rápido nas frases espirituosas quanto no gatilho, e com uma forte queda pelo álcool. No entanto, é de uma eficiência assustadora. Com uma média de seis ao ano (fora os que fere), ele mata bandidos como quem folheia uma revista e boceja. O curioso é que, devido a seu humor e senso bronco de justiça, fica difícil reprová-lo.

Outra curiosidade é que tenha recebido o Oscar por *este* filme. Fez melhores. A lógica sentimental da Academia é dura de engolir. Kim Darby, por exemplo, a mocinha cujo pai é assassinado e contrata Cogburn para pegar o facínora, deixa a interpretação de Wayne na sombra. É a ela que a bravura indômita do título se aplica melhor. Não que Wayne-Cogburn fique muito atrás. Há uma cena, antológica, em que desafia para um duelo a cavalo quatro bandidos de uma vez. Entretanto, o filme é um pouco longo e demora a deslanchar. Por pouco não é chato. Wayne, a intempestiva Kim Darby e as presenças especialíssimas de Robert Duvall e Dennis Hopper (este numa ponta luminosa), além das belas paisagens e duas ou três boas cenas de ação, sustentam este western. De resto há a direção experiente de Hathaway *(Torrentes de Paixões, O Príncipe Valente)*. Uma continuação, superior, foi realizada seis anos depois, (*Justiceiro Implacável*, também em vídeo), em que Wayne contracena com Katharine Hepburn. *D.B.*

VOU, MATO E VOLTO ★★

(Vado, l'Ammazzo e Torno, Itália, 1967)
Direção: Enzo G. Castellari. Com George Hilton, Edd Byrnes, Gilbert Roland. Century.

Segundo filme do diretor de *Fuga do Bronx*, quando ele se exercitava pelo western sem pretensões. Lembrando um pouco o tipo de produção de antigos seriados como *Chaparral*, este filme é mais digerível no vídeo que no cinema. A trama é como o título: grande e num vaivém que mostra a cada minuto pistoleiros fazendo novas sociedades para pôr a mão em 300 mil dólares roubados de um banco durante um transporte para outra cidade. O mais espertinho deles passa o filme inteiro reavaliando se captura ou não o bandido procurado ou se espera que a cabeça do outro fique mais valorizada. É uma curiosidade no minguado mercado do gênero. *C.G.L.*

FICÇÃO

GUERRA DOS MUNDOS - A RESSURREIÇÃO ★

(War of the Worlds - The Resurrection, EUA, 1988)
Direção: Colin Chilvers. Com Jared Martin, Lynda Mason Green, Philip Akin, Richard Chaves. CIC.

Esta produçãozinha "B", piloto de uma série para a TV, ostenta a pretensão de ser a seqüência do clássico de ficção científica *A Guerra dos Mundos (War of the Worlds)*, inspirado em H.G.Wells.

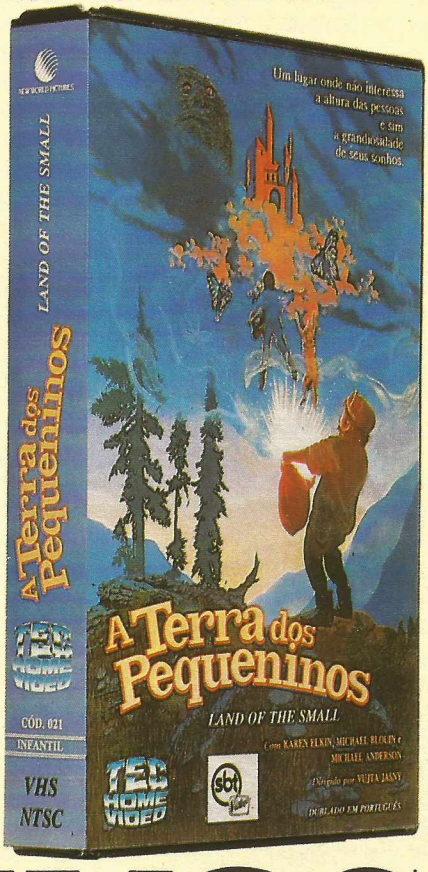
Ao atacar um depósito de lixo nuclear, um grupo terrorista liberta, involuntariamente, alguns extraterrestres que conseguiram sobreviver à primeira tentativa de invasão da Terra. Os alienígenas estavam "descansando" em tambores, e agora, após eliminar os terroristas (sintomaticamente estes passam a ser associados àqueles) e apoderar-se dos seus corpos, partem para a conquista do planeta.

O maior desafio a ser enfrentado pelos extraterrestres é, no entanto, o roteiro, que se revela incapaz de injetar vida inteligente à trama absurda e inverossímil. O fraco elenco e a frágil direção encarregam-se de desferir o golpe de misericórdia nesta débil ressurreição. *P.C.*

OS GRANDES SONHOS SÃO FEITOS DE PEQUENOS DETALHES.

Começam quando você descobre que os mundos imaginários podem ser reais.

Lugares onde vivem seres encantados,



magia e fantasia. Depois de assistir este filme, você vai poder entender bem melhor

A TEC HOME VIDEO ESCOLHEU ESTE FILME PARA HOMENAGEAR A REVISTA SET, QUE FICOU GRANDE TRABALHANDO PEQUENOS DETALHES.

TEC HOME VIDEO

Rua Groenlândia, 406 - Jardim Europa CEP 01434 - São Paulo - SP.
Telefones: (011) 887-9730 885-9738 885-4582 885-1142 885-9899

O PLANETA DOS VAMPIROS ★

(Planet of the Vampires, Itália, 1965)
Direção: Mario Bava. Com Barry Sullivan, Norma Bengell. RCA/Columbia.

Atraída por estranhos sinais que partem de um planeta desconhecido, uma frota espacial se aproxima, tentando manter contato. Depois de algumas órbitas, as naves caem nas malhas de um potente "raio atrator", que deixa a todos desacordados. Após o pouso, a loucura se instala a bordo e um a um os tripulantes morrem. Os mortos passam a ameaçar os vivos. Escondida na névoa do planeta, uma armadilha espacial de onde nem mesmo uma nave de outra raça galáctica escapou.

Parece familiar, mas não se trata de *Alien — o 8.º Passageiro*, mas um filme italiano, dublado em inglês, realizado em 1965. E dá mostras de sua idade: direção de arte característica dos anos 50 — roupas "futuristas", muita luzinha piscando nos painéis e imensas cabines de comando — e o jargão pseudo-científico das novelas baratas de ficção científica, aquelas que deram má fama ao gênero. Nada se salva: a história é mal encadeada e sem ritmo.

Um tipo de filme que deve atrair apenas àqueles interessados na filmografia da atriz brasileira Norma Bengell, que defende, dentro do possível, o principal papel feminino. E, certamente, graças ao seu nome nos créditos, se deve este lançamento. Um filme para esquecer. *T.T.*

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS V ★★

(Amazing Stories, EUA, 1986)

"A Boneca" — *Direção: Philip Joanou. Com John Lithgow, Annie Helm, Albert Hague.* "A vida no Corredor da Morte" — *Direção: Mick Garris. Com Patrick Swayze, Hector Elizondo.* "Ação de Graças" — *Direção: Todd Holland. Com David Carradine e Kyra Sedgwick.* CIC.

Quinta fita e mais três episódios da série que Spielberg lançou na TV americana em 1986 para retomar o sucesso das antigas séries de suspense e fantasia do tipo *Além da Imaginação*.

Em "A Boneca", John Lithgow (adequadíssimo ao papel) compra, numa loja de artesanato do Sr. Liebemacher (Hague), uma boneca para a sobrinha. A menina, já adolescente, não se entusiasma com o presente. O brinquedo torna-se a companhia do tio solitário. A princípio patética, a história dirigida pelo jovem Joanou do musical *U2 — Rattle and Rum* guarda para o final uma pequena surpresa. *A Vida no Corredor da Morte* traz Patrick Swayze (o "galã" rebolador de *Dirty Dancing*) num papel sério. Condenado à cadeira elétrica por assassinato, ele é atingido por um raio durante uma tentiva de fuga. Torna-se, sem muitas explicações, uma espécie de "santo milagroso": quando toca nos doentes, retira-lhes os males e as dores. Fantasia humanista muito bem fotografada, revela-se levemente inspirado em *Crime e Castigo*, de Dostoievski. Dora (Kyra Sedgwick), de *Ação de Graças*, mora em pleno deserto com um estúpido padrasto (Carradine). Ele insiste em tentar extrair água de um poço doméstico, enquanto ela, sensível, sonha ser cantora country e comprar um peru para o dia de ação de graças. Pelo poço, pai e filha recebem ouro, jóias e bilhetes estranhos. Previsível, pode ser considerado uma versão hidráulica de *A Galinha dos Ovos de Ouro*. *D.G.*

STAR TREK - A NOVA GERAÇÃO, VOLUME V ★★

(Star trek - The Next Generation, EUA, 1987)
Direção: James L. Conway, Cliff Bole. Com Patrick Stewart, Jonatham Frakes. CIC.

A agora modernizada Enterprise ganhou cores resplandescentes, sofisticados efeitos especiais da Industrial Light e Magic de George Lucas e até uma nova tripulação. Mas no meio do caminho perdeu muito da magia e do encanto que fascinaram toda uma geração.

Este quinto volume reúne duas histórias realizadas para a TV. Na primeira ("Justiça"), a tripulação da nave almeja descansar algumas horas num bucólico planeta, mas seus planos dão errado quando um membro da equipe viola uma das leis do lugar e é condenado à morte. Mero pretexto para uma discussão acerca da relatividade da Justiça.

O segundo episódio ("O Jogo") é um pouco melhor. Os tripulantes da Enterprise são obrigados a enfrentar um poderoso alienígena que, disposto a colocar à prova a integridade moral dos terrestres, tenta seduzi-los com o brilho do poder. Citações shakespeareanas ilustram o confronto. *P.C.*

TERROR

O RETRATO OVAL ★★

(The Oval Portrait)
Direção: Rogério Gonzales Jr. Com Gisele Mackenzie, Wanda Hendrix, Barry Coe. Tela Um.

Na década de 60, o realizador Roger Corman compensou com talento e criatividade os parcos recursos empregados na produção de alguns filmes baseados nos delírios noturnos do contista e poeta Edgar Allan Poe.

Tentando seguir os passos de Corman, o realizador deste filme, baseado no conto "O Retrato Oval", recorreu até mesmo ao compositor preferido daquele (Les Baxter), mas o resultado é infinitamente inferior. O conto poeano emoldura a história de um amor impossível que consegue suplantar a barreira da morte.

Durante a Guerra Civil americana, um soldado confederado apaixona-se pela filha de um oficial inimigo. A jovem engravida, é expulsa da casa paterna e morre. A única coisa que resta dela é um quadro pintado por seu amante. Seu espírito recusa-se, no entanto, a abandonar a velha mansão ocupada agora por novos moradores.

Ao explicitar o tema da necrofilia — presente na obra do autor, mas de forma subliminar —, o filme deixa de lado a sutileza para cair no romantismo tragicômico embutido nas piores histórias góticas. O que em Corman era paródia é levado a sério aqui. Quem perde é o espectador. E, claro, a obra de Poe. *P.C.*

A MALDIÇÃO DE LEMORA ★

(The Legendary Curse of Lemora, EUA, 1973)
Direção: Richard Blackburn. Com Lesley Gilb, Cheryl Smith, William Whitton e Richard Blackburn. F.J. Lucas.

A demoníaca Lemora (Lesley Gilb), após capturar Alvin Lee (William Whitton), um assaltante de bancos, escreve uma carta para a angelical Lila Lee (Cheryl Smith), filha do bandido, dizendo para ela ir ao encontro do pai, que precisa de sua ajuda. Atraída pela armadilha de Lemora, Lila inicia seu trajeto em busca da salvação paterna. *A Maldição de Lemora* é um filme de terror que não consegue assustar nem as criancinhas. *M.R.G.*

PARADA

Os vídeos mais alugados

1. **Antes Só do que Mal Acompanhado** (CIC)
2. **A Festa de Babette** (Look)
3. **Crocodilo Dundee II** (CIC)
4. **Tocaia** (Abril Vídeo)
5. **Império do Sol** (Warner)
6. **Três Homens e um Bebê** (Abril Vídeo)
7. **Desejo de Matar IV** (América)
8. **Rambo III** (Transvídeo)
9. **O Último Imperador** (RCA/Columbia)
10. **Labirinto** (Mundial)

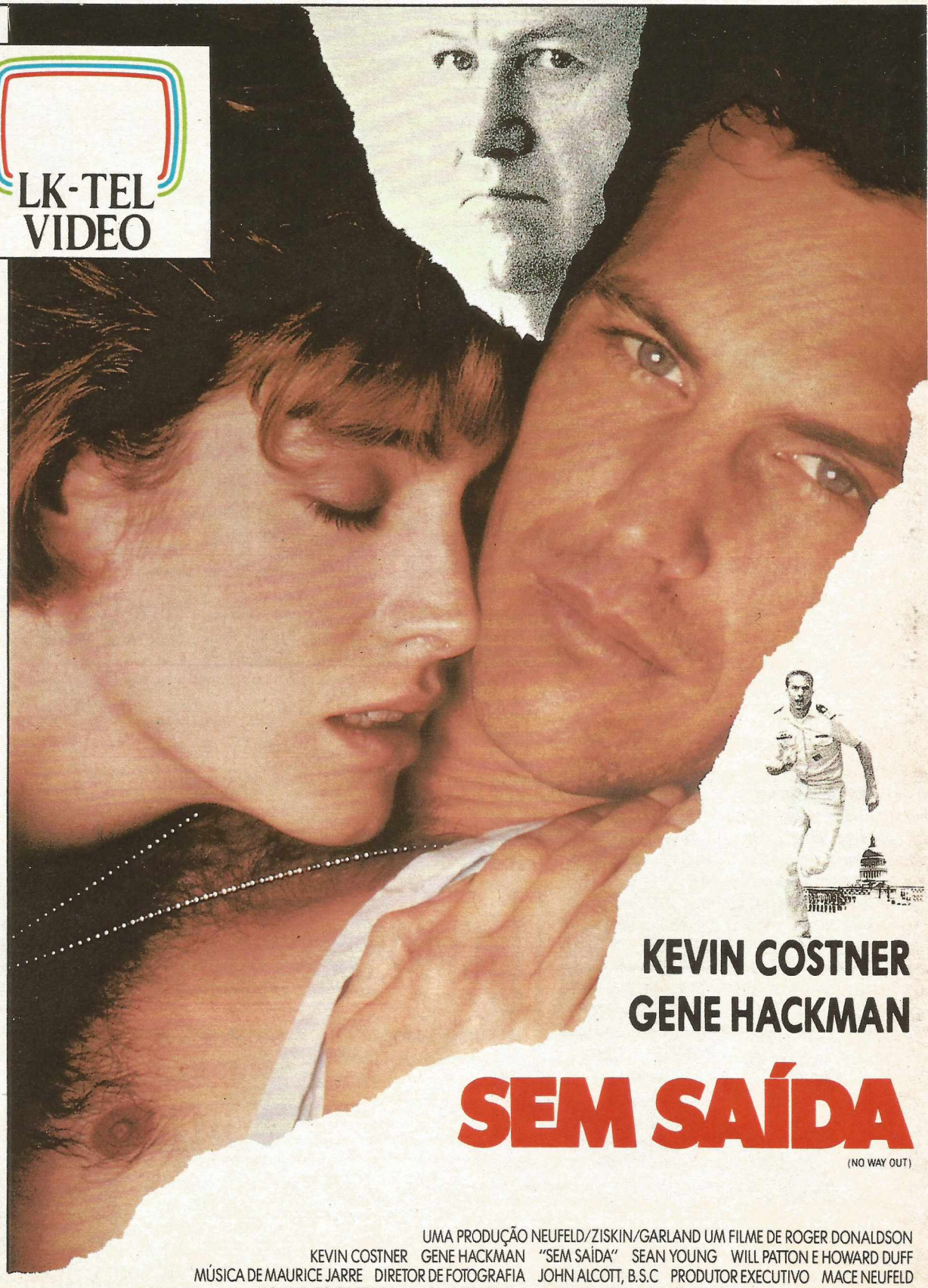
FONTES: Omni, 2001, Rentacom, Real Vídeo, Video Factory, Vídeo Norte (SP); Video 4 Clube, Video Clube Shack (RJ); Cinemateca Ltda (MG); Video Hobby (BA); Video Locadora Gaúcha (RS); Video Service (DF).

A Columbia / LK-Tel cumprimenta a revista SET pelo 2º aniversário de sucesso.

RCA
Columbia Pictures
INTERNATIONAL VIDEO

LK-TEL VIDEO

Será um crime passional, ou um ato de traição?



KEVIN COSTNER
GENE HACKMAN

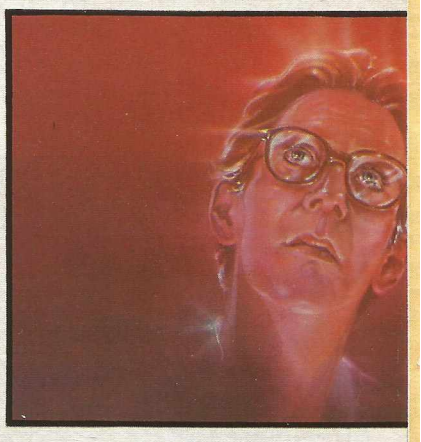
SEM SAÍDA

(NO WAY OUT)

UMA PRODUÇÃO NEUFELD/ZISKIN/GARLAND UM FILME DE ROGER DONALDSON
KEVIN COSTNER GENE HACKMAN "SEM SAÍDA" SEAN YOUNG WILL PATTON E HOWARD DUFF
MÚSICA DE MAURICE JARRE DIRETOR DE FOTOGRAFIA JOHN ALCOTT, B.S.C PRODUTOR EXECUTIVO MACE NEUFELD
ARGUMENTO E ROTEIRO DE ROBERT GARLAND BASEADO NO LIVRO "THE BIG CLOCK" DE KENNETH FEARING
PRODUZIDO POR LAURA ZISKIN E ROBERT GARLAND DIRIGIDO POR ROGER DONALDSON

ORION PICTURES INTERNATIONAL

UM CASAMENTO PERFEITO: A F J LUCAS E VOCÊ.



Com Bruce Dern
e Maud Adams.
Um filme de
Bob Brooks.

TATUAGEM
(TATOO)

CLASSIC SERIES

Totó, Aldo Fabrizi
e Louis de Funes
vão fazer você
morrer de rir em

Os Quebra-Galhos
(IL TARTASSATI)

Donald Sutherland
e Jeff Goldblum (A Mosca)
são os atores principais
em um filme de Richard Pearce,
autor de Corações e Mentes.

NO LIMIAR DA VIDA
(THRESHOLD)

Numa disputa mortal, ele terá
de enfrentar seu antigo mestre
e amigo. Com Jackie Chan

O JOVEM MESTRE DO KUNG FU
(THE YOUNG MASTER)

Eles procuram um amigo,
um amante, um amor...
finalmente se encontraram.

FUGA PARA O AMOR
(THE HIGH COUNTRY)

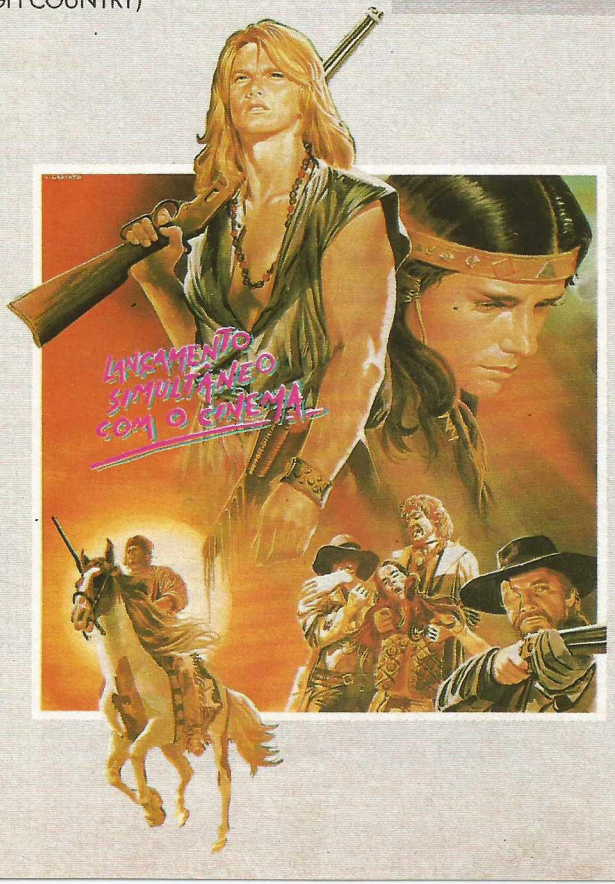
Av. São João, 1588 2.º sobreloja

Santa Cecília São Paulo SP

CEP 01260 Tel. (011) 220 6299

A ilusão de um beijo
pode atravessar gerações.

FESTA DE FORMATURA
(FESTA DI LAUREA)

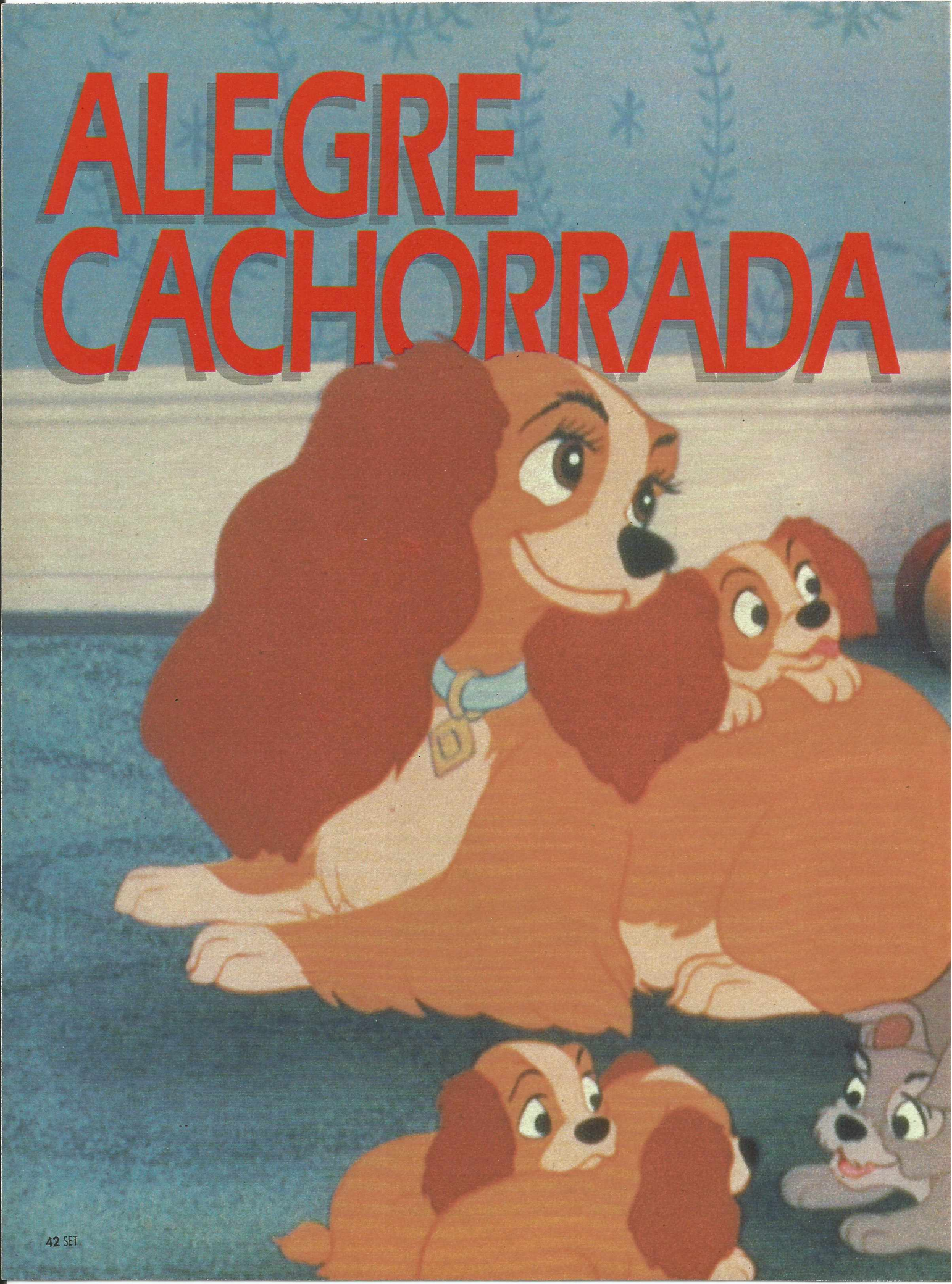


FAROESTE

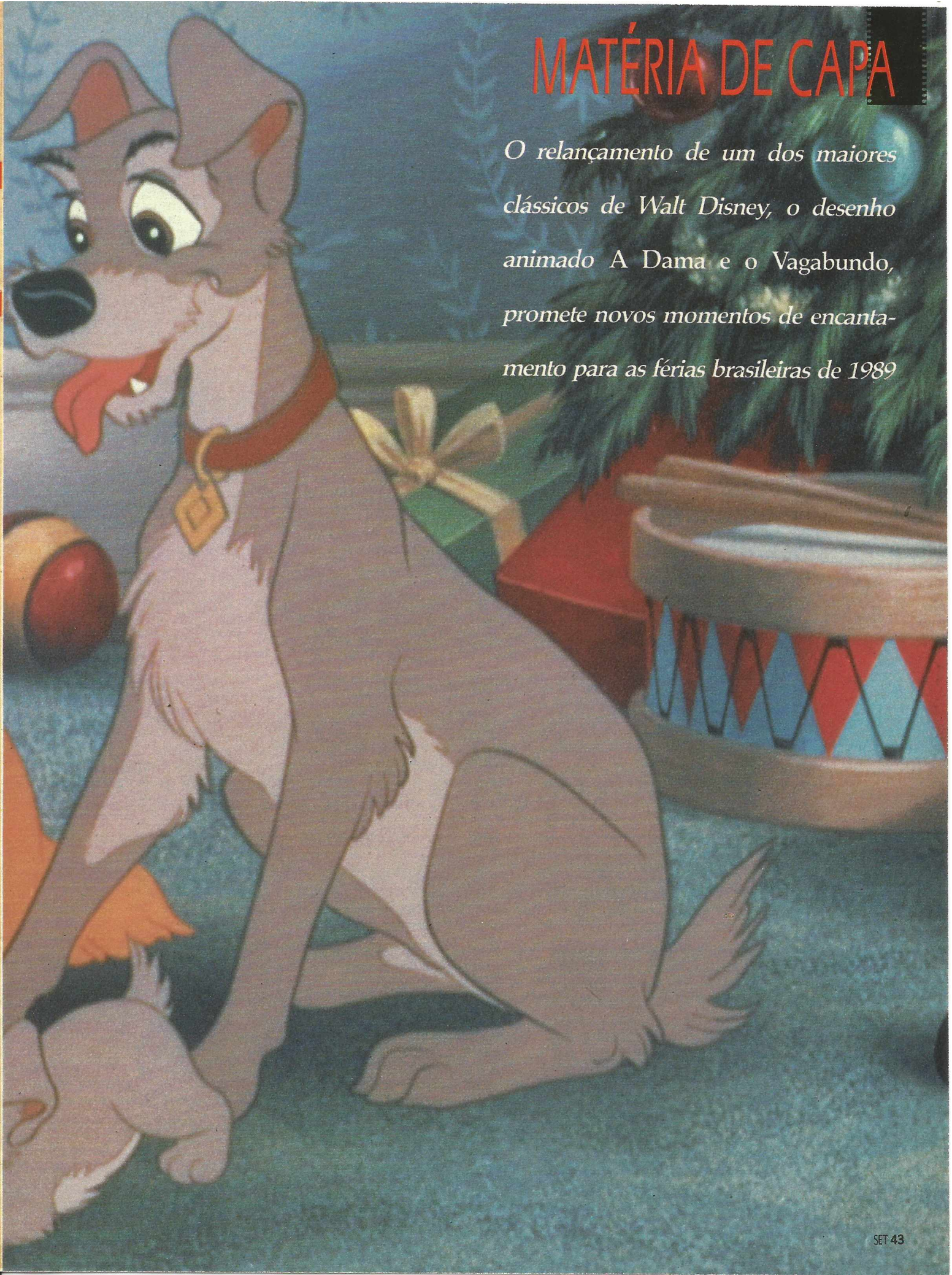
Um jovem dividido entre
dois modos de vida: o dos
brancos e o dos índios.

APACHE BRANCO
(WHITE APACHE)

ALEGRE CACHORRADA



O relançamento de um dos maiores clássicos de Walt Disney, o desenho animado A Dama e o Vagabundo, *promete novos momentos de encantamento para as férias brasileiras de 1989*



A DAMA E O VAGABUNDO

A Dama e o Vagabundo trouxe duas novidades importantes para a história da animação: foi o primeiro desenho animado de longa-metragem realizado no sistema Cinemascope e o primeiro de Walt Disney a partir de uma história original. Aí, a cachorrinha Lady alegra o lar de dois jovens recém-casados e faz amizade com dois cães da vizinhança: Jock, um afetado terrier escocês, e o velho Trusty, um sabujo que perdeu o faro e sente nostalgia pelo passado. Mas é o viralata Tramp que atrai a sensível Lady.

Quando os donos de Lady ganham um bebê, Tramp observa: "Quando um bebê entra em casa, o cão vai embora". De fato, tia Sara vem cuidar do bebê quando os pais viajam, trazendo seus queridos gatos siameses. Estes aprontam misérias e Lady leva a culpa: é expulsa de casa, presa pela carrocinha e obrigada a conviver com o submundo dos cães... Finalmente, seus amigos a encontram e a salvam: voltando para casa, Lady é acolhida com carinho pela família, que também adota Tramp, o ex-vagabundo que logo se converte num orgulhoso pai de família.

As primeiras anotações para este desenho de Walt Disney datam de 1936. Ainda em 1940, Frank Tashlin e Sam Cobean esboçam o argumento, mas somente em 1953 é que Disney, amargurado com os críticos que censuram suas adaptações de *Alice no País das Maravilhas* e *Peter Pan*, decide finalmente empreender a produção de um desenho de longa-metragem a partir de uma história original.

Coube a Erdman Penner, Joe Rinaldi, Ralph Wright e Don Da Gradi a delicada tarefa de elaborar o roteiro final. Trata-se de um desenho moderno, apesar da ação se passar no começo do século, e que integra, num mesmo modo de ação, os universos paralelos dos personagens caninos e dos personagens humanos, sendo que — como geralmente acontece nos desenhos animados por meio de uma lógica própria que passa geralmente despercebida — os animais são humanizados pela linguagem apenas diante dos espectadores, pois permanecem animais para os personagens humanos do desenho (graças a esta técnica narrativa, a identificação primária do espectador é sempre com os personagens não-humanos dos desenhos, cujos pensamentos e emoções compartilha com exclusividade, ou pelo menos a ponto de se sentir "um deles").

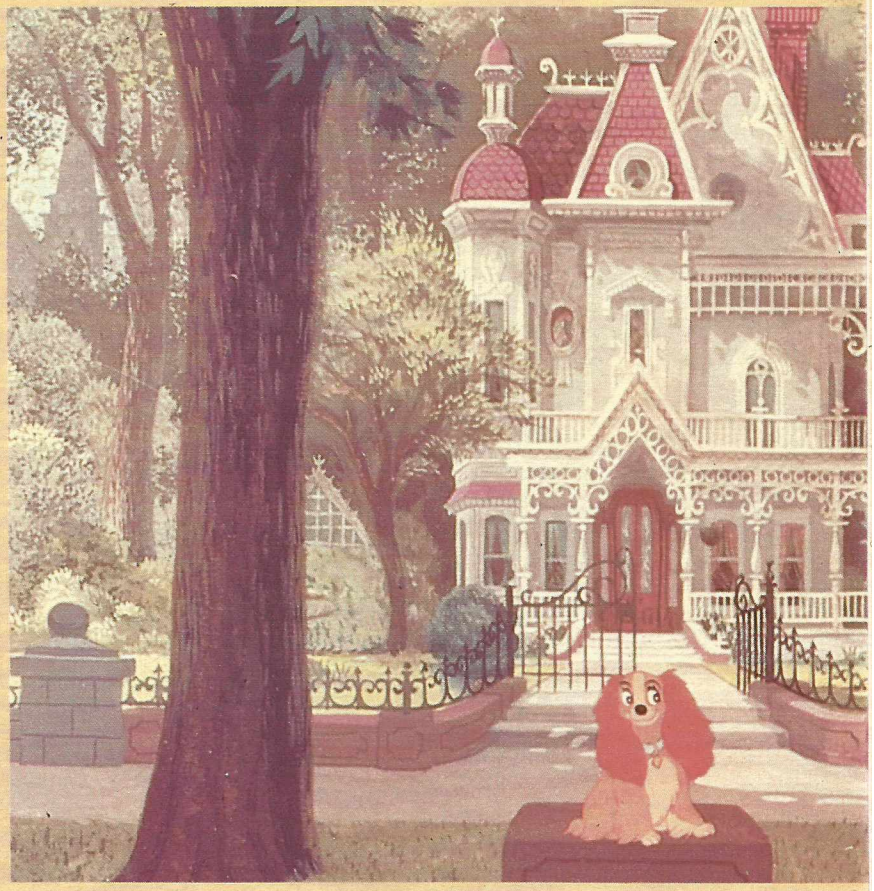
MORTE AMENA — Além disso, havia o risco de fugir aos padrões morais exigidos por Disney para os filmes de sua produção. Neste sentido, uma seqüência difícil de ser realizada foi a da execução do cãozinho Nutsy na câmara de gás do canil municipal. Como realizá-la sem chocar o público? Erdman Penner teve a idéia de usar diálogos estereotipados dos filmes de prisão em voga no cinema daqueles anos. Assim, ouvindo frases como.

— Olhem, rapazes, estão levando Nutsy.

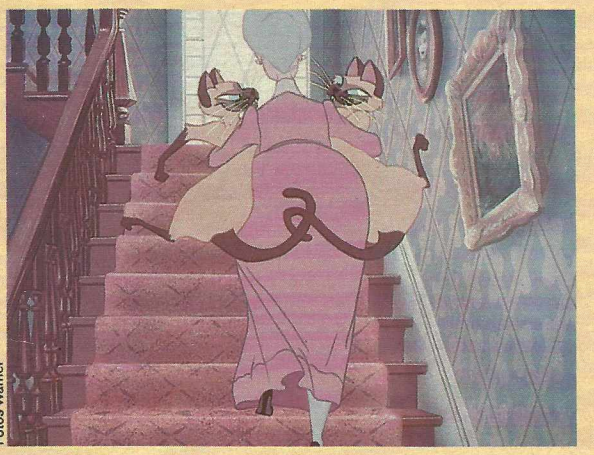
— É... ele está dando a longa caminhada.

— Pois é, uma vida curta mas feliz...

o público não sentiria todo o impacto potencialmente contido na situação. Além disso, o cãozinho era mostrado a caminho da morte apenas em silhueta, como uma



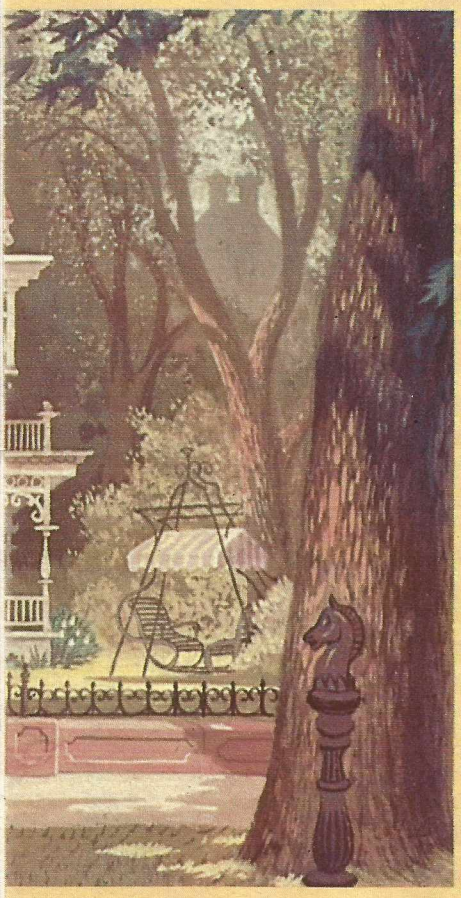
Tia Sara carrega escada acima os terríveis gatos siameses (abaixo), hóspedes do barulho da grande e acolhedora casa em que vive a dama (ao lado)



Fotos Warner

sombra. E o roteirista ainda recomendou ao animador Cliff Nordberg que tornasse tudo "o mais divertido possível". De fato, Nutsy caminha para a câmara de gás como se a morte não lhe dissesse respeito e — honra aos méritos dos animadores — o público não tem reclamado da cena.

A Dama e o Vagabundo foi imaginado como uma série de cartões postais de 1910, em cores suaves e brilhantes, com sombras leves e sutis. A história não comporta grandes lances dramáticos pois não trata da luta eterna travada entre o Bem e o Mal, mas de episódios baseados na observação do comportamento dos cães. É, enfim, uma fantasia sem acontecimentos "fantásticos" e sua narrativa quase poderia ser considerada realista, pelo menos do ponto de vista cinematográfico. É esta ausência de um vilão bem caracterizado — como as bruxas de *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*, o pirata de *Peter Pan*, a rainha de *Alice no País das Maravilhas* ou as megeras de *Cinderela* e *A Guerra dos Dálmatas* — que dá ao filme um tom mais intimista, romântico, e menos espetacular. É verdade que os gatos siameses são perversos e cruéis, mas eles têm uma participação secundária no entrecho. E tia Sara, ao expulsar-



Walt Disney Productions

Acima, uma foto de Walt Disney em seu escritório datada de 1965, um ano antes de sua morte

O INVENTOR DA INDÚSTRIA

Walt Disney nasceu a 5 de Dezembro de 1901, em Chicago. Desenhando desde criança, freqüentou a Escola de Belas Artes de Chicago e tornou-se, aos dezesseis anos, caricaturista da Tribuna. *Com o desenhista e amigo Ub Iwerks, fabrica uma câmera e realiza uma série de imagens, as* Newman's La ugh-O-Grams, *que vende para Milton Feld, e depois uma série de desenhos com a personagem Alice, de Lewis Carroll.*

O sucesso chega com a descoberta das possibilidades de coincidir perfeitamente, no cartoon, o som e a imagem: em 1928, Disney lança o primeiro desenho animado sonoro, Steamboat Willie, *sincronizado com um metrônomo. O sucesso da série Mickey permitiu a Disney financiar todas as suas experiências numa outra série de desenhos chamada* Silly Symphonies, *que mostra o mundo fantástico da imaginação humana, com a natureza inteira e suas criaturas governadas pelas leis da música e do ritmo. Em* Flowers and Trees *(1931), Disney introduz, de forma espetacular, o technicolor e, com* Three Little Pigs *(1933), atinge o sucesso mundial, partindo para a produção do primeiro desenho animado de longa-metragem:* Branca de Neve *(1938), cuja produção consome três anos de trabalho de uma equipe de 400 técnicos, ao custo de 1,5 milhões de dólares, incluindo o uso de uma câmera multiplana que traz novos efeitos de perspectiva.*

Para desenhar as figuras humanas tomou-se como modelo bonequinhos de cera, para serem representados perfeitamente sob todos os ângulos. O filme foi redesenhado cinco vezes até se atingir o estágio desejado, a um ritmo de um metro e meio de animação por dia para se manter a qualidade. Premiado com um Oscar, sucesso em todo o mundo, Branca de Neve *estimula Disney a produzir uma série de longas-metragens que se tornaram clássicos eternos da animação:* Pinóquio *(1939),* Fantasia *(1940),* Dumbo *(1941),* Bambi *(1942),* Alô Amigos *(1943),* Você Foi à Bahia? *(1945),* Cinderella *(1950),* Alice no País das Maravilhas *(1951),* Peter Pan *(1953),* A Dama e o Vagabundo *(1955),* A Bela Adormecida *(1959),* A Guerra dos Dálmatas *(1961),* A Espada Era a Lei *(1963),* Mowgli *(1967).*

Walt Disney não foi, como muitos pensam, o "inventor" do desenho animado. Mas foi o primeiro a compreender que a produção de desenhos animados de qualidade dependia da organização de uma verdadeira indústria, paralela e semelhante à indústria do cinema. Os Estúdios Disney tornaram-se, pouco a pouco, capazes de dispor de até 45 tonalidades de uma só cor e de mais de oito mil instrumentos musicais para produzir todos os sons possíveis e imagináveis a serem orquestrados nas trilhas sonoras dos desenhos. E para conseguir uma perfeita sincronia labial dos personagens, a equipe de Disney desenhou, durante todo um ano, 80 mil bocas de animais recitando frases coloquiais e versos de Skakespeare... Disney ganhou ao todo 48 Oscar e morreu a 15 de dezembro de 1966.

L.N.

Fotos Warner

Lady, age antes por preconceito do que por maldade. O Mal é representado, aqui, pela carrocinha, e torna-se quase abstrato em seu realismo.

ERA FÊMEA — As melhores seqüências de *A Dama e o Vagabundo* talvez sejam a do Restaurante Tonys, onde Lady e Tramp comem *spaghetti*, e trocam olhares apaixonados ao som de "Bella Notte"; e a de Tramp caçando um rato, desenhada em tons sombrios (ver box).

Mas o maior encanto deste conto de fadas canino reside na caracterização dos personagens. Se a cachorrinha Peg, que entretem os cães aprisionados pela carrocinha, é tão estilizada por se basear em ninguém menos do que Peggy Lee — que co-escreveu as canções do filme e fez a voz de várias personagens —, o modelo de Lady foi um *cocker spaniel* que pertencia ao animador Hamilton Luske.

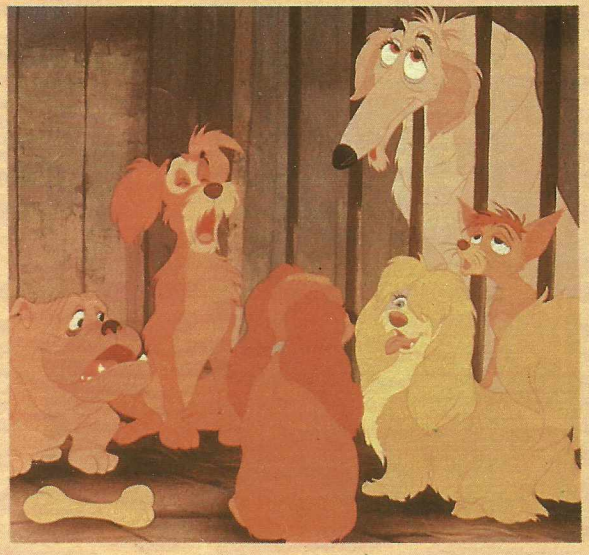
A voz original pertencia a Barbara Luddy, e contribuía enormemente para atrair simpatia à personagem.

Já para desenhar Tramp houve controvérsias quanto ao modelo a escolher. Até que, uma noite, o roteirista Ed Penner viu o cão ideal desaparecer entre os arbustos do jardim. Como o herói do filme, ele foi rápido e não se deixou agarrar. Dias depois, o cão foi localizado na carrocinha: Ed salvou-o poucas horas antes que ele fosse morto na câmara de gás. Triunfante, Ed levou-o para o estúdio, onde se descobriu que o cão era, na verdade, uma fêmea, com menos de um ano de idade. Foi, assim, uma cachorrinha que serviu de modelo para o garboso Tramp.

Luiz Nazário.

Os siameses apoquentam a doce vida da dama (acima), vista ao lado com o vagabundo, segundos antes de um dos mais famosos beijos do cinema. Abaixo, a tristeza canina na carrocinha e uma pose de toda a trupe para a posteridade

Lady and the Tramp, EUA, 1955 ■ DIREÇÃO: Hamilton Lusk, Clyde Geronimi e Wilfred Jackson ■ HISTÓRIA: Erdman Penner, Joe Rinaldi, Ralph Wright e Don DaGradi, baseada no livro de Ward Greene ■ EFEITOS DE ANIMAÇÃO: George Rowley e Dan MacManus ■ EFEITOS ESPECIAIS: Ub Iwerks ■ MÚSICA: Peggy Lee e Sonny Burke ■ PRODUÇÃO: Walt Disney ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



VÁ À SUA LOCADORA.
E PROGRAME SUA SESSÃO DE CINEMA.

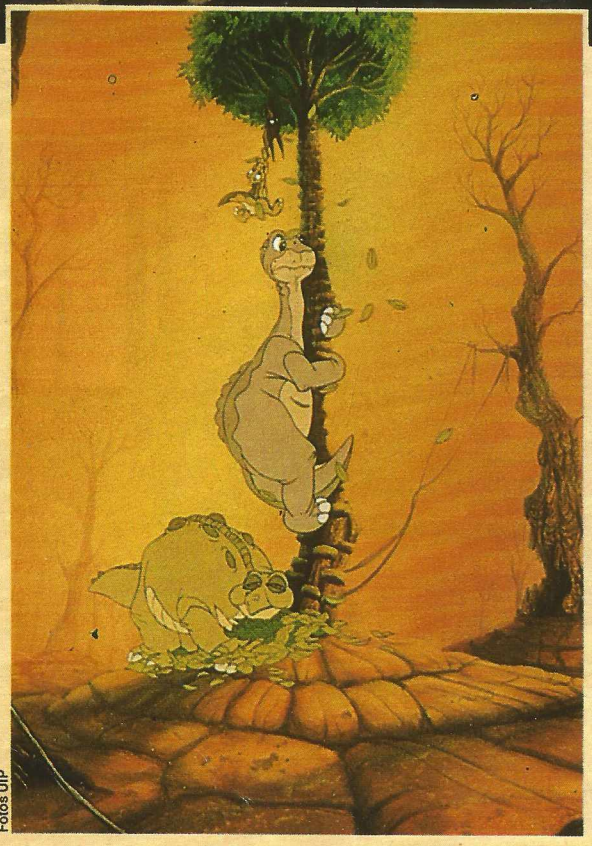
MAD MAX 1,2,3 • MÁQUINA MORTÍFERA
CARRIE, A ESTRANHA • O EXORCISTA • O ILUMINADO
ROCKY I, II, IV • STALLONE COBRA
007 O ESPIÃO QUE ME AMAVA • 007 MARCADO PARA MORRER
BLADE RUNNER • EXCALIBUR • GREMLINS
CASABLANCA • A PANTERA COR DE ROSA
OS FANTASMAS SE DIVERTEM • AS BRUXAS DE EASTWICK
IMPÉRIO DO SOL • A COR PÚRPURA
A NOVA TRANSA DA PANTERA COR DE ROSA
007 CONTRA O FOGUETE DA MORTE
VIAGEM INSÓLITA • SUPERMAN I, II
007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO • 007 CONTRA GOLDFINGER
LOUCADEMIA DE POLÍCIA 1, 2, 3, 4, 5

Os maiores sucessos de todos os tempos estão em sua locadora.
Lá você encontra filmes inesquecíveis,
disponíveis em vídeo com a garantia da qualidade Warner.

SORIANI MARTINEZ

Confira em sua locadora.
A Warner tem sempre grandes sucessos do cinema para você.

WARNER HOME VIDEO



Fotos UIP

PRÉ-HISTÓRIA INFANTIL

Em Busca do Vale Encantado, *a nova proeza animada do mesmo autor de* Fievel, Um Conto Americano, *recria todo tipo de monstros pré-históricos com riqueza de detalhes numa fábula feliz bem ao gosto das crianças*

Peça a qualquer criança que enumere seus assuntos prediletos e você descobrirá, entre os cinco favoritos, dinossauros. O mistério que envolve as enormes criaturas pré-históricas — e, logicamente, mais do que uma pitada de marketing bem feito — vem seduzindo cada vez mais crianças, de uma maneira semelhante à que populariza super-heróis, videogames e gibis. Talvez o animador Don Bluth tivesse em mente a atual paixão infantil pelo reino animal da pré-história quando iniciou a produção de *Em Busca do Vale Encantado*. Neste desenho animado, Bluth mostra a viagem de cinco adoráveis dinossauros-criança à procura de um mítico grande vale, onde encontrariam alimento farto e segurança, longe do ambiente hostil em que vivem, rodeados por vorazes tiranossauros e imprevisíveis terremotos e erupções vulcânicas.

Ele consegue unir num mesmo atrativo o fascínio das crianças por dinossauros e a sede infantil por aventuras. Meninos e meninas facilmente se identificam com o assunto e com os personagens: o pequeno e doce brontossauro Littlefoot, a despachada Cera (um triceratops fêmea), o anatossauro Ducky, o pterodátilo Petrie (órfão, ainda não sabe voar) e o estegossauro Spike. Desgarrados das respectivas famílias, eles precisam ignorar as diferenças entre suas espécies para sobreviver a um mundo desconhecido e perigoso e encontrar o tal grande vale, orientados apenas por seus instintos, muita sorte e as dicas dadas ocasionalmente pelo espírito da mãe de Littlefoot, morta pelo ataque de um tiranossauro Rex.

Co-produzido pela dupla Lucas/Spielberg junto com seus habituais segundos (Frank Marshall e Kathleen Kennedy), *Em Busca do Vale Encantado* dribla habilmente a possibilidade de se tornar um inexorável dramalhão — qual mãe deixaria de derreter-se em prantos diante do sofrimento dos dinossaurinhos? — para oferecer uma narrativa mágica (marca-registrada de Lucas e Spielberg), com um visual exuberante.

Brontossauros, triceratops, anatossauros e estegossauros vistos de maneira graciosa por Don Bluth, depois de farta pesquisa em museus de história natural

MUSEUS E GIRAFAS — Credite o acerto de Bluth no manejo da história a seu currículo exemplar na arte da animação. São dele dois dos melhores desenhos animados criados recentemente para o cinema: *A Ratinha Valente* e *Fievel - Um conto americano* — ambas sagas dirigidas à família, contando aventuras de separação, sofrimento e reencontro. Bluth percorre um terreno delicado que beira a busca da lágrima fácil mas sempre encerra a jornada de maneira correta, fustigando a emoção no limite certo, sempre com um toque gentil e inteligente.

Bluth empregou uma tecnologia state-of-the-art para realizar *Em Busca do Vale Encantado*. Para reproduzir os movimentos de animais jamais vistos por olhos humanos, Bluth e sua equipe pesquisaram em museus de história natural espalhados por todo o mundo, estudaram a fundo tudo sobre os animais vivos mais próximos em dimensões das criaturas pré-históricas — o elefante e a girafa — e vasculharam todos os arquivos de imagens que continham registros sobre dinossauros. Essa pré-produção desembocou na necessidade de se criar mais de um milhão de desenhos individuais para realizar o produto final, a partir do quartel-general de Bluth, o Sullivan-Bluth Studios, na Irlanda. Foram consumidos três anos na realização de *Em Busca do Vale Encantado*.

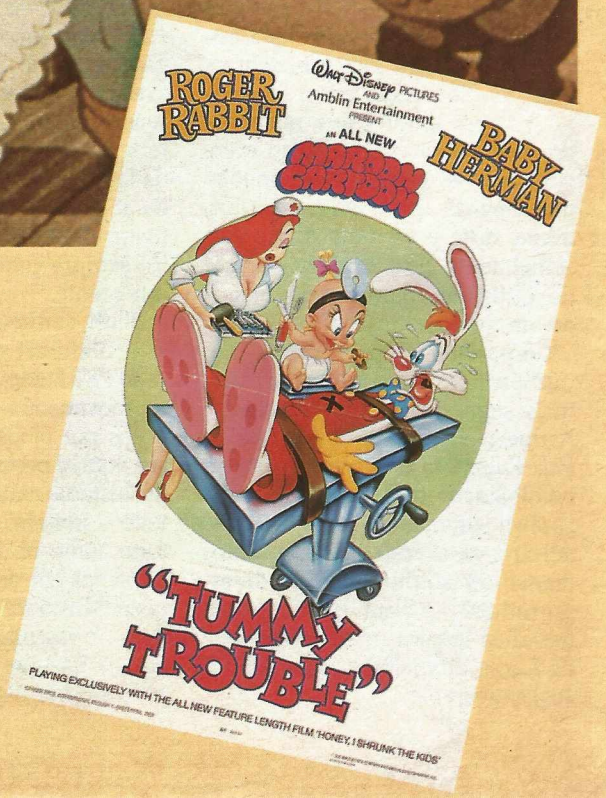
O mais difícil, talvez, tenha sido reproduzir as paisagens pré-históricas, apenas imagináveis nos tempos modernos. Bluth, provavelmente, seguiu o conselho de um dos próprios personagens do desenho, a mãe de Littlefoot. A certa altura, para ajudar o filho a não desanimar na busca pelo Grande Vale, ela explica a ele que algumas coisas enxergamos com os olhos. Outras enxergamos com o coração.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

The Land Before Time, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Don Bluth ■ ROTEIRO: Stu Krieger ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Don Bluth ■ MÚSICA: James Horner ■ CANÇÃO: "If we hold on together" de James Horner e Will Jennings, cantada por Diana Ross ■ PRODUÇÃO EXECUTIVA: Steven Spielberg e George Lucas ■ PRODUÇÃO: Sullivan Bluth Studios para a Universal Pictures ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

A RESSURREIÇÃO

Walt Disney Productions



A partir de Roger Rabbit *e do relançamento de* Branca de Neve, *o desenho animado renasce com pujança e se afirma como um ótimo negócio, depois de ter seu atestado de óbito assinado pelos estúdios americanos*

O DO CARTOON

"O melhor acaba de começar!", Richard Williams exclamou, sorridente, brandindo seu Oscar em tributo a uma longa e frutífera carreira como animador, que culminou em 88 com o *tour de force* de *Uma Cilada para Roger Rabbit*. O que ele queria dizer é a mais pura verdade na indústria cinematográfica americana, hoje: o desenho animado, que já foi tido e havido como gênero moribundo, em franca extinção, está gozando de ótima saúde e vivendo uma era de expansão notável.

Para Williams isso significa que, enfim, ele poderá realizar um projeto no qual trabalha há mais de dez anos, o longa de animação *The Thief and the Cobbler*. Para a indústria esta vitalidade está expressa em números: em 1987 o filme-estrela do verão foi a veteraníssima *Branca de Neve*, ela mesma, em sua versão original; e em 1988 *Roger Rabbit*, cujo charme estava essencialmente na animação, arrombou a boca da bilheteria. Por isso está se vendo, agora, nos Estados Unidos, esta saudável redescoberta de um gênero e uma arte que nunca foram embora: apenas ficavam restritos à TV e aos comerciais.

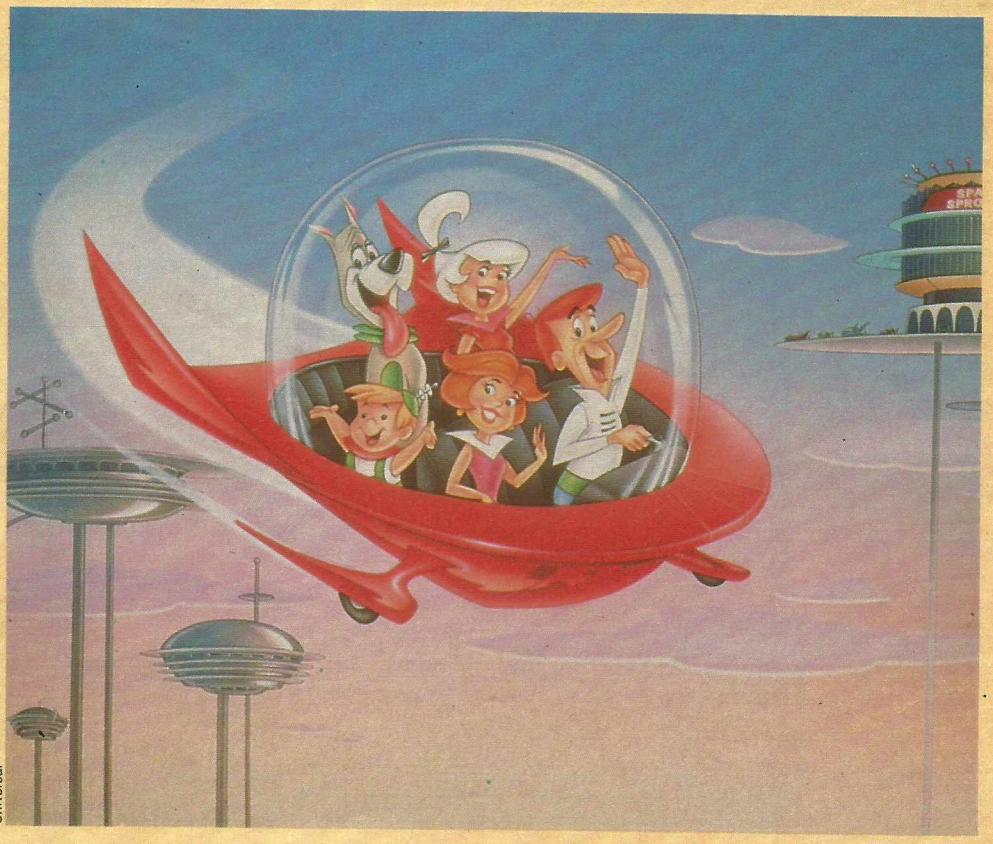
Neste momento, existem 35 filmes de animação sendo preparados nos Estados Unidos — um número considerável se levarmos em conta o tempo, o dinheiro e a quantidade de gente envolvidos nesse tipo de projeto.

Desses 35, alguns têm estréia prevista para muito em breve, liderados pela seqüência mais natural da temporada 87/88: um desenho estrelado pelo próprio Roger Rabbit. *Tummy Trouble*, que será exibido aqui como complemento da comédia *Honey I Shrunk the Kids* é, na verdade, a versão integral daquela seqüência de abertura de *Uma Cilada para Roger Rabbit*. Estrelado por Jessica, Roger e o bebê Hermman, *Tummy Trouble* foi desenhado por Richard Williams e sua equipe depois do sucesso do filme, quase como uma brincadeira, "já que tínhamos investido tanto tempo e energia para inventar só aquele pedacinho de filme", conta Williams.

Além da volta triunfal do coelho gago mais famoso do cinema, o verão americano de 1988 verá também mais uma aventura animada da clássica dupla gato-e-cachorro — desta vez como amigos, provavelmente graças ao sucesso de *Oliver e Seus Companheiros* ano passado. *Milo e Otis* é o nome do desenho, narrado por Dudley Moore.

CRIANÇAS — Um pouco mais adiante, no segundo semestre, dois pesos-pesados do desenho terçarão armas. Um é o estúdio Hanna-Barbera, trazendo para o cinema um de seus personagens mais famosos da TV, *Os Jetsons*, com seu clássico visual saudade-do-futuro (o futuro definitivamente não se parece mais com aquela ingênua fantasia suburbana). *Os Jetsons* terão uma longa aventura intergalática porque George recebe uma promoção e se muda para outra vizinhança — ou seria para outro planeta? O outro é a Disney, que lança no final de outubro sua adaptação para mais uma história infantil tradicional — desta vez, *A Sereiazinha*, de Hans Christian Andersen.

Na página oposta, Branca de Neve e os Sete Anões e o cartaz americano do curta-metragem de Roger Rabbit. Abaixo, os famosos Jetsons, alegres com sua mudança



Universal

Os estúdios Disney estão, aliás, em franca atividade, preparando sua primeira "continuação" no terreno da animação para 1990: *The Rescuers Down Under* — os ratinhos Bernardo e Bianca voltarão a atacar, desta vez na Austrália, defendendo um menino aborígene que luta pela preservação dos animais. (A incursão australiana de Disney tem motivos que transcendem a mera ecologia — o estúdio quer enfrentar, em seu próprio território, as aventuras de uma de suas maiores rivais, a australiana Dot, que, com suas sagas ecológicas,é uma das rainhas do mercado de vídeo infantil nos Estados Unidos, na Europa e em sua terra natal). E, além de toda essa atividade, a Disney ainda está tirando do baú, este ano, mais um de seus desenhos clássicos — desta vez, o *Peter Pan* de 1953 (o *timing* parece oportuno: há em andamento um projeto de filme com o herói que não queria crescer, e com a possibilidade de Dustin Hoffman ser o Capitão Gancho).

O principal competidor para estes gigantes da animação vem jus-

Acima, Peter Pan *e sua troupe. À direita,* Taran e o Caldeirão Mágico, *lançamento Disney para este ano no Brasil*

Fotos Walt Disney Productions

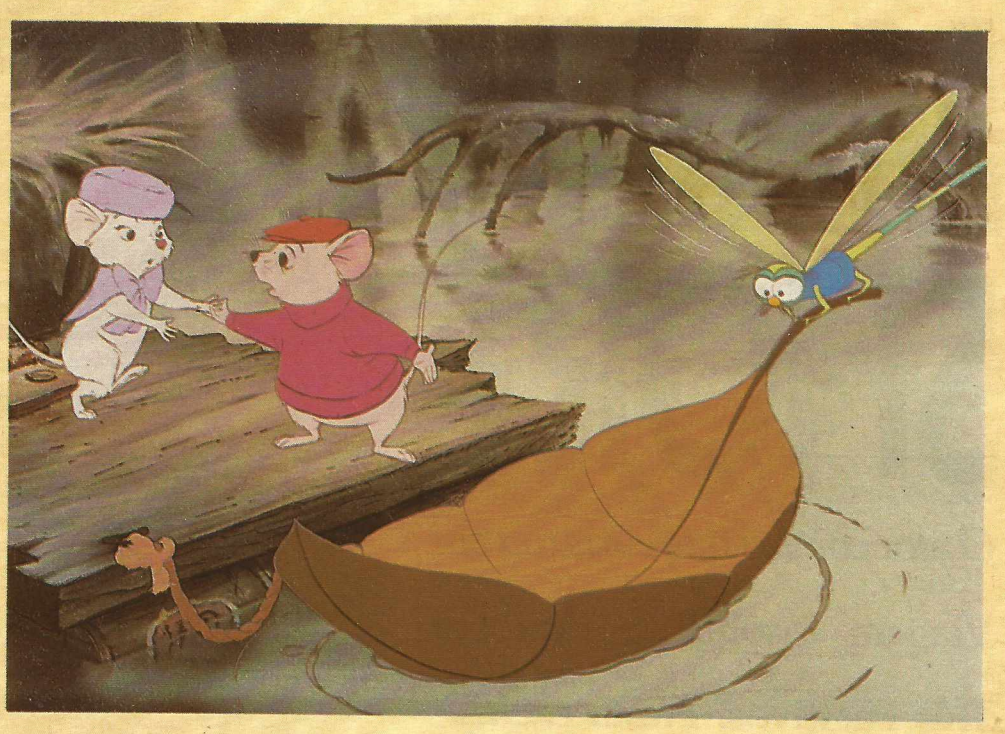
tamente de um dos nomes responsáveis por sua renovação e recente popularidade: Don Bluth que, associado a Spielberg, criou sucessos como *A Ratinha Valente; Fievel, Um Conto Americano* e *Em Busca do Vale Encantado* (ver crítica na página 48).

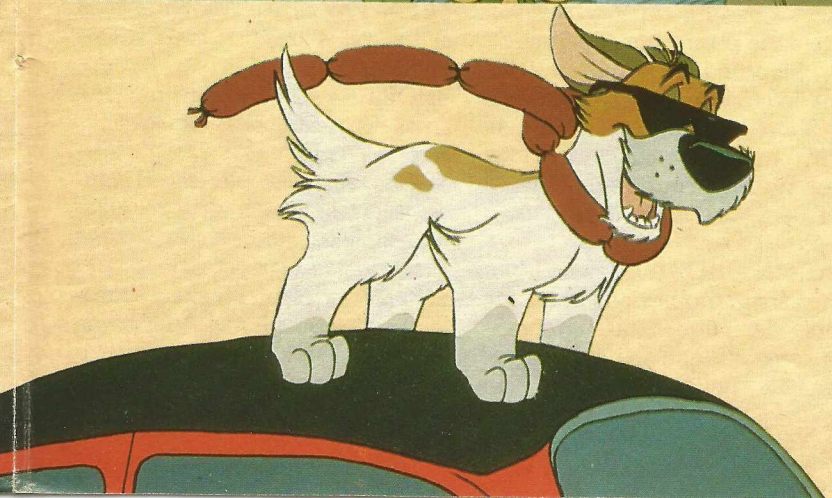
De seus estúdios recém-inaugurados na Irlanda, Bluth lança no final de outubro seu novo longa, a comédia musical *All Dogs Go to Heaven*, que se passa na Nova Orleans dos anos 40 e, como seus desenhos anteriores, tem um subtexto adulto, sério e social — neste caso, tensões raciais entre negros e brancos.

ADULTOS — E pelas margens da indústria há uma safra interessante de novos projetos. É bom notar, por exemplo, que a apresentação do novo filme de Julien Temple, *Earth Girls Are Easy*, é toda feita em desenho animado de bom e audacioso traço. E um pequeno estúdio independente do Vale de San Fernando está concluindo um média-metragem baseado na canção *Strawberry Fields Forever*, dos Beatles, que, além da narração de Michael Jackson (ele aderiu ao projeto quando foi consultado sobre os direitos de uso da música, que, como todo o catálogo dos Beatles, são seus), tem como atração o fato de ser integralmente em 3-D (três dimensões) e criado em computadores.

Mas o projeto mais ambicioso no terreno da animação talvez ainda demore um tanto para chegar às telas: o mesmo grupo de desenhistas e animadores afiliados à revista francesa *Metal Hurlant* (e sua versão americana, *Heavy Metal*), responsável pelo revolucionário longa *Heavy Metal* está preparando uma segunda coletânea de desenhos contemporâneos, desta vez inspirados nos contos *Cyberpunk* do mais jovem mestre da ficção científica, Williams Gibson. *Burning Chrome* — que é o nome de seu livro, uma coleção de contos — é o título do projeto, previsto para 90/91.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles





O relançamento de **Bernardo e Bianca** *(acima). À esquerda,* **Oliver e Seus Companheiros**

MARTIN SHORT

Fotos Warner

O ator cômico que estourou em* Viagem Insólita *retorna em* Três Fugitivos. *Nesta exclusiva, ele fala de seu novo papel, das influências que teve, de Chaplin e Harpo Marx

O diretor Francis Veber conseguiu o quase impossível: fazer duas vezes o mesmo filme. Primeiro ele rodou *Les Fugitifs* na França, com Gérard Depardieu e Pierre Richard nos papéis principais. E agora ele cruzou o Atlântico para revisitar o mesmo roteiro, mas com atores diferentes: Nick Nolte (no papel de Lucas, o presidiário recém-libertado, antes vivido por Depardieu) e Martin Short (Perry, antigo papel de Richard). Em *Os Três Fugitivos* os caminhos de Lucas e Perry se entrecruzam num assalto a banco. Lucas — talvez pela primeira vez na vida — não é o assaltante e sim Perry, desesperado para conseguir dinheiro a fim de resolver os problemas financeiros que podem vir a afastá-lo da filha única, emudecida desde a morte da mãe. Lucas se revolta com a incompetência do assaltante amador e o ajuda na fuga. Logo se envolve nos problemas de Perry e passa a ajudá-lo.

Os melhores momentos do filme são proporcionados pelo sempre engraçado Martin Short, um comediante canadense cada vez mais ativo em Hollywood. Ele já foi visto pelo público brasileiro em *Os Três Amigos* (ao lado dos pesos pesados Steve Martin e Chevy Chase) e em *Viagem Insólita* (era ele o caixa de supermercado hipocondríaco que recebia uma injeção de Dennis Quaid). E foi Short que deu esta entrevista a SET numa das suítes do Hotel Four Seasons, em Beverly Hills.

SET — *O que o atraiu no script e no personagem?*

MARTIN SHORT — Bem, acho que o script proporciona um leque amplo de emoções para uma pessoa como eu, que sou ator, comediante e performer físico. Não existem tantos papéis por aí que permitam essa liberdade de ação. É uma variedade grande (de situações), da cena no banco aos momentos mais sensíveis com a filha dele. Então, esse foi um dos pontos. Em segundo lugar, gostei do script porque tinha uma estorinha bem resolvida dentro dele. E, também, porque desejava trabalhar com Veber e com Nick Nolte.

SET — *Você viu o filme original antes de começar a trabalhar em* Os Três Fugitivos?

SHORT — Vi, cerca de um ano antes de iniciarmos as filmagens.

SET — *E durante as filmagens o diretor teria deliberadamente tomado medidas de precaução para evitar que alguma cena ficasse parecida demais com a mesma feita no filme original?*

SHORT — Não, ninguém trabalhou com essa atitude. A idéia era: esse é o script. Vamos refilmar o script. Ninguém estava tentando

fazer um filme diferente ou parecido com o original, como se isso fosse um propósito. Se bem que em determinado momento Veber falou que se tivesse feito exatamente o mesmo filme ele ficaria bastante desapontado. Mas todos nós sabíamos que isso seria impossível de acontecer, porque ele estava trabalhando com dois atores diferentes. Acho que o filme que fizemos acabou saindo mais energético (do que o original), mais físico, com ritmo próprio.

SET — *Veber disse que o escolheu para o papel depois de tê-lo visto em* Viagem Insólita. *Pode-se argumentar que existem muitas semelhanças entre os personagens que você faz em* Viagem Insólita *e em* Os Três Fugitivos.

SHORT — Diria que sim. Num certo sentido, ambos os personagens estão vivendo uma crise em suas vidas. Em *Viagem Insólita* o personagem era esse tremendo hipocondríaco que estava enormemente infeliz com a vida, não sabia bem o que fazer e a quem culpar (por aquilo). E ele era envolvido numa aventura que o transformava num herói ao mesmo tempo que o fazia perceber que podia cuidar de si mesmo.

Em *Os Três Fugitivos* meu personagem mais uma vez está em crise: a mulher morreu, ele está sofrendo um colapso nervoso, a filha emudeceu, ele perdeu o emprego, está duro, vai ser despejado e estão querendo internar a filha num orfanato. A vida o empurrou para a beira do precipício. Acho que aí é que está a semelhança entre os personagens. Mas depois disso fica bastante diferente.

SET — *Nick Nolte disse que você se esforça para se divertir. Ele está correto?*

SHORT — Acho que é uma coisa instintiva minha, eu gosto de criar uma atmosfera leve, boa, no set de filmagem. Isso é benéfico, quando se está fazendo uma comédia. Se você estiver fazendo *Platoon*... talvez não.

SET — *Veber disse que você tinha um jeitão de Chaplin. Você concorda?*

SHORT — Talvez uma atitude física... Talvez (longa pausa) ...Isso você deveria perguntar a ele, me sentiria constrangido tentando comentar minhas possíveis semelhanças com Chaplin.

SET — *Mas, de qualquer forma, você foi influenciado por ele?*

SHORT — Não tanto quanto por Stan Laurel, ou Harpo Marx, ou Dick van Dyke, ou Jackie Gleason, ou Jerry Lewis. Mas eu admirava Chaplin.

SET — *Numa entrevista você disse que Veber tinha uma percepção para a comédia bastante admirável, que ele acreditava que a comédia precisava ser verdadeira. Que às vezes você pode exagerar a realidade em busca de uma gargalhada, mas nem sempre. O que você queria dizer com isso, exatamente?*

SHORT — Você pode fazer *Peter Pan*, uma fantasia... *Viagem Insólita* era uma fantasia — mas *Os Três Fugitivos* é uma farsa. É impossível que ninguém se fira com cem pessoas dando tiros (uma referência a uma cena do filme). Então, estamos trapaceando a realidade. Os personagens, a maneira como eles conversam, as emoções básicas, tudo precisa ser baseado em algum tipo de realidade para que as pessoas da platéia possam se identificar com aquilo. A comédia que vem direto da vida é muito mais engraçada. Se entrasse aqui um garçom e tropeçasse numa colher que estivesse no chão, nós dois provavelmente cairíamos na gargalhada. Mas se não existisse a colher... como é que ele tropeçou? Portanto, você precisa da colher ali. Escrever uma comédia é muito mais difícil do que escrever um filme dramático.

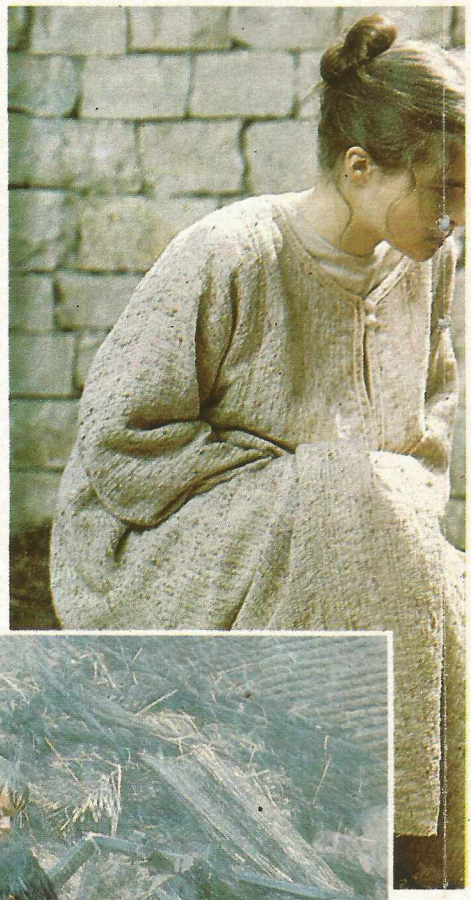
SET — *Quais elementos constituiriam uma boa comédia?*

SHORT — Se você consegue capturar algo que o público tenha sentido e esteja vivendo... O ideal é quando você não precisa fabricar demais. A vida em si é engraçada o bastante.

por José Emílio Rondeau,
de Los Angeles SET

Martin Short vive o caixa de supermercado hipocondríaco de Viagem Insólita *(acima) e o assaltante trapalhão de* Três Fugitivos *(abaixo)*

SANTO, MAS NEM TANTO



Fotos Instituto Luce

Depois de* Irmão Sol, Irmã Lua, *de Franco Zeffirelli, a vida de São Francisco de Assis volta às telas. Liliana Cavani dirige. Mickey Rourke é o beato

Francisco (Mickey Rourke) socorre os pobres debaixo do aguaceiro (acima) e dialoga com Clara (Helena Bonham Carter, no alto)

Em seus dez primeiros anos de pontificado, João Paulo II promoveu à categoria de santo mais de dois mil ex-padres, madres, beatos, mártires, doadores de sangue, etc. Um a cada dois dias. Dia sim, dia não, mais um santinho para a sua devoção. Parece até uma antiga campanha publicitária de uma empresa distribuidora de gás. Uma verdadeira inflação de santidade. Mas, se por um lado a beatificação generalizada trabalha pela divulgação da Igreja, uma vez que, por uma questão linguística e de nacionalismo, é muito mais fácil e agradável rezar para um santo de casa, por outro lado promove também a discussão de qual é o verdadeiro papel da fé e da religiosidade na vida dos homens.

Liliana Cavani, a polêmica diretora italiana de *A Pele*, *O Porteiro da Noite*, *Atrás daquela Porta* e *Berlin Affair*, só para citar os mais picantes, resolveu entrar na discussão. Pegou o americano descendente de irlandeses e proprietário de bar Mickey Rourke e o transformou no mais italiano de todos os santos: São Francisco de Assis.

No mínimo seria uma novidade para o ator, que anteriormente já havia feito um pacto com o diabo Robert De Niro no filme *Coração Satânico*, de Alan Parker. Após as filmagens a diretora diria, "Sem Mickey Rourke o filme não teria sido feito. Sempre disponível e atento, ele sabe usar-se como um instrumento cinematográfico, sem perder a espontaneidade".

Se a mudança diametralmente oposta de argumento não se apresentou como um problema muito grave para o ator principal, também não o foi para a radical diretora. Afinal seria como percorrer uma estrada já percorrida há mais de 20 anos atrás. Era maio de 1966 e a televisão italiana mostrava em três episódios o filme *Francesco d'Assisi*, a estréia da diretora. Era a primeira vez que o tema da santi-

dade era tratado com tanta coragem e originalidade. Luigi Salvatorelli escreveria na época para o jornal *La Stampa*, "pelo respeito às fontes históricas, pela individualização dos contrastes de sua vida, *Francesco D'Assisi* representa um bom passo adiante no tratamento que o cinema dá aos temas religiosos tradicionais". As críticas negativas ficariam por conta de jornais de extrema-direita, como o desconhecido *Il Borghese* que publicaria: "Poderíamos dizer que o filme cheira a enxofre se atualmente se acreditasse em Deus ou no diabo. Mas a partir do momento em que o papel de Francisco foi representado por um protestante (Lou Castel) e o de Clara, por uma ginecologista soviética (Ludmila Ivova), não nos espanta que a televisão tenha dado à luz um espetáculo tão equivocado".

BELO VARÃO — Mas os anos eram quentes e 68 estava logo ali adiante. Já existia no ar todo um clima de contestação que propiciava a estréia de uma diretora como *La* Cavani. Hoje os tempos são outros e é muito difícil pressentir o que poderá acontecer nos próximos anos. A única coisa que existe no ar é a poluição e a conseqüente conscientização ecológica que pouco a pouco atinge cada um. Talvez seja por isso mesmo que um santo como São Francisco ainda desperte interesse, afinal ele é o mais ecologista de todos. Amava plantas, animais e homens. Era o mais otimista de todos, pois acreditava nos homens. Liliana Cavani não poderia escolher um outro Francisco. E mais uma vez ela omitiu a palavra "São" do título do filme. Ao chamá-lo, desta vez, apenas *Francisco*, privilegiou, sem dúvida, como no filme de 1966, o lado humano do personagem, embora este segundo seja muito mais religioso.

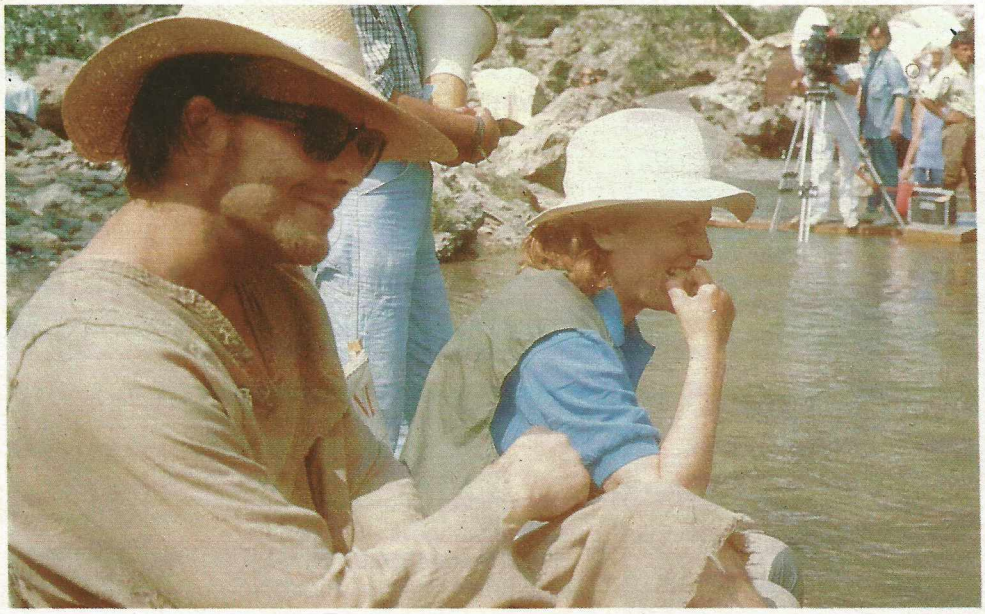
O filme começa em Assis, cidade natal do santo, em 1226. Alguns frades franciscanos depositam o corpo de Francisco (Mickey Rourke), já morto, na Igreja de São Damião. Além do corpo, apenas um rústico altar de pedra, um grande crucifixo de madeira e Clara (Helena Bonham Carter), sua mais fiel seguidora. Ela o toca, beija os estigmas de suas mãos, sorri e começa a orar.

Alguns anos mais tarde os memos frades e Clara se reencontrariam para recordar a vida de Francisco e escrever uma espécie de biografia. O filme se desenrolará assim numa sucessão de flashbacks que recordam os principais momentos de sua trajetória.

O primeiro é com a família. Jovem, belo, varão e primogênito, Francisco era tudo o que seu pai (Paolo Bonacelli) sempre quis. Seus biógrafos contam que, filho de uma rica família de comerciantes, era o príncipe da juventude dourada de Assis. "Olhos negros e rosto delicado, ensinava com maestria todos os segredos da ciência gaia", diria São Bonaventura, o mais famoso deles. Mas os prazeres da cama e da mesa durariam apenas poucas cenas.

Em 1202 Perugia declara e vence uma sangrenta guerra contra Assis. Francisco é capturado e permanecerá um ano na prisão. Assis enterra os seus jovens soldados mortos e aproveita para enterrar os seus jovens prisioneiros, vivos. A diretora é uma expert em matéria de crueldade. A mãe de Francisco (Andrea Ferreol) forçará o pai a pagar o resgate pedido e assim o filho torna à casa, trazendo consigo o pequeno evangelho que lhe servirá de guia espiritual por toda a vida.

Trabalhando na loja do pai, Francisco conhece Clara, filha de uma rica família da cidade. São Bonaventura a descreve como "o primeiro e mais belo broto de uma mística videira, a estrela mais brilhante da aurora que com o raio modesto de suas virtudes tornou claras as noites do século 13". Beleza tamanha não passaria despercebida pelos olhos negros de Francisco. E não passou. Os dois certamente se amaram durante e além de todas as suas vidas. A impossibilidade de concretização total des-



Instituto Luce

Mickey Rourke e a diretora Liliana Cavani numa das pausas durante as filmagens de Francesco

te amor fez com que ambos o sublimassem através da caridade. O amor aos homens, à justiça social e a Deus seriam causa e efeito deste amor impossível.

ABRAÇOS — O segundo sinal de que sua vida seria destinada à caridade viria mais tarde quando, ao desistir de participar de uma cruzada que lhe daria a possibilidade de virar conde ou duque em caso de sucesso (este era o maior desejo de seu pai), se refugia em uma pequena igreja abandonada. Ali encontra um grande crucifixo. Abraça-o, abraça um leproso que se aproxima e abraça também a causa de Jesus Cristo. Volta para casa e começa a distribuir todos os seus bens. O pai não concorda com a dilapidação de seu patrimônio e o leva ao tribunal. Durante a audiência, Francisco renuncia a todos os seus bens e direitos, se despe e declara, "Tenho um outro pai". Veste a túnica que caracteriza toda a sua congregação e começa a viver para a caridade.

Francisco fala muito pouco, apenas o mínimo necessário, como se em cada palavra fosse intrínseco o erro, como se a verdade existisse por si mesma e não precisasse ser dita. Fala apenas para propagar a sua fé e para orar pelos marginalizados. Fala apenas para emocionar o espectador com a sua sinceridade, como no momento em que ora com os seus fiéis para que a chuva pare. "Senhor, salve as nossas casas e fale com a chuva. Obrigado, Senhor, por falar com a chuva". Ou mais tarde, na catedral de Assis, quando ele, Leão (Fabio Bussotti) e Rufino (Paco Reconti) pregarão juntos, "Beato Maurício, cego e doente, que só vê a noite. Beata sua mãe, que não tem leite mas tem fé".

Maurício, sua mãe e tantos outros eram os pobres por quem Francisco dera a sua vida. Viviam fora dos muros da cidade e eram as maiores vítimas das guerras, da fome, da peste e das intempéries que devastavam a Itália no século 13.

A fama de Francisco se espalha por toda a Europa e muitos de seus fiéis são perseguidos pelas autoridades de suas cidades pois a congregação não é reconhecida pelo Papa. Inocêncio III (Hans Zischler) concede uma audiência a Francisco e apenas ele entra, acompanhado de alguns "irmãos". O Papa pergunta, com sutil ironia, "De que coisa nos acusam? Todos acusam Roma de alguma coisa".

Um dos cardeais presentes esclarece: "Eles não nos acusam de nada. Eles amam a todos, inclusive a nós".

Inocêncio III abençoa Francisco e todos os seus irmãos. Com o reconhecimento, a Ordem cresce ainda mais. A falta de um regulamento interno que preveja a admissão e a expulsão dos membros da congregação gera um inchaço desordenado. Mas Francisco não quer uma ordem. Todos têm o direito de ir e vir. É um fã da democracia. A única regra é não julgar, perdoar sempre, dar sempre. "Somos os sem nada e por isso mesmo sem medo", repetiria. O seu radicalismo provocou um movimento de oposição dentro da própria Ordem que exigia um regulamento.

NÃO IMPORTA — São duas horas e quarenta minutos de projeção. É, sem dúvida, o filme de mais empenho de Liliana Cavani. Do roteiro, escrito a quatro mãos com Roberta Mazzoni, à recente estréia italiana em mais de 100 cinemas do país, foram mais de três anos de trabalho e mais de 11 milhões de dólares, o que faz dele uma super-produção para os padrões do cinema italiano.

Se a diretora mais uma vez não foi fiel à dita verdade dos biógrafos oficiais, sorte do espectador que assim pode ver um filme honesto e sincero sobre um período tão obscuro. Afinal, pouco importa se Mickey Rourke é um São Francisco tatuado e muito gordo para quem passou mais de 17 anos de total privação material e inegável dedicação aos mais humildes. Sua interpretação, contudo, é muito convincente e, sem dúvida, emociona.

Pouco importa ainda se *La* Cavani preferiu ignorar os poucos mas intensos momentos que separam o *Deus mi dixit* ("Deus falou comigo") — o dia em que o santo afirma ter falado com Deus, apresentando sinais misteriosos nos pés, nas mãos e nas costelas — do 4 de outubro de 1226, quando Francisco morreria aos 44 anos de idade. Uma noite tranqüila e perfumada, como as noites de outono no centro-sul da Itália. Um sábado. Mas isso também pouco importa.

Celso Fioravante, de Milão SET

Francesco, Itália, 1988 ■ DIREÇÃO: Liliana Cavani ■ Com Mickey Rourke, Helena Bonham Carter, Andrea Ferreol, Mario Adorf, Paolo Bonacelli, Fabio Bussotti, Paco Reconti, Hans Zischler ■ ROTEIRO: Liliana Cavani e Roberta Mazzoni ■ FOTOGRAFIA: Giuseppe Lanci e Enio Guarnieri ■ CENÁRIO E FIGURINO: Danilo Donti ■ MÚSICA: Vangelis ■ PRODUÇÃO: Rai Uno, Instituto Luce, Karol Film e Royal Film de Monaco.

EM VÍDEO

ELES SE AMAM POR DINHEIRO!

Na comédia romântica do ano, uma grande surpresa para você: o dinheiro não pode comprar o amor. Ou pode?

Ronny Miller (PATRICK DEMPSEY) é tímido. Cindy Mancini (a linda AMANDA PETERSON) é super badalada na escola. Ele a ama em segredo. Ela nem sabe que ele existe.

Uma simples história de amor? Não. Porque, de repente, Cindy precisa desesperadamente de 1.000 dólares. E Ronny oferece o dinheiro, com uma condição: **ela deve fingir que é sua namorada.**

Negócio fechado!

Daí em diante há muito romantismo, trapalhadas e situações inesperadas, até um final que reserva uma surpresa inesquecível para Cindy, Ronny e também para você!

ATENÇÃO:
ESTE SELO
HOLOGRAMA
está nas embalagens
e fitas Touchstone.
Exija-o para ter garantia
de qualidade original.

abril vídeo

VENDAS EM TODO O BRASIL: SÃO PAULO: (011) 814.8803 ou 814.8426

• RJ: (021) 295-2089/546-8172 • ES: (027) 229-2223 • RS: (0512) 34-2772 • DF/GO: (061) 243-8815 • PE/AL/PB/RN: (081) 224-2124 • BA: (071) 240-1543 • MG: (031) 227-8014 • PA: (091) 226-9130 • AM: (092) 234-8164 • PR/Curitiba: (041) 253-7610 • Londrina: (0432) 24-6812 • MT/MS: (067) 624-9002 • SC: (0482) 23-6975 • MA/PI: (098) 227-4105 • RO/AC: (069) 221-7354 • CE: (085) 226-3806 • SP/Ribeirão Preto: (016) 625-1316 • Campinas: (0192) 31-2355 • Bauru: (0142) 34-2774 • Santos/Vale do Paraíba SP: (011) 701-1590

© 1989 Touchstone Pictures

DUPLA IDENTIDADE

SUPERMAN, O FILME

Warner

Paris

Solução ou martírio para muitos personagens da ficção, ser outra pessoa ou ter alguém em quem projetar-se é um tema freqüente no cinema, onde a imagem é um dos maiores aliados da dubiedade, que pode recair ou não sobre um mesmo ator. Nesta amostra do que existe sobre o assunto nas locadoras, Glenn Close, por exemplo, é uma alma penada (muito viva...) e, ao mesmo tempo, uma pacata secretária, em Maxie *. O outro mundo, aliás, tem exemplos hilariantes de identidades trocadas, com almas que insistem em fazer turismo no nosso mundo. Outro exemplo notável de personas que se misturam são os irmãos — gêmeos ou não — que ultimamente têm surgido com freqüência nas telas. Em geral permeada pelo sobrenatural, a dupla identidade assume ares de sonho ou pesadelo e, em todos os 24 filmes selecionados, deixa sempre perplexo quem a vive ou transita em torno dela. Observar o outro, nestes casos, traz a mesma surpresa que olhar-se com cuidado no espelho*

Na página oposta, Reeve pode ser Super-Homem ou o repórter Clark Kent. Rosanna Arquette, abaixo, quer ter o ego de Susan/Madonna

Fotos RCA-Columbia

PROCURA-SE SUSAN DESESPERADAMENTE

DUBLÊ DE CORPO
(Body Double, EUA, 1984)
Direção: Brian De Palma. Com Craig Wasson, Melanie Griffith, Gregg Henry. RCA/Columbia.
Brian De Palma é um glutão de referências, e tripudia em cima da cartilha de Hitchcock numa trama que é uma sedutora miscelânea. Não só os personagens têm outras identidades como as situações são pura ilusão de ótica, mas irresistíveis por sua verossimilhança. Jake Scully (Wasson) é um ator de filmes de horror que tem claustrofobia e passa maus bocados num caixão de um set de filmagens. De quebra, descobre que a mulher tem um amante. Para esperar a maré reverter a seu favor, muda-se para a casa de um amigo que foi viajar, mas antes lhe recomendou os *strip-teases* da vizinha (Deborah Shelton). *Voyeur* inveterado, depois de encontrar a moça cara a cara numa seqüência de mestre, Jake testemunha seu assassinato. Para investigar o crime, se faz passar por ator de filmes pornô e conhece uma estrela do gênero, Holly Body (Melanie, mais bonita e convincente do que em *Uma Secretária de Futuro*), que tem um dos segredos da caixa de surpresas que é o filme. Um suspense de tirar o fôlego e de se ver muitas vezes.

UM ESPÍRITO BAIXOU EM MIM
(Call of Me, EUA, 1984)
Direção: Carl Reiner. Com Steve Martin, Lily Tomlin, Victoria Tennant. VTI.
Martin, que já tinha trabalhado com Reiner em *Cliente Morto não Paga* e *O Homem de Dois Cérebros*, é aqui um advogado que arruma uma embrulhada literalmente do outro mundo quando faz o testamento de uma milionária tão histérica quanto agonizante. Ela, com a ajuda de um guru, bola um plano para transferir sua alma para o corpo de uma bonita garota. Por acidente, o espírito da temperamental senhora "baixa" no advogado, que fica com metade de seu corpo possuído pela ricaça. Então o humor decola, com Martin brigando com os trejeitos femininos de um lado de seu corpo. Lily, como o espírito errante, não fica atrás em sarcasmo. No final, ainda há uma outra cínica troca de personalidades, desta vez envolvendo um cavalo.

O HOMEM DE DOIS CÉREBROS
(The Man with Two Brains, EUA, 1983)
Direção: Carl Reiner. Com Steve Martin, Kathleen Turner, David Warner. Warner.
Desperdiçada no cinema com o título de *O Médico Erótico*, essa comédia-infâmia sobre um especialista em cérebros, o doutor Hfuhruhurr (o impossível Steve Martin), foi devidamente reabilitada pelo vídeo, que a comercializou com o título correto. Um dia, esse médico maluco atropela uma loira escultural e tem de salvá-la. Não faz só isso: casa-se com ela, e aí ele é que se perde na teia de uma *vamp* interesseira. Dolores (Kathleen, entre perversa e engraçada) vai seduzindo amantes filme afora, e o marido acaba apaixonado pelo cérebro de uma garota mantida viva artificialmente. Só ele pode ouvir a voz (de Sissy Spacek) dessa raridade de laboratório, e sua batalha é encontrar um corpo no qual possa implantar sua amada. Quando sua bela esposa é morta, ele tem sua chance de conseguir "duas em uma". *Kitsch* e hilariante.

MAXIE
(EUA, 1985)
Direção: Paul Aaron. Com Glenn Close, Mandy Pattinkin, Ruth Gordon. RCA/Columbia.
A alma de uma atriz dos anos 20 resolve voltar à Terra "encarnando" em Jan (Glenn), a secretária de um bispo. A tal Maxie, tinha sido uma espevitada atriz e morrera antes do sucessos, toma o corpo da outra, disposta a recuperar as décadas perdidas. Em ritmo de comédia, ela acaba com a boa fama de Jan, dançando e cantando numa festa, além de conquistar o marido dela. O mais engraçado fica por conta dessa "infidelidade": Maxie conquista o marido (Pattinkin) de Jan no corpo da própria, provocando ciúmes. Glenn, antes de virar megera em *Atração Fatal*, se alterna com desenvoltura entre a medrosa e a deslumbrada. Incorporar o espírito, nesse caso, equivale a uma boa temporada de terapia.

AS BRUXAS DE EASTWICK
(The Witches of Eastwick, EUA, 1987)
Direção: George Miller. Com Jack Nicholson, Cher, Susan Sarandon, Michelle Pfeiffer. Warner.
Antológica reunião de três beldades (Michelle, Cher e Susan) e o fora-de-série Nicholson. Ele é o milionário Van Horne, que chega à cidadezinha de Eastwick como a concretização do príncipe encantado das três mulheres. Depois que se envolvem com ele, começam a perceber melhor seu comportamento diabólico. Em meio a efeitos especiais bem

amarrados, elas usam suas bruxarias de Evas furiosas para puni-lo. Puro mistério e excitação de bom gosto.

TOOTSIE
(EUA, 1982)
Direção: Sydney Pollack. Com Dustin Hoffman, Jessica Lange, Bill Murray. RCA/Columbia.
O filme mais famoso e engraçado da década sobre transformismo. Hoffman, com uma habilidade surpreendente, faz um ator desempregado, heterossexual convicto, que, para conseguir trabalho na TV, disfarça-se de mulher. Acaba roubando todas as cenas em que aparece na novela e torna-se uma celebridade. Nem os telespectadores nem os diretores e o elenco da emissora sabem que, na verdade, Tootsie é um homem. Tudo vai caminhando sob controle até que Tootsie, ou melhor, o ator que existe por baixo dela, apaixona-se por uma das mocinhas da história, interpretada por Jessica Lange, que levou o Oscar de coadjuvante do ano.

PROCURA-SE SUSAN DESESPERADAMENTE
(Desperately Seeking Susan, EUA, 1985)
Direção: Susan Siedelman. Com Rosanna Arquette, Madonna, Aidan Quinn. RCA/Columbia.
Rosanna Arquette, na pele de uma dona de casa, não procura a satisfação profissional, como o ator de *Tootsie*, só um pouco de aventura. Devorando os classificados, ela se entusiasma pela trajetória de Susan/Madonna, indo a um encontro marcado para a mesma. No encalço da garota que idolatra, acaba vestindo-se como ela e assumindo sua identidade. Mas a vida da outra não era tão bom negócio assim e ela corre perigo, mesmo que tenha algum romantismo como recompensa. Muita ação e, mesmo com o ego de Madonna, Rosanna Arquette se faz notar muito bem.

TROCANDO AS BOLAS
(Trading Places, EUA, 1983)
Direção: John Landis. Com Dan Aykroyd, Eddie Murphy, Jamie Lee Curtis, Don Ameche, Ralph Bellamy. CIC.
A troca de identidade clássica da ficção: o rico vira pobre e vice-versa. Os irmãos Duke (Don Ameche e Ralph Bellamy) fazem uma aposta sobre o temperamento humano. Um acredita que o homem tem uma natureza pré-definida, o outro acha que a sociedade é que determina o caráter. Para tirar a teima no debate filosófico, eles decidem arruinar seu mais próspero executivo (Aykroyd) e enriquecer um espertalhão (Murphy). A confusão que isso gera é esperada e tem uma reviravolta quando as cobaias descobrem a aposta, tramando uma revanche demolidora. Aykroyd, Murphy e Jamie (como uma prostituta) fazem um sintonizado trio.

AGENTE SECRETO CONTRA MOSCOU
(Hot Enough for June, Inglaterra, 1964)
Direção: Ralph Thomas. Com Dirk Bogarde, Sylva Koscina, Robert Morley. F.J. Lucas.
Nos filmes de espionagem, em geral, o mínimo que um agente secreto sabe é do que se trata sua missão. Não é o que acontece com Nicolas Whistler (o sofisticado Bogarde), um escritor que recebe um convite inesperado para trabalhar numa fábrica de vidros britânica. Na verdade, ele foi escolhido por ser tcheco e não despertar suspeitas para uma missão em Praga. Quando chega lá, ele tenta obter as informações "comerciais", sem desconfiar que está bancando o espião. Acaba se envolvendo com uma agente comunista, Vlasta (Sylva), e tem que improvisar agilidade para escapar dos inimigos. Com um humor refinado e uma produção interessante, o filme é entremeado de piadas sobre capitalismo e comunismo, não poupando os clichês sobre o assunto.

CONFUSÕES À ITALIANA
(Miséria e Nobiltá, Itália, 1954)
Direção: Mario Mattoli. Com Totó, Sophia Loren, Carlo Croccolo. AB Vídeo.
O italiano Totó já começa o filme como um pobretão engraçado. Quando é convidado para se fazer passar por príncipe, faz deslanchar a farsa em ironia sobre pobres e ricos. Ele é o mais audacioso integrante de uma família esfomeada, contratado para se fingir de nobre e pedir a mão de uma garota em casamento (Sophia), já que o noivo está brigado com o pai. Famintos e mal-educados, eles falam sem parar e comem tudo o que aparece. Mas a ex-mulher de Don Felice (Totó) é empregada da casa, e a encenação é descoberta com estardalhaço.

AS DUAS VIDAS DE MATTIA PASCAL
(Le Due Vite di Mattia Pascal, Itália, 1985)
Direção: Mario Monicelli. Com Marcello Mastroianni, Laura Del Sol, Laura Morant. F.J. Lucas.
Nas mãos do diretor Mario Monicelli (*O Incrível Exército de Brancaleone*) e com a atuação inspirada de Marcello Mastroianni, o texto de Luigi Pirandello (*O Falecido Mattia Pascal*) ganha momentos de saborosa leveza, ainda que o ritmo seja lento. Mattia é um milionário falido que casa por interesse. Depois que a mãe morre, ele recebe uma ajuda em dinheiro do irmão e embarca no primeiro trem para Monte Carlo, onde vive momentos de delicioso ócio e sorte grande no jogo. Ao voltar para casa, um mês depois, descobre que todos pensam que ele está morto. Mattia decide não alterar as coisas e muda-se para Roma, assumindo uma nova identidade e uma nova biografia. Depois de muitos equívocos e dinheiro gasto, acaba em Veneza com uma namorada. Outra vez falido, volta para sua cidade, desencadeando a revolta dos que ficaram. O final é de uma inteligente ironia, com a metafísica tropeçando no materialismo.

O FÃ: OBSESSÃO CEGA
(The Fan, EUA, 1981)
Direção: Edward Bianchi. Com Lauren Bacall, James Garner, Michael Biehn. CIC.
Uma atriz (Lauren Bacall) vive um momento de guinada em sua carreira ao ensaiar seu primeiro musical. Entre as centenas de cartas que recebe, uma tem um tom mais ousado, insistindo na intimi-

Abaixo, à esquerda, Kiefer Sutherland motoqueiro ou vampiro. À direita, Dan Aykroyd e Eddie Murphy invertem o saldo bancário

GAROTOS PERDIDOS

TROCANDO AS BOLAS

Fotos Alvorada

CIC

Fotos Warner

Columbia

Sipa Press

Acima: Lord Lambert e sua porção-macaco, (à esquerda). À direita, Spano e Almeida são o duplo dos irmãos Paolo e Vittorio Taviani (no destaque)

dade. O autor é um rapaz (Biehn) aparentemente normal, que vai fazendo um currículo de assassino enquanto tenta se aproximar da estrela. Quando ataca a secretária da atriz, que lhe envia respostas desencorajadoras, fica evidente que essa paixão pode matar. Baseado num livro de Bob Randall lançado antes do assassinato de John Lennon, a história parece uma incômoda premonição, fazendo um inventário sem pretensões da identidade do artista, encurralado entre seus personagens e sua vida pessoal.

CORPOS ARDENTES

(Body Heat, EUA, 1981)

Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner, Richard Crenna. Warner.

Com um título adequado, a primeira direção do roteirista Kasdan e estréia da diva Kathleen é um típico noir dos anos 80, borrifado de sexo. Como a milionária Matty Walker, a moça incendeia o corpo do advogado Ned Racine, suficientemente desleixado na pele de William Hurt. Oprimida ou decidida, maquiavélica ou ingênua, ela só dá uma solução para essa paixão: seu marido precisa ser morto. De sua estratégia de fera sofisticada, ela deixa pistas quase imperceptíveis. Isso até o final, quando Racine, inconformado com seu destino, levanta uma hipótese que não pode confirmar. Com a curiosidade sempre acesa, o filme é visceral até o fim.

CRIMES DE PAIXÃO

(Crimes of Passion, EUA, 1984)

Direção: Ken Russell. Com Kathleen Turner, John Laughlin, Anthony Perkins. RCA/Columbia.

Kathleen Turner é a musa-fetiche dessa seleção. Estrela em três desses filmes, nenhuma outra atriz sabe alternar tão bem as faces de deusa sedutora e cruel. Em *Crimes de Paixão* isso é mais do que evidente: de dia ela é Joanna, uma figurinista, de noite põe uma peruca e dá as cartas da libido como a prostituta China Blue. Dirigida por Ken Russell, o mestre do exagero, ela tem a perversa companhia de Anthony Perkins, como um fanático que decide salvá-la para sua própria tara. De um realismo inquietante, Joana/China Blue seduz ainda um seguidor de sua loucura. Explosivo.

CORONEL REDL

(Redl Ezredes, Áustria/Hungria, 1985)

Direção: Istvan Szabo. Com Klaus-Maria Brandauer, Armin Mueller-Stahl, Gudrun Landgrebe. Polevídeo.

O camponês Albert Redl (Brandauer) consegue apagar de sua vida a origem judaica pobre e ascender ao posto de coronel no Império Austro-Húngaro à custa de uma calculada subserviência. No plano profissional, a *persona* que ele forja funciona impecavelmente. Afetivamente, oculta sua homossexualidade e não consegue conquistar ninguém com seu temperamento rude. Apaixonado por um amigo, acaba inimigo deste. O frágil equilíbrio psicológico desse temperamento ambíguo se rompe quando faz confidências a um outro rapaz. Um trabalho bem sintonizado da dupla Brandauer-Szabo, que antes fizeram *Mephisto* e, recentemente, o supersticioso *Hanussen*. O mais surpreendente é que toda essa derrocada íntima e material é filmada com extrema objetividade.

THE CORSICAN BROTHERS

(Inglaterra, 1985).

Direção: Ian Sharp. Com Trevor Eve, Geraldine Chaplin, Olivia Hussey. Mundial.

Entre gêmeos, a questão da identidade é complicada por princípio, seja porque eles partilham de uma mesma sensibilidade ou porque se diferenciam até o limite do ódio. Neste filme, os irmãos são siameses e, ao nascer, passam por uma delicada cirurgia para serem separados, mas continuam a ter uma mesma sensibilidade. Baseado num livro de Alexandre Dumas, os dois fazem parte de um poderoso clã da Córsega envolvido numa disputa que dura vários anos. Inimigos mortais da família Guidice, os dois — vividos por Trevor Eve — crescem num clima de hostilidade. Louis é um intelectual movido pelo pacifismo. Lucien é impulsivo e passional. Os temperamentos diferentes não impedem que eles tenham uma forte cumplicidade. Cada qual no seu estilo, ambos são apaixonados por uma moça da família inimiga (Olivia) e só a luta final soluciona esse conflito. Mais que a direção, o interessante é o clima de magia da história.

BOM DIA, BABILÔNIA

(Good Morning Babylon, Itália, 1986)

Direção: Paolo e Vittorio Taviani. Com Vincent Spano, Joaquim de Almeida, Greta Scacchi. F.J. Lucas.

Os irmãos Taviani, donos de uma sensibilidade especialíssima, amarram dois temas em *Bom Dia, Babilônia:* cinema e fraternidade. Sem serem diretamente autobiográficos, eles falam deles mesmos e de sua sintonizada colaboração contando a trajetória de dois irmãos italianos que vão para Hollywood trabalhar como cenógrafos do cineasta D.W. Griffith, no filme *Intolerância*, em 1915. Até conseguirem uma posição profissional privilegiada, eles parecem crianças com um único ego, que só procuram harmonia. A dependência entre os dois só fica evi-

DUPLA IDENTIDADE

dente quando um deles, depois de uma tragédia, resolve ir embora. A agressividade entra em cena e eles, bem encarnados por Vincent Spano e Joaquim de Almeida, se encontram como inimigos no *front*, quando o dramatismo parece deslocado, acompanhando a decadência da vida dos personagens. Mas a bonita fotografia e a cenografia exemplar são imperdíveis.

A TULIPA NEGRA
(La Tulipe Noire, França, 1964)
Direção: Christian Jacque. Com Alain Delon, Virna Lisi, Dawn Adams. Look.
Alexandre Dumas era fascinado pela duplicidade dos gêmeos idênticos e, como *The Corsican Brothers*, esse filme é baseado numa história sua. Poucos dias antes de começar a Revolução Francesa, Alain Delon (com 25 anos a menos) interpreta os gêmeos Julian e William. Lançando mão do comportamento oposto entre irmãos com a mesma cara, Julian é atrapalhado e idealista, enquanto William é um *bon vivant* que banca o justiceiro. Ou seja, é o Tulipa Negra, um Robin Hood com roupa de Zorro. Quando o conde fica em perigo e pode ser descoberto como o herói, o irmão toma seu lugar, numa curiosa superposição de identidades, agindo de maneira mais radical que o outro. Surpreendentemente, o filme, que é pura diversão adolescente, tem um final realista, com Delon dando conta do recado.

CARRIE, A ESTRANHA
(Carrie, EUA, 1976)
Direção: Brian De Palma. Com Sissy Spacek, Piper Laurie, John Travolta. Warner.
Carrie, com sua fragilidade crônica que se reverte em fúria, é uma notável vira-casaca do cinema. Interpretada pela raquítica Sissy Spacek, sua força tornou-se ainda mais evidente. Atormentada pela ladainha religiosa da mãe e a crueldade dos colegas, ela vai à forra em seu baile de formatura, onde libera seus poderes paranormais. De Palma abre aí o esgicho de sangue e faz miséria de efeitos com o livro de Stephen King. O resultado é que nunca se viu nas telas boazinha tão má quanto esta.

GAROTOS PERDIDOS
(The Lost Boys, EUA, 1987)
Direção: Joel Schumacher. Com Jason Patric, Corey Haim, Dianne Wiest, Kiefer Sutherland. Warner.
Com uma narrativa ágil e de um humor juvenil inspirado, o diretor Joel Schumacher fez uma interessante história de horror com o pique dos quadrinhos. Lucy (Dianne) é uma recém-divorciada que se muda com os dois filhos para a casa do pai, numa cidadezinha à beira-mar. Lá a maior atração é um parque de diversões e, apesar do provincianismo ou por causa dele, o mistério ronda o lugar e tem numa gangue de motoqueiros os seus representantes legais. Chefiados pelo cínico David (Sutherland), eles estão sempre metidos em vertiginosas excursões pela noite. Enquanto isso, aumenta a lista de mortos estraçalhados por vampiros, e até o fim do filme a diversão é descobrir quem é ou não sugador de sangue.

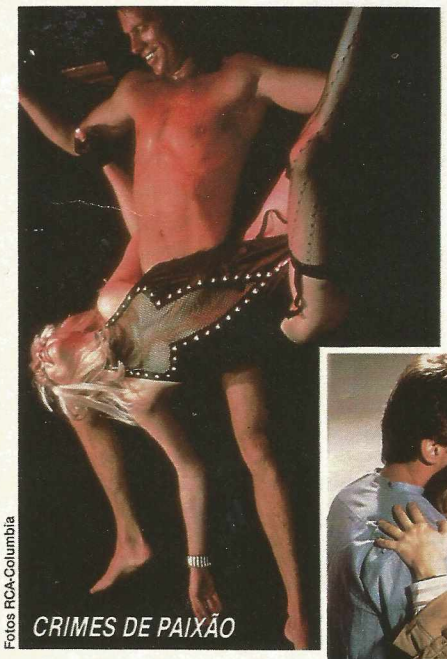
SUPERMAN, O FILME
(Superman, the Movie, EUA, 1978)
Direção: Richard Donner. Com Christopher Reeve, Marlon Brando, Margot Kidder. Warner.
O centro da angústia dos super-heróis é não poderem revelar sua identidade, fazendo com que se escondam atrás de uma personalidade mortal invariavelmente vulnerável. Nessa gênese da série, apinhada de astros, o super-homem chega de Krypton ainda moleque e ganha seu ego terrestre, Clark Kent. Aos 18 anos, ele entra em crise de identidade e vai descobrir quem é realmente numa fortaleza gelada. Surgem daí o Clark Kent e o Super-Homem adultos. O primeiro é um desajeitado repórter, mas pode dar-se ao prazer de se apaixonar por uma companheira de trabalho, a repórter Lois Lane (Margot Kidder). A mocinha se entusiasma mais pelo outro, o homem de aço que lhe salva de morrer despencando de um arranha-céu. Reeve entra e sai das *personas* com habilidade.

GREYSTOKE - A LENDA DE TARZAN
(Greystoke: The Legend of Tarzan, Lord of the Apes, Inglaterra, 1984)
Direção: Hugh Hudson. Com Christopher Lambert, Ralph Richardson, Warner.
Lambert, com miopia e tudo, se esforça e faz as vezes de Filho das Selvas nessa requintada versão da história de Edgar Rice Burroughs. Preocupado em contar o choque de Tarzan com a civilização, Hudson fez uma versão *sui generis* do texto, contrapondo Tarzan nas selvas e entre os ingleses, de quem descende. Na vida social, à qual não está acostumado, seus conceitos e identidade ficam confusos. O desnorteamento tem seu auge quando encontra um macaco preso numa jaula, definindo que o lord que ele é não pode ofuscar Tarzan. Uma adaptação que põe a África em segundo plano, mas que é enxuta e moderniza a história, sem pulverizá-la.

HIGHLANDER, O GUERREIRO IMORTAL
(Highlander, Inglaterra/EUA, 1986)
Direção: Russell Mulcahy. Com Christopher Lambert, Sean Connery, Clancy Brown.
América.
Já escolado como o Tarzan de *Greystoke*, Lambert é Connor MacLeod, um guerreiro medieval que se debate séculos afora com a angústia da imortalidade. Num jogo de forças com seu igual Kugar (Brown), ele tem de se conformar e ver morrer suas companheiras. Em Nova York, entre néons e arranha-céus, ele terá o duelo final com seu inimigo. Com uma identidade adequada a cada época, este será seu teste definitivo para se tornar humano. Como se isso fosse um alívio.

Ao lado, Melanie convence Wasson que é Deborah Shelton (abaixo). Mais abaixo, Kathleen Turner tem as faces de China Blue e da figurinista Joana

DUBLÊ DE CORPO



CRIMES DE PAIXÃO

Fotos RCA-Columbia

CORAÇÃO SATÂNICO
(Angel Heart, EUA, 1986)
Direção: Alan Parker. Com Mickey Rourke, Robert De Niro, Charlotte Rampling. Transvídeo.
A investigação que o detetive Harold Angel (Rourke) faz para encontrar o músico Johnny Favourite, de Nova York a Nova Orleans de 1955, é como um ritual iniciação. Em forma de *thriller*, Parker recheia o filme com sangue e sexo em profusão. Angel, contratado pelo misterioso Louis Cypher (De Niro), não consegue entender um caso que involui a cada novo assassinato. Como se isso fosse pouco, ele tem *flashes* de sua vida, com teores que o intrigam. Num acerto de contas com o diabo, se redescobre como outra pessoa, justamente a que menos admirava...

Seleção e resenhas de César Garcia Lima

TOUCHSTONE
HOME VIDEO
EM VÍDEO, MAIS UM CAMPEÃO DE BILHETERIA NOS EUA E BRASIL!
UM Vagabundo NA ALTA RODA
COMÉDIA FINA É OUTRA COISA!
ESTRELANDO:
RICHARD DREYFUSS • NICK NOLTE • BETTE MIDLER
O que acontece quando um vagabundo é adotado por um casal de milionários de Beverly Hills? Comece a rir agora e só pare depois de assistir esta comédia incrível da Touchstone!
PEÇA NA SUA LOCADORA. E MILHÕES DE RISADAS PRA VOCÊ!
abril vídeo
VENDAS EM TODO O BRASIL: SÃO PAULO: (011) 814.8803 ou 814.8426
• RJ: (021) 295-2089/546-8172 • ES: (027) 229-2223 • RS: (0512) 34-2772 • DF/GO: (061) 243-8815 • PE/AL/PB/RN: (081) 224-2124 • BA: (071) 240-1543 • MG: (031) 227-8014 • PA: (091) 226-9130 • AM: (092) 234-8164 • PR/Curitiba: (041) 253-7610 • Londrina: (0432) 24-6812 • MT/MS: (067) 624-9002 • SC: (0482) 23-6975 • MA/PI: (098) 227-4105 • RO/AC: (069) 221-7354 • CE: (085) 226-3806 • SP/Ribeirão Preto: (016) 625-1316 • Campinas: (0192) 31-2355 • Bauru: (0142) 34-2774 • Santos/Vale do Paraíba - SP: (011) 701-1590
ATENÇÃO: ESTE SELO HOLOGRAMA está nas embalagens e fitas Touchstone. Exija-o para ter garantia de qualidade original.
© 1989 Touchstone Pictures

A TERCEIRA TENTAÇÃO

Concebido como trilogia pelo produtor George Lucas,* Indiana Jones *acabou traumatizado em sua segunda aventura, "aterrorizante demais para as crianças". Não se sabia o que esperar do terceiro filme. Mal se sabia se ele ia acontecer. Mas a espera valeu. Aqui, a história de como* A Última Cruzada *veio às telas

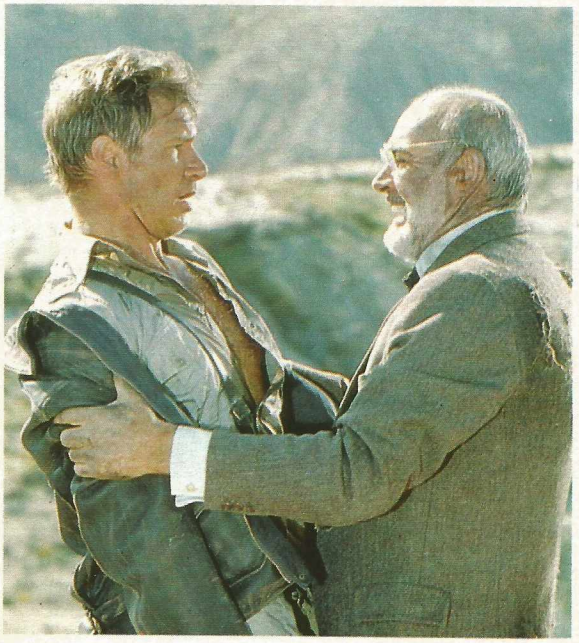
Steven Spielberg não queria nem ouvir falar. George Lucas mantinha a idéia sempre no regime de "depois", passando outros projetos na frente. Harrison Ford pescava trutas no Wyoming. De vez em quando, interrompia seu retiro ecológico para ser mordido por mosquitos em Belize, sob o comando de Peter Weir, ou, o que é bem melhor, ser abocanhado por Sigourney Weaver, sob a batuta de Mike Nichols — isso sem contar correrias por Paris, segundo Roman Polanski.

Ao contrário da maioria dos projetos da indústria, aparentemente um terceiro *Indiana Jones* "era um filme que ninguém queria fazer." Por isso, todo mundo ficou literalmente boquiaberto quando, em dezembro de 1988, um curioso *trailer/teaser* começou a pipocar nas telas americanas: a velha figura enchapelada fugindo de tanques nazistas no meio do deserto (na verdade, em Almeria, na Espanha), Spielberg sorridente gritando "corta", George Lucas de mão no bolso e — surpresa das surpresas — Sean Connery, metido num terno tweed, suando em bicas e chamando Harrison Ford de "Júnior". Consultados, cada um dos personagens desta saga improvável deu seus motivos para o imprevisível retorno (ver nas entrevistas os motivos de Ford e Connery). Mas, no fundo, a moral da história é simples: em Hollywood, é melhor nunca dizer "nunca".

"Eu tinha um certo acordo informal com George, nada mais sério que uma conversa e um aperto de mão", Steven Spielberg contou à revista *Première*, em sua única entrevista para promoção de *Indiana Jones e a Última Cruzada*. "Nós havíamos combinado, desde o início, que esta série seria uma trilogia." Mas, além do fetiche do produtor Lucas pelo número 3 (*Guerra nas Estrelas* foi concebido não como uma, mas como três trilogias), Spielberg achou outro bom motivo para voltar a *Indiana:*

"Eu queria pedir desculpas pelo segundo filme. *Templo da Perdição* era escuro demais, aterrorizante demais, subterrâneo demais. Não há um pingo dos meus sentimentos pessoais naquele filme". Evidentemente, o fato de que um filme com o nome *Indiana Jones* no título rende sempre não menos de 100 milhões de dólares deve ter pesado bastante na hora fatal da decisão. Mesmo *Templo da Perdição*, que nos Estados Unidos foi bastante malhado pela crítica e, por incrível que pareça, virtualmente expulsou criancinhas, em prantos, das salas de exibição (foi por causa de seu conteúdo horrorífico que a Motion Picture Association of America inventou a classificação desaconselhável para menores de 13 anos), atingiu a casa dos seis dígitos em bilheteria. Embora a Paramount não esteja exatamente mendigando bilheterias (é o segundo estúdio mais poderoso da indústria americana, hoje, logo atrás da Disney).

DE CARNE E OSSO — Estas considerações pesam muito na hora de desembolsar os quase 40 milhões de dólares necessários a uma produção como esta — quase 500 pessoas envolvidas, locações em cinco diferentes países. E pesam mais ainda na temporada de verão de 1989, altamente competitiva, em que os concorrentes estão despejando tiros certos, como *Batman* e *Caça-Fantasmas 2*. Eddie Murphy, o eterno trunfo da casa, cismou de dirigir seu primeiro filme, que nem ao menos é uma comédia. Para atenuar a dor de ter de voltar ao seu rejeitado herói,



Fotos UIP

Spielberg e Lucas — ou "os rapazes da conceitualização", como Ford, sarcasticamente, os define — decidiram expandir seu personagem. "Queríamos tanta ação quanto nos filmes anteriores", diz Lucas, "mas queríamos também que o foco passasse exclusivamente da ação para o personagem em si." Que tal um pai? Lucas imaginou no primeiro argumento escrito em parceria com Menno Meyjes *(A Cor Púrpura, Império do Sol)*.

Spielberg gostou do mote. "Que tal um jovem Indiana, um flashback?", ele acrescentou. Dessa forma, Indiana Jones não apenas ganhou um recorte tridimensional, tornando-se um personagem de carne e osso, mas o filme ganhou o atrativo combinado de dois astros com grande apelo em duas faixas diferentes de público — os adultos maduros (Sean Connery, o pai) e os pré e pós-adolescentes (River Phoenix, o jovem Indy).

Desenvolvida em excelentes diálogos pelo roteirista Jeffrey Boam *(Viagem Insólita, Garotos Perdidos, A Hora da Zona Morta)*, a relação entre os Jones (pai e filho) acabou tornando-se o ponto central e a graça salvadora de *Indiana Jones e a Ultima Cruzada*. "Quando Harrison Ford ouviu a idéia do filme, ele exclamou: 'Vamos fazer isto já!' ", rememora Spielberg.

De início, Spielberg tinha dúvidas sobre como Ford — um ator superprofissional, mas de temperamento um tanto instável — iria reagir tendo que dividir seu velho personagem com o brilho de Sean Connery, que tem como hobby roubar cenas e, às vezes, filmes inteiros *(Os Intocáveis*, por exemplo). Logo, contudo, ele viu que os temores eram infundados: "A melhor coisa era pôr Harrison e Sean cara a cara e gritar 'ação' ", ele lembra. "E depois segurar o riso para não estragar a cena." Sim, Ford ficou mesmo um tanto incomodado por ter que, de certa forma, transformar seu semi todo-poderoso Indiana num filho eternamente em competição com o pai (até pelo amor da bela vilã inter-

Indiana Jones agora divide os apuros com o pai, um Sean Connery vetusto mas ainda em forma, que insiste em chamar o filho aventureiro de "Júnior"

A ÚLTIMA CRUZADA

Fotos UIP

River Phoenix (acima) vive o jovem Indiana; na gênese do herói, contada no começo do filme, descobre-se por que o Indy adulto (no alto) usa chicote e morre de medo de cobras

pretada pela irlandesa Alison Doody). Mas Spielberg logo percebeu que essa inquietação era positiva, e o que se vê na tela confirma isso cem por cento: "Foi bom para Harrison ter uma estrela venerável como Sean para dividir as cenas. De certa forma, isso o manteve sempre alerta. E os dois juntos não tiveram o menor problema — eles definitivamente se entenderam às mil maravilhas". (Um detalhe curioso é que, tecnicamente, é impossível que Connery, aos 58 anos, seja pai de Ford, que tem 46).

JONES JR. — A colaboração entre Harrison, Sean e o filme estendeu-se além das câmeras. Foi de Connery a idéia de tornar a dra. Elsa, interpretada por Alison, a parceira amorosa dos dois Jones (e, sim, ela é a primeira mulher da série a levar Indy para a cama — além de ser a primeira a ser tão durona quanto o próprio herói). E foi de Connery também a sugestão dos dois fazerem uma cena de diálogo, dentro de um zepelim, sem calças — não pelo valor dramático do recurso, mas porque fazia um calor sufocante no set, e a câmera só iria focalizá-los da cintura para cima.

Fora a hilariante relação entre Indiana e seu pai — incluindo o flashback de 16 minutos no início do filme, em que River Phoenix demonstra como Indy desenvolveu sua personalidade e adquiriu chapéu, chicote e medo de cobras —, *Indiana Jones e a Última Cruzada* não tem muita novidade para o fã. Os vilões são os mesmos do primeiro filme, os nazistas, e, como em *Caçadores da Arca Perdida*, desta vez Indiana tem que achar, antes deles, um objeto de importância místico-histórica — agora, o Santo Graal das lendas medievais. A dra. Elsa/Allison Doody é uma bela, inteligente e suspeitíssima arqueóloga que também deseja o Graal, e o dr. Henry Jones — pai de Indy — é um respeitado medievalista que também tem uma obsessão pelo cálice mitológico, que, segundo a lenda, recolheu o sangue de Cristo após a crucificação.

Se não bastassem as semelhanças, *A Última Cruzada* tem também sua dose de cavernas, catacumbas, bichos nojentos — ratos, desta vez. Para distrair de tantas semelhanças, restam os stunts, ainda mais dramáticos que nos filmes anteriores, e o impagável diálogo entre pai e filho — que, curiosamente, foi muito pouco improvisado por Sean e Harrison. Como quase todo pai, o dr. Henry Jones continua vendo o filho, homem feito, como bebê excessivamente crescido. Insiste em chamá-lo de "Júnior" e, nos momentos de maior perigo, resmunga sem parar que aquilo é "insuportável".

ADEUS A PETER PAN — No auge de uma refrega, por exemplo, entre balaços nazistas e outros perigos, ele interpela "Júnior": "Isto é o que você chama de arqueologia?" Indiana, por sua vez, tem pelo pai um misto de pouca paciência, admiração e certo rancor — e uma das gags mais divertidas e constantes do filme é seu olhar de "eu fiz uma arte" para o pai, cada vez que, por conta de seus arroubos investigativos, põe os dois em encrencas.

Embora este terceiro Indiana não deva ser a grande estrela deste verão — *Batman* está pintando com mais força —, ninguém duvida de seu poder de fogo nas bilheterias, ainda mais com os charmes adicionais de Connery e River Phoenix. Com ele, Steven Spielberg não apenas está dando adeus ao personagem — e o fim do filme, com uma clássica cavalgada contra o pôr-do-sol, reforça a sensação de despedida — como também está, oficialmente, encerrando uma fase em sua carreira. "Está na hora de eu deixar de ser Peter Pan", ele disse. "Está na hora de crescer." Por crescer Spielberg entende dedicar-se exclusivamente a filmes adultos e fazer, em suas palavras, "ao menos um bom filme de cada um dos gêneros clássicos do cinema". *Always*, refilmagem do clássico de Spencer Tracy, *A Guy Named Joe*, de 1943, é seu primeiro projeto. As filmagens já começaram. O filme tem o lançamento previsto para dezembro deste ano, e Richard Dreyfuss e Holly Hunter retomam os papéis que eram de Tracy e Irene Dunne. "Eu não faria nenhuma outra refilmagem", diz Spielberg. "Essa é a única história que, uma vez já contada, capturou meu coração."

por José Emílio Rondeau, de Los Angeles

Indiana Jones and the Last Crusade, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Steve Spielberg ■ Com Harrison Ford, Sean Connery, Denholm Elliott, Alison Doody, John Rhys-Davies, Julian Glover, River Phoenix ■ ROTEIRO: Jeffrey Boam, baseado na história de George Lucas e Frank Marshall ■ FOTOGRAFIA: Douglas Slocombe ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Elliot Scott ■ MÚSICA: John Williams ■ PRODUÇÃO: ■ Robert Watts ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Pra que se arriscar por aí?

Caderneta da Caixa

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Por que se aventurar aí fora nessa selva de cálculos?

Dividir... Multiplicar... OTN, IPC, BTN, MVR, LFT...

A segurança está na Caderneta da Caixa.

Aqui você não perde nunca.

Essa é a palavra da Caixa. E a Caixa é a Caixa.

Vem pra segurança da Caixa você também. Vem.

HARRISON FORD

Satisfeito com o resultado de* Indiana III, *que mostra o lado mau do personagem, o herói fala sobre Spielberg, a filmagem e sobre o rancor que ainda guarda do caçador de andróides

Fotos UIP

Arisco a perguntas sobre sua vida particular, Harrison Ford, o herói Indiana Jones, rebate aqui as críticas que *Indiana III* tem recebido. Seriíssimo, explica seu relacionamento com os seus mais famosos personagens, Hans Solo, de *Guerra nas Estrelas*, e Deckard, de *Blade Runner*. Aos 47 anos, Ford continua em forma para sair das ciladas, seja nos filmes ou nas entrevistas.

SET — *Houve, nos Estados Unidos, quem criticasse o segundo filme de Indiana Jones por ser assustador demais para as crianças.*

HARRISON FORD — Pessoalmente achei que o tom do filme era sombrio demais e um tanto "misticóide". Mas Steven Spielberg estava no comando e todos nós pensávamos na época que seria uma boa idéia manter o filme daquele jeito, achávamos que ele tomava partido do sucesso do primeiro da série para ser mais ambicioso. Foi um pouco forte demais para as crianças menores, mas acho que o pior defeito foi que o personagem Indiana Jones não havia sido tão desenvolvido quanto eu gostaria que tivesse. Minha ambição para esse terceiro filme era a de que nós pudéssemos encontrar alguma maneira de desenvolver o personagem, e acabamos nos deparando com um recurso que funciona extraordinariamente bem, que é a apresentação do pai. Isso não apenas nos permitiu ter momentos de humor excelentes, como também nos deu um núcleo emocional para a maior parte do filme. Isso distingue esse dos outors filmes (da série *Indiana Jones).*

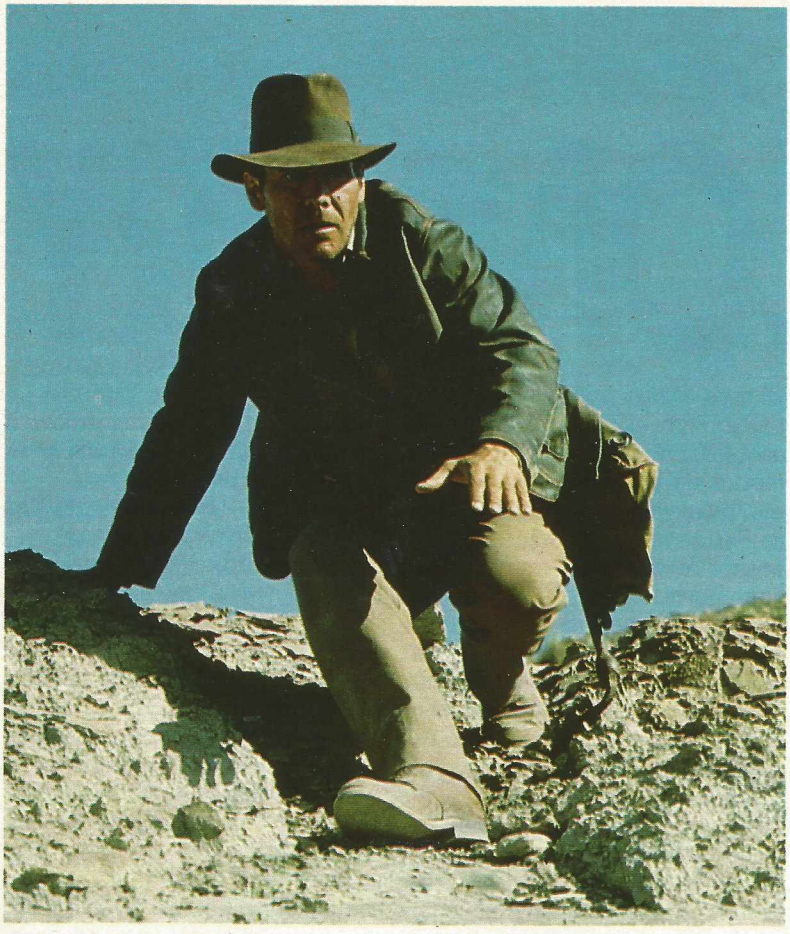
SET — *O que ou quem o motivou a ponto de concordar com esse terceiro filme?*

FORD — Eu gostei da história. Eu gostei das oportunidades que eram apresentadas no relacionamento de Indiana com o pai, que tornavam mais profundo o personagem Indiana. Assim conseguimos enxergar um lado do personagem jamais visto.

SET — *Aí você incluiria a seqüência que mostra Indiana Jones quando garoto?*

FORD — Essa é uma outra camada, com a qual os caras da conceitualização — George e Steven — lidaram.

SET — *Spielberg disse numa entrevis-*



Harrison Ford interpreta Indiana Jones pela última vez, fechando uma trilogia, num papel imaginado, a princípio, para Tom Selleck, o Magnum da TV

ta que estava fazendo esse filme para pedir desculpas pelo segundo. Essa é também a sua posição?

FORD — Não. Eu não peço desculpas por coisa alguma. Acho que o segundo foi uma tentativa razoável de tornar mais complexo o efeito do primeiro. O primeiro teve um sucesso extraordinário, tinha uma força própria, então era um raciocínio interessante dar uma guinada no personagem e colocá-lo numa situação em que ele se torna mau. A maneira como a história acabou resultando ficou um pouco forte demais para as crianças pequenas. Acho que esse filme, agora, é mais parecido com o primeiro, no tom e na intenção.

SET — *Como lhe foi oferecido o papel de Indiana Jones no primeiro filme?*

FORD — O papel, originalmente, era de Tom Selleck. Ele é que seria o Indiana Jones. Mas como Selleck tinha um contrato a cumprir na TV, para fazer a série *Magnum*, Lucas e Spielberg disseram: "Ah, Harrison, você toparia fazer esse filme?" E eu disse que sim.

SET — *O quanto mudou seu relacionamento com Spielberg desde a última vez que vocês trabalharam juntos, oito anos atrás?*

FORD — Meu relacionamento de trabalho com Steven não mudou, de maneira alguma. Desde o início sempre nos demos bem, no trabalho, por causa da nossa boa comunicação. O fato de que tive um certo grau de sucesso fora desse relacionamento, desde então, me ajudou a ser um pouco mais persuasivo, em determinadas horas em que eu precisava fazer prevalecer meu ponto de vista.

SET — *Sean Connery disse que Spielberg mudou o método de trabalho dele, como diretor, para adaptar-se à forma como você e Sean estavam atuando em cena. Em vez de fazer um close após o outro, Spielberg teria colocado duas câmeras rodando simultaneamente para tomar partido do timing de vocês dois.*

FORD — Se tivéssemos tido esse tipo de relacionamento entre personagens num filme anterior, essa também seria a maneira correta de trabalhar. Decerto, quando você tem esse tipo de esquete — quase como *vaudeville* — depende de variações sutis de nuança, sobreposição de emoções, a capacidade de se ver surgir um olhar no rosto do personagem quando está recebendo informação de um outro, ao mesmo tempo. Spielberg nos deixou em paz para que fizéssemos as cenas. O roteiro era tão bom — nós dois sabíamos, antes de rodar, como a cena iria funcionar. Então, antes de filmarmos cada cena (Sean e eu) nos organizávamos bem em torno de algo que já era bem amarrado. Era como se fossem duas pessoas jogando vôlei: tornava-se somente uma questão de passar a bola no momento certo. Era um trabalho cooperativo, e não uma competição.

SET — *Você fez dois dos heróis mais famosos do cinema dos últimos anos, Indiana Jones e Hans Solo. Mesmo assim, não ficou prisioneiro dos personagens. Como você conseguiu isso?*

FORD — Porque eu deliberadamente saí à procura de papéis que fossem diferentes. Não é tão fácil assim, mas tive sorte, e recusei os papéis que me desviariam desse propósito. A questão não é apenas o que você faz, mas também o que você recusa.

SET — Blade Runner, *por exemplo, tornou-se um enorme sucesso de ficção científica, a ponto de ser ponto de referência para vários outros filmes e até livros. Você ficou satisfeito com o filme?*

FORD — Me ressinto até hoje do fato de não terem se livrado da narração em *off*, que me foi imposta no final da filmagem, depois de terem prometido que toda a informação contida na narração seria desdobrada em cenas. Eu fazia o papel de um detetive que não detestava coisa alguma — e Ridley Scott (o diretor) sempre teve um planejamento para o personagem Deckard que ele ocultava de mim: para ele, meu personagem desejava, na verdade, ser ele mesmo um replicante, no fim das contas. Então todo o senso de humor, toda a humanidade, foram removidos. Meu personagem não era tão interessante quanto os replicantes. Desde o início eu havia apontado para esse fato como sendo um problema potencial, mas me asseguraram que de uma forma ou de outra aquilo seria contornado. Nunca me entusiasmei com o produto final.

por José Emílio Rondeau, de Los Angeles

SEAN CONNERY

O intrépido ator, um genuíno* lord, *não perde a classe e confessa que gostaria de ter feito o papel de irmã de Indiana e que não se incomodaria em fazer o papel de avô de James Bond

O ator escocês Sean Connery estava passando suas férias em Sevilha, na Espanha, quando concedeu esta entrevista. Através de um canal de televisão via satélite, ele respondeu às perguntas que eram feitas de Los Angeles. Bem-humorado, o mais notável agente secreto do cinema compara James Bond a Indiana Jones, fala de seu único Oscar por *Os Intocáveis* e conta passagens pitorescas da filmagem de *A Última Cruzada*.

SET — *Você preparou um passado para o dr. Henry Jones quando foi trabalhar no personagem?*

SEAN CONNERY — Bem, nas reuniões iniciais discutimos como ele seria. Eu bem que gostei da idéia de alguém meio como Sir Richard Burton em *The Explorers*, com valores vitorianos, talvez de inclinação mais européia do que americana. Dessa maneira, teríamos uma espécie de conflito em que, repartir um mesmo tema, idéia ou a mesma mulher é sempre muito interessante. E se presta ao humor e ao relacionamento (de pai e filho) logo no início, quando Indiana é chamado de Júnior e está sempre tentando superar o pai. O dr. Henry Jones é excêntrico, egocêntrico, egoísta, mas tem um apetite por coisas do mundo que estão bem além da mentalidade normal e mundana.

SET — *Poderia, de alguma maneira, ser feito um paralelo entre Indiana Jones e James Bond?*

CONNERY — É bastante difícil separá-los, porque eles são muito parecidos no jeitão e na extravagância. Invariavelmente o herói (Indiana) está numa situação da qual precisa se safar. E sempre parece que aquela situação não é fisicamente — ou emocionalmente — possível. E, de alguma forma, ela é. A mesma coisa se aplica aos filmes de James Bond. O paralelo é o mesmo. A única diferença são os relacionamentos sexuais entre Indiana Jones e a mulher — geralmente uns brotos jovens e bonitos se jogando para cima dele, enquanto ele, bem timidamente, tenta lidar com elas. Provavelmente Bond gostaria de tê-las tido como café-da-manhã.

SET — *Duas coisas. Primeiro: saiu no jornal* The Los Angeles Times *que inicialmente você teria sido convidado para fazer o papel de irmão de Indiana Jones, e não de pai. Segundo, um crítico de televisão reclamou da presença dos nazistas nesse filme, alegando que o filme era leve demais para ter uma presença tão pesada.*

CONNERY — Em primeiro lugar: não, nunca tive problema algum em fazer o papel de pai de Harrison Ford. Mas o que eu realmente queria era fazer o papel de irmã (sic) dele (risos). Mas Spielberg não concordou. A Paramount chegou a pensar um pouco no assunto... Falando sério: não, acho que tudo isso é fantasia. Quanto ao crítico, acho que existe um certo número de pessoas que tem inveja do sucesso de Steven. Por que não colocar um nazista e tentar tirar partido disso? Acho que é uma coisa boa poder ganhar dinheiro, se divertir e criar um bom filme com uma coisa tão repreensível e medonha. Se não fossem nazistas (no filme) teria sido outra coisa.

SET — *Conta-se que na hora de rodar uma das cenas do filme estava fazendo tanto calor que você resolveu tirar as calças e fazer a cena de cuecas.*

CONNERY — Foi na cena do Zepelim, em que Harrison e eu tínhamos uma conversa entre pai e filho. A temperatura estava acima dos 40 graus e todo mundo estava tendo problemas terríveis por causa do calor. E eu estava usando um terno com colete feito de Tweed — me parecia ridículo ficar com toda aquela roupa, já que a parte de baixo de meu corpo estava fora de quadro. Então tirei as calças. No começo, Harrison não gostou muito da história. Depois, com o suor pingando do rosto, ele acabou percebendo que era uma idéia bem esperta. E fez o mesmo.

SET — *Levou muito tempo até que você tivesse o reconhecimento de Hollywood — Somente no ano passado você ganhou seu primeiro Oscar. Por que teria demorado tanto esse reconhecimento?*

CONNERY — Não tenho a mínima idéia. Devo ter, enfim, feito alguma coisa certa. Não sei. É uma dessas situações... Não estou nem em Hollywood nem na Europa. Fico muito na minha, entrando e saindo daqui ou ali. É uma coincidência que quatro dos cinco últimos filmes que fiz tenham sido para a Paramount. É incomum. Houve um ciclo (antes) em que eu estava fazendo filmes independentes, para companhias menores... Se você tiver um assessor de imprensa e for ao Festival de Cannes pode vir a tirar maior partido da situação. Mas nunca fui disso. Acho que isso explica alguma coisa. E, é claro, processei a maioria dos estúdios de grande porte (risos). Na verdade, não processei a Paramount.

SET — *Você se sentiu desconfortável fazendo o papel de espectador da ação, a maior parte do tempo, em* Indiana

Sean Connery empresta ao dr. Jones, pai de Indiana, vitalidade e senso de humor; é do ator a idéia de disputar a mocinha com o filho

Jones e a Última Cruzada, *depois de anos como o intrépido James Bond?*

CONNERY — De certa forma me aconteceu ficar um pouco à margem da ação, e ser um intelectual. Ademais, estava fazendo o papel de um personagem (Henry Jones) muito mais velho do que realmente sou. Tenho apenas 43 anos. (Risos. A idade verdadeira de Sean é 58 anos).

SET — *Você faria, por exemplo, o papel de pai de James Bond?*

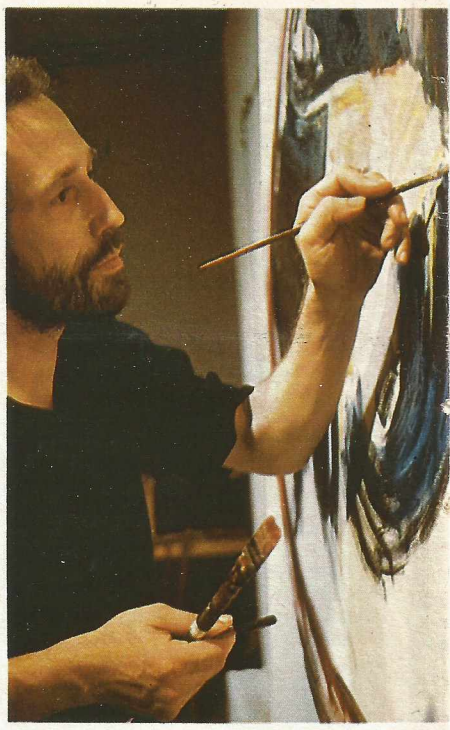
CONNERY — Para ser bem honesto, nunca pensei nisso. Tampouco me convidaram. Mais uma vez, dependeria inteiramente da qualidade do roteiro e da concepção, de quem estaria dirigindo... Por que não? (Pausa) Mas iria sair caro...

SET — *Qual sua opinião sobre os filmes de James Bond feitos atualmente?*

CONNERY — Vi *007 Marcado Para a Morte*. Achei muito bom. Conheço Timothy Dalton e acho que os filmes com ele estão retornando ao conceito original, um filme mais realista, mais envolvido com o personagem e com a maneira como se relaciona com o que está fazendo, mas sempre com a mesma quantidade de sexo, diversão e jogos, e não tanta maquinaria maluca. Tenho certeza de que a série Bond continuará. E, quem sabe, provavelmente vou acabar fazendo o papel do avô de James Bond.

por José Emílio Rondeau
de Los Angeles

Fotos UIP



Blaudelle (Arcand) dilacerado pelas lembranças da mãe

PÂNICO E DESTERRO

Em Doces Ecos do Passado, *os descaminhos da afetividade perdida*

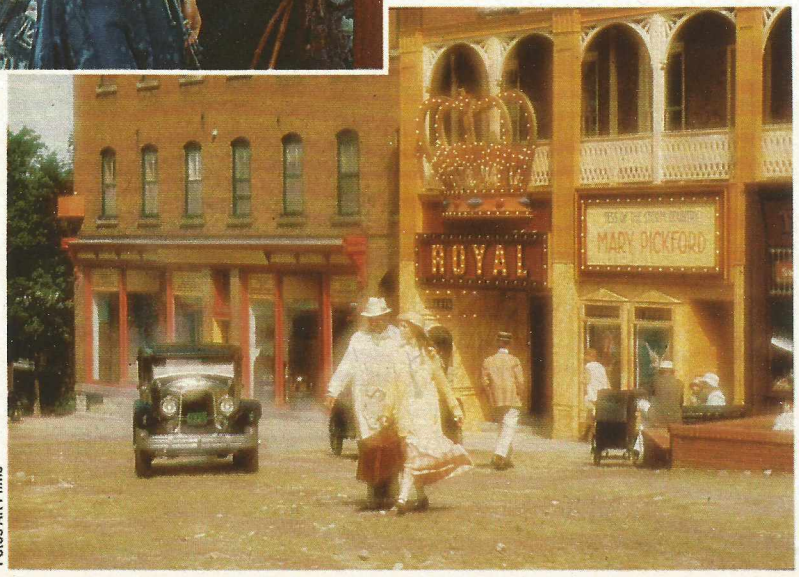
As pequenas pérolas que o cinema canadense tem dado ao mundo costumam vir impregnadas de sensibilidade e inteligência. *O Declínio do Império Americano* (1986), de Denys Arcand, fez fama internacional, mas pecava pelo excesso de pretensão que chegava a desaguar no embuste. Este *Doces Ecos do Passado* — o título brasileiro é tenebroso, pois não são doces as lembranças e elas são muito mais fortes do que simples "ecos" — não é um grande filme, mas é tocante como poucos. Um artista plástico marcadamente infeliz, Blaudelle (Gabriel Arcand) vive com seu filho aprendiz de pianista, o pré-adolescente Antoine (François Méthé), no Canadá. Já triste por natureza, Blaudelle cai em profunda depressão ao receber pelo correio uma maleta com objetos de estimação e um caderno de memórias de sua mãe.

Na verdade, Blaudelle não conhece pessoalmente a própria mãe, Céleste, e a inesperada correspondência significa seu primeiro contato com ela. Através da leitura das memórias maternas, ele recompõe a vida dela, que vem à tela em sucessivos flashbacks. Céleste Beaumont, (Monique Spaziani), filha primeira de uma numerosa família de músicos, é pianista e vive no campo. Aos 18 anos, em 1928, consegue um emprego tocando piano em sessões de filmes mudos, na cidadezinha de Campbelton. O dono do cinema, Sr. Litwin (Rémy Girard) deita olhos por demais desejosos sobre a juventude de sua contratada. Ela não dá confiança.

Com o advento traumático do cinema falado, Celeste perde o emprego. Ela, que copiava os modelos de seus vestidos das revistas sobre as grandes atrizes, e que mantinha uma aura mítica em torno de si perante a platéia provinciana de Campbelton, está alijada do cinema — e do estrelato de segunda que construíra para si mesma. Em compensação, arranja um casamento. Pierre Blaudelle (Jacques Penot), filho da rica família que governa a cidade, toma-a por esposa. Tímido e covarde, Pierre deixa que seus pais interfiram e determinem seu destino e o de sua jovem mulher. É um sujeito inteiramente anulado sob a prepotência familiar. "Você é como o cinema, nunca fala", dizia Céleste ao namorado apático. Com o tempo, ela descobriria que o mutismo de Pierre não se devia a uma limitação técnica, como a do cinema, mas a uma irremediável falta de iniciativa.

Céleste tem um filho, Blaudelle, que será criado pelos avós. Ela entende que terá que reunir forças para mandar na própria vida. Começa a estabelecer-se na narrativa, ao fundo, uma contradição que vai alimentar e mover o roteiro: o feminino contra o masculino. Feminina, em *Doces Ecos do Passado*, é a música que conduz as aspirações e os sonhos de Celeste; masculino é o *status quo* ossificado, o cinema como negócio é masculino, masculinas são as investidas da interpretação contra as verdades íntimas.

EXÍLIO DO EGO — Pierre, pai de Blaudelle, é o masculino tanático, representa a cristalização do modo de vida. Uma cristalização que Céleste não suporta. Quando manda



A mãe Céleste (Monique), acima, personifica a estrela da pequena Campbelton, à direita

Fotos Art Films

suas memórias ao filho, ela está em Nova York, casada com um músico. O próprio Blaudelle, abandonado em sua aflição, encontra-se dilacerado entre o feminino e o masculino. Recusa-se a aceitar rever a mãe, a quem jamais perdoou a separação prematura. No entanto, ele é sensível demais para ignorar o desejo de reencontrá-la. Também na sua vida atual, Blaudelle é consumido por dilacerações insolúveis. Dois ou três anos após o nascimento de Antoine, separou-se da esposa Lauda (Miou-Miou), a quem acusa, sem o menor fundamento, de "lesbianismo". A acusação é sintomática, mais simbólica do que real. Lauda, bela e dotada para as artes, mantém uma cumplicidade com o universo feminino que Blaudelle não consegue suportar. Por isso, ele reproduz o mutismo do pai que não conheceu, ao passo que Lauda reedita a inquietação da sogra que jamais viu. Blaudelle tem pavor de perder aquilo que ama — e por isso exila-se dos seus. Se não pertencer a ninguém, jamais perderá coisa alguma.

Anulado em sua agressividade masculina, Blaudelle encontra-se paradoxalmente oprimido na sua afetividade, que não tem como expandir. A não ser com o auxílio de mais alguém. Seu filho Antoine, solidário com a angústia paterna, aprende ao piano a música composta por sua avó, "You Don't Kill a Piano Player". Apaixona-se pela melodia (atenção para o trabalho musical do filme, a cargo de Françoise Dompierre) e passa a ler o diário. É cada vez mais atraído pela distante figura de sua avó. Dele —uma criança, em cujo interior ainda não se operou a contradição que abateu Blaudelle — dependerá o lance final. Ou o lance inicial. A superação do trauma depende de uma força vital de terceira geração.

Eugênio Bucci

Les Portes Tournants, Canadá, 1988 ■ DIREÇÃO: Francis Mankiewicz ■ Com Monique Spaziani, Gabriel Arcand, Miou-Miou, François Méthé, Jacques Penot ■ ROTEIRO: Jacques Savoie ■ FOTOGRAFIA: Thomas Vamos ■ MÚSICA: Françoise Dompierre ■ DIREÇÃO DE ARTE: Anne Pritchard ■ PRODUÇÃO: Malofilm Production ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

HUMOR AÇUCARADO

Michael Caine e Sally Field divertem em Ensina-me a Querer

Entre 1985 e fevereiro de 1989, o senhor Michael Caine participou de 13 longas-metragens. Uma quantidade respeitável, não superada por nenhum outro astro de primeira grandeza. Dinheiro ele ganha bastante — e faz, em geral, filmes na média. Caine é um ator profissional e, como poucos, sabe que está emprestando seu talento para fabricarem mercadorias. A massa quer se divertir, afinal de contas. Michael Caine sabe entretê-la. Nesta comédia romântica, *Ensina-me a Querer*, ele dá um show. A seu lado, a não menos experiente Sally Field completa o espetáculo.

Ele faz o papel de Sean Stein, um desses escritores médios americanos que ficam milionários. É um tipo amoroso, mas traumatizado. Depois de dois casamentos — e de processos pós-divórcio em que suas ex-mulheres conseguiram arrancar-lhe uns bons milhões de dólares —, não quer mais saber do sexo oposto. Vive só, em sua mansão de Los Angeles, arredondando um plano de exilar-se bem longe da América. De preferência em algum país do Oriente Médio, onde mulheres não contam. Quando se encontra com Daisy Morgan (Sally Field), põe-se a rever sua condição celibatária.

O encontro não poderia ser mais cômico. Convencido a comparecer a uma recepção, o escritor cai numa armadilha de constrangimento. Assaltantes invadem a festa e deixam nus todos os convivas. Nus, Daisy e Sean são amarrados um ao outro. Sean fica a fim da moça. Ela tem um noivo, o advogado picareta Marty (Steve Guttenberg), mas anda insatisfeita com a vida. Sean, escaldado, admite batalhar o coração de Daisy, mas diz a ela que é um pobretão dos infernos. Apresenta-se como um escritor em busca de editores. Daisy, romântica, uma artista plástica medrosa e tímida, acaba gostando dele, mas acha que já está velha demais para embarcar na canoa de um tipo sem dinheiro.

Como é natural nesse tipo de filme, tudo vai se revelando aos poucos. Verdades e mentiras de Sean encontram-se e desencontram-se das verdades e mentiras de Daisy. Esta infeliz tem o agravante de um tique nervoso, que a faz piscar feito uma louca a cada mentira que conta. Dinheiro, amor, felicidade e graça se misturam numa fórmula de diversão leve e garantida. Caine tem seu jeitão de malandrinho e Sally leva aquele ar de sofredora. O espectador fica torcendo pelos dois, emocionado.

Eugênio Bucci

Surrender, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Jerry Belson ■ Com Sally Field, Michael Caine, Steve Guttenberg, Peter Boyle, Jackie Cooper, Julie Kavner ■ ROTEIRO: Jerry Belson ■ FOTOGRAFIA: Juan Ruiz Anchia ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Lilli Kilvert ■ MÚSICA: Michel Colombier ■ PRODUÇÃO: Aaron Spelling e Alan Greisman ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris

Paris

Acima, Sean Stein (Caine) arma mentiras e encontros para conquistar Daisy (Sally Field)

AMOR DE FERRO

Momento do Destino *conta a história de um romance inquebrantável*

Quem ama não mata, a não ser em legítima defesa do amor. Os apaixonados deste *Momento do Destino* têm a estranha capacidade de fazer com que expire a vida de quem se mete entre eles. Josie Larañeda (Melissa Leo) e seu noivo, o soldado Jack (Timothy Hutton) — ela, filha de um imigrante basco, Jorge (Francisco Rabal), que se estabeleceu como rancheiro na Califórnia, e ele, um qualquer, nativo da América —, estão resolvidos a contrair matrimônio antes que ele seja convocado para combater na Europa, nos últimos anos da Segunda Guerra. O pai da moça não concorda — não autoriza o casamento por não aceitar a figura do pretendente.

Mulher de fibra rígida e de opinião sólida, ela foge com o rapaz numa noite de chuva e, juntos, trocam alianças numa igreja das redondezas, para depois tomar o rumo de um hotel, onde desfrutam suas núpcias. Já de madrugada, o rabugento Jorge Larañeda se dá conta da operação casadoira e, depois de extorquir de uma filha mais velha a informação sobre o paradeiro dos nubentes, vai atrás deles. Encontra-os antes do raiar do sol, arranca a filha do leito conjugal e faz chantagem. Diz a ela que é sua filha predileta, que se sente traído, essas coisas. Ela contra-argumenta: "Papai, agora sou uma mulher casada!" "Então, você não é mais minha filha", amaldiçoa o velho espanhol. Pobre mulher. Sua fibra não é mais tão rígida, sua opinião é menos sólida. Ela entra no carro do pai e ruma com ele para casa.

Aflito, atônito, desentendido e raivoso, o marido, Jack, entra no seu carro e sai na cola da fugitiva inveterada. Horas antes, Josie fugia do pai para ficar com ele, e agora ela foge dele para ficar com o pai. Detectando no retrovisor o automóvel do genro indesejado em seu encalço, o velho Jorge pisa fundo, bate na cerca da estradinha, cai dentro do lago e morre afogado. Comoção e tragédia no lar dos Larañeda. A moça, que sabe nadar, sobrevive para ir chorar com a mãe, Sebastiana (Concha Hidalgo), e as irmãs, no corredor do hospital.

O velho já é cadáver irreversível quando chega ao velório o filho renegado, Martin Larañeda (o sempre competente William Hurt). O velho era um sujeito dado a predileções com seus herdeiros. Assim como protegia Josie, o falecido (antes de o filme começar) Jorge era indiferente para com as outras filhas e abominava Martin, a quem jamais perdoara por ousar tentar vender o rancho da família. Martin é um desequilibrado por conta dessa história toda.

TIRO NO ESCURO — A trama se desenrola a partir do momento em que, desconsolado, Martin resolve que vai se vingar de Jack. Para matá-lo, apresenta-se como voluntário — militar que já é — para servir exatamente no mesmo batalhão que seu cunhado. Este, por sua vez, não sabe que seu companheiro de trincheira é um Larañeda com planos mortais. Tudo o que Jack deseja é voltar à Califórnia, onde Josie o espera para reatar os laços matrimoniais. Ela, cautelosa, diz à família que rompeu com Jack.

Irritantemente previsível, o filme não deixa de ser bem conduzido. O diretor Gregory Nava e sua esposa, Anna Thomas, que escreveu o roteiro com ele, souberam recorrer ao brilho de pequenas ironias. Uma das melhores é quando Martin, tentando alvejar Jack no escuro, acerta um inimigo e ganha medalha por ato de bravura. Há ainda citações até que felizes, como a de *Um Corpo que Cai*, numa torre de igrejinha. Tudo isso, porém, se dilui numa história incapaz de maiores vôos. O amor de Jack e Josie parece meio caído do céu: a trama não dá conta de transmitir ao espectador a razão pela qual ele é assim tão inquebrantável. Parece uma predestinação — ou um argumento ingênuo, que supõe haver na platéia a mesma pureza d'alma. Quem gosta de novela talvez se deixe contagiar. *Eugênio Bucci*

O soldado Jack (Hutton) quer defender seu amor pela irmã do militar Martin (Hurt) que se empenha em vingar a morte do pai

Fox

A Time of Destiny, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Gregory Nava ■ Com William Hurt, Timothy Hutton, Melissa Leo, Francisco Rabal, Concha Hidalgo ■ ROTEIRO: Gregory Nava e Anna Thomas ■ FOTOGRAFIA: James Glennon ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Henry Bumstead ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ PRODUÇÃO: Anna Thomas ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

UIP

A testemunha Angela (Daphne Zuniga) à espera da proteção do pároco Pace (Berenger)

REZA BIRUTA

Ritual de Sangue *coloca Tom Berenger entre a Igreja e a Máfia e embanana tudo*

Michael Pace (Tom Berenger) é um padre católico nascido no seio de uma *famiglia* mafiosa. Seu pai quer levá-lo para a Máfia, as mulheres querem levá-lo para a cama. Haja vocação. Sua irmã mafiosa (Anne Twomey) mata o marido adúltero na primeira e melhor seqüência do filme. A amante do morto, a chicana Angela (Daphne Zuniga), testemunha o crime e escapa com vida por um triz. Resolve ir à igreja pedir ajuda a um padre. Adivinha se não é o próprio Pace que a acolhe sob a batina. Candidamente, ela explica a coincidência como uma intervenção milagrosa da Virgem Maria. Se colar,colou.

Mas o filme não cola. Indeciso entre impor um ritmo de suspense policial ou desenvolver o drama do padre acossado pela tentação, o enredo perde-se numa sucessão de situações inverossímeis e reviravoltas artificiais, temperadas com cenas de "erotismo católico" e imagens turísticas do México.

Mas o que surpreende é que, com todos os problemas, esse *imbroglio* prende a atenção até o final, que parece uma paródia do já paródico *A Honra do Poderoso Prizzi*. Talvez seja milagre da Virgem.

José Geraldo Couto

Last Rites, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Donald P. Bellisario ■ Com Tom Berenger, Daphne Zuniga, Chick Vennera, Anne Twomey, Dane Clark, Paul Dooley ■ ROTEIRO: Donald P. Bellisario ■ FOTOGRAFIA: David Watkin ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Peter Larkin ■ MÚSICA: Bruce Broughton ■ PRODUÇÃO: Donald P. Bellisario ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

PIADA IMORTAL

Palco das Ilusões *fala da graça de piadistas com bom elenco*

A comédia é um drama. *Luzes da Ribalta* traduziu essa verdade com ternura e radicalidade: o cômico vive tumultos existenciais que, ironicamente, credenciam sua sensibilidade para arrancar os risos da platéia sobre o ridículo (e o sublime) da aventura humana. *Palco das Ilusões* com certeza é um filme bem menor, mas investiga de forma correta e honesta a mesma contradição. Tom Hanks, o excelente comediante indicado para o Oscar de melhor ator por seu trabalho em *Big*, já exibido no Brasil, interpreta o jovem estudante de medicina Steve Gold. À noite, ele se apresenta como piadista num clube noturno de Nova York, The Gas Station.

Sally Field — já ganhadora de dois Óscar, por *Um lugar no Coração* e *Norma Rae* — faz a dona de casa Lilah Krytsick, mãe de três filhos e esposa de um sujeito (John Goodman) dedicado ao lar e ao trabalho. Como o estudante de Medicina, ela também se julga uma piadista nata e começa a se apresentar nos shows do clube noturno. Enquanto o estudante tem de driblar as expectativas paternas, que atribuem a ele um futuro sólido na medicina, Lilah vê-se em problemas por causa da resistência que o marido opõe à sua atividade artística.

Os dois, Steve e Lilah, procuram apoiar-se mutuamente quando vêem suas vidas pessoais na iminência de um desmoronamento. O problema com este filme é que muitas das piadas se perdem por causa da tradução. Por exemplo: *seven-eight-nine*, que soa como *seven ate nine* (o sete comeu o nove), fica sem graça com a tradução. Mas, apesar disso, a interpretação brilhante dos dois atores compensa o espetáculo, pleno de emoções e dramas autênticos.

Eugênio Bucci

Punchline, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: David Seltzer ■ Com Sally Field, Tom Hanks, John Goodman, Mark Rydell, Kim Greist, Paul Mazursky ■ ROTEIRO: David Seltzer ■ FOTOGRAFIA: Reynaldo Villalobos ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jack DeGovia ■ MÚSICA: Charles Gross ■ PRODUÇÃO: Daniel Melnick e Michael Rachmil ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia

Lilah e Steve (Sally Field e Hanks) fazem anedotas de seus problemas existenciais

Columbia

SANGUE NA RIBALTA

Câmera vertiginosa e ultraviolência em Terror na Ópera

Ópera é um gênero musical carregado nas tintas por excelência, inflado de paixão e melomania. Dario Argento, um nome freqüentemente associado a produções do tipo B tingidas de sangue artificial, conseguiu levar ao extremo a associação cruel entre sons desbragadamente apaixonados e violência torrencial. O casamento resulta num filho híbrido com as feições de um fantasma. Um thriller de riso nervoso — muitas vezes nauseante —, classe A.

Talvez o que mais chame a atenção em *Terror na Ópera* seja a movimentação vertiginosa da câmera, francamente sofisticada e aterradora. Mas Argento deixa escapar um senso de humor dos mais escuros, mesmo nas cenas tenebrosas, quando opera crimes com requintes de sadismo. Não levando a sério o próprio argumento, por si só uma pérola de incredulidade, e — ao mesmo tempo — tingindo a tela com apetite sanguinolento em assassinatos muito bem realizados tecnicamente, o diretor arquiteta um filme impressionante que exala o ar cafona das produções B e atinge o plexo solar dos fãs de terror.

Terror bufo: a jovem soprano Betty (Cristina) é atacada sem dó (acima) na noite de estréia (abaixo)

Fotos Fox

Nos ensaios para a inauguração da temporada lírica do teatro Scala, de Milão, com o *Macbeth*, de Giuseppe Verdi, a prima-donna quebra a perna. Atribui-se à maldição da obra de Verdi a desgraça ocorrida. Uma jovem soprano (Cristina Marsillach) assume o lugar da cantora.

Daí em diante parece que a sordidez da lenda persegue os passos da substituta. Um dos pontos altos do filme é a própria encenação da ópera, tratada de uma forma modernosa, com iluminação computadorizada e lúgubres corvos sobrevoando a cena. O assassino, mascarado, atemoriza a atriz afastando todos aqueles que tropeçam no seu caminho. Ela assiste, aprisionada, a todos os crimes — um medonho objeto coberto de agulhas é colocado sob suas pálpebras para impedir que ela feche os olhos. Os assassinatos variam do esfaqueamento simples à estripação com tesoura de costura. Se o espectador não fechar os olhos vai se ver diante de algumas das cenas mais sanguinárias já filmadas.

Um dos tropeços possíveis do filme (embora integrado ao caráter bufo que permeia a ação) é o psicologismo barato e perverso que tenta explicar os subterrâneos da alma da cantora e clarificar o mistério. A interpretação pífia dos atores principais alivia bastante o fardo psicológico que às vezes interfere na trama. O quente mesmo são as imagens velozes e diabólicas, somadas ao estranhamento da canção dos Rolling Stones que impõe, nos momentos mais corridos, um contraponto barulhento ao canto lírico. O mais são mortes terríveis em profusão e o desespero quase infantil da frágil soprano, perseguida pelo mascarado cuja caracterização lembra muito a máscara trágica e deformada do Fantasma da Ópera.

Carlos Volpato

Terror At The Opera, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Dario Argento ■ Com Cristina Marsillach, Ian Charleson, Urbano Barberini, Daria Nicolodi, Antonella Vitale ■ ROTEIRO: Dario Argento e Franco Ferrini ■ FOTOGRAFIA: Ronald Charles Taylor ■ PRODUÇÃO: Mario e Vittorio Cecchi Gori ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

QUEM CONHECE VÍDEO, CONHECE A JVC.

No mundo todo, quem conhece vídeo, conhece muito bem a JVC, inventora e pioneira do VHS e responsável pelo desenvolvimento de novos e revolucionários recursos em vídeo. Como a velocidade LP, o áudio em HI-FI ou o SUPER VHS, a última palavra em vídeo, no mundo todo. Os equipamentos que a JVC lança são mais do que simples produtos, representam verdadeiros marcos no desenvolvimento tecnológico, resultado da pesquisa e da experiência: HR D227 M: 4 CABEÇAS DE VÍDEO, INDEX de busca automática, MEMÓRIA COMBINADA de funções, CONTROLE REMOTO "10 KEY" para todas as funções, COUNTER GO-TO para localização automática, e chave seletora de sistemas NTSC/PAL-M. HR D440 M: 4 CABEÇAS DOUBLE AZIMUTH que garantem efeitos super-especiais, como câmera lenta, quadro-a-quadro e congelamento de cena, com perfeição e nitidez nas imagens. NTSC/PAL-M AUTOMATIC - seleção automática de sistemas, na reprodução ou gravação. ON SCREEN - todas as funções em operação ou programação são apresentadas na tela do televisor. CONTROLE REMOTO UNIFICADO para controle à distância de todas as funções do vídeo e do televisor. CÂMERA VÍDEO-MOVIE GR-25: A câmera VHS que cabe na palma da mão e pesa somente 1,3 kg. CCD de alta resolução, OBTURADOR de alta velocidade, FOCO e AJUSTE DE CORES totalmente automáticos. É por isso que todo o mundo conhece a JVC. A marca de quem conhece vídeo.

À venda na Zona Franca de Manaus.

TECNOVIDEO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011) 815-9144 • 813-6300 • 814-8555

JVC

ÁGUA NO FEIJÃO

Kevin Kline não traz tempero suficiente para **Calendário da Morte**

É até possível ligar-se curiosamente (ou mesmo com alguma morbidez peculiar) em histórias de assassinos que matam por puro entretenimento, construindo quebra-cabeças absurdos para tiras inteligentes decifrarem. A literatura policial, principalmente quando levada às telas, muitas vezes não se atém em explicações completas a respeito das causas e efeitos dos mais complexos crimes. Aí, tanto faz se o "plausível" está presente. O que conta mesmo é a trama, a coerência narrativa, o instinto policialesco e a emoção de ver o crime desvendado. Algumas piadas, é claro, também ajudam.

Calendário da Morte não acerta nem as piadas. O roteiro de John Patrick Shanley — Oscar 1988 por *Feitiço da Lua* — tem sabor enjoativo, de frustrada pretensão. Depois de uma sucessão de 11 crimes misteriosos de mulheres solitárias, incluindo o de uma amiga de sua filha, o prefeito de Nova York (Rod Steiger) obriga o comissário Frank (Harvey Keitel) a recontratar o único policial capaz de descascar tamanho abacaxi. Trata-se de Nick (Kevin Kline), irmão de Frank, engajado ao corpo de bombeiros. Ele faz algumas exigências para seu retorno à luta contra o crime. Por exemplo, um jantar com a cunhada, Christine (Susan Sarandon), outrora sua namorada.

Mas torna-se amante mesmo da filha do prefeito (Mary Elizabeth Mastrantonio) e ambos, auxiliados pela excentricidade de um artista plástico (Alan Rickman), buscam a solução para o problema. Aritmética, astronomia e música são incógnitas da equação.

Pela primeira impressão, até parece que o enredo seria um bom veículo para atores consagrados. Engano: Pat O'Connor, o diretor, entrou pela contra-mão. Kline é forçado a repetir, sem sucesso, o desempenho de seu personagem em *Um Peixe Chamado Wanda* (Oscar 1989 de melhor ator coadjuvante, merecido) e se perde em malabarismos insossos. Ele é tarado por café expresso e gastronomia — e força suas pretendentes a experimentarem sua cozinha "exótica". Susan Sarandon, por sua vez, entra e sai só para marcar o ponto e nem nota a própria presença. Keitel, Steiger e Danny Aiello, como o capitão Alcoa, também se esforçam para engrossar o caldo. Ninguém consegue. São diluídos pela fórmula aguada da direção que nem mesmo a produção de Norman Jewison (diretor de *Feitiço da Lua*) é capaz de reter nas mãos.

Dilson Gomes

January Man, Eua, 1989 ■ DIREÇÃO: Pat O'Connor ■ Com Kevin Kline, Susan Sarandon, Mary Elizabeth Mastrantonio, Hervey Keitel, Danny Aiello, Rod Steiger, Alan Rickman ■ ROTEIRO: John Patrick Shanley ■ FOTOGRAFIA: Jerzy Zielinxki ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Philip Rosenberg ■ PRODUÇÃO: Norman Jewison e Ezra Swedlow para a MGM ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP.

UIP

Rickman, Mastrantonio e Kline enrolados com armadilhas de aritmética básica

AVISO AOS ASSINANTES

SE VOCÊ NECESSITA DE ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ASSINATURA, ESCREVA PARA EDITORA ABRIL -ASSINATURAS, RUA DO CURTUME, 769, LAPA, CEP 05065, SÃO PAULO, SP.

OU, SE PREFERIR, UTILIZE ESTES TELEFONES:

EDITORA AZUL

SÃO PAULO TEL. (011) 823-9222
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)

RIO DE JANEIRO TEL. (021) 295-5544
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)

RECIFE TEL. (081) 224-0655
DAS 8H30 ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 18H

SALVADOR TEL. (071) 247-1022
DAS 8H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H

BELO HORIZONTE TEL. (031) 275-2255
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H

PORTO ALEGRE TEL. (0512) 33-9034
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30

BRASÍLIA TEL. (061) 226-6963
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H

CURITIBA TEL. (041) 263-3013
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30

FLORIANÓPOLIS TEL. (0482) 23-7598
DAS 9H ÀS 12H E DAS 14 ÀS 18H

SE VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO, PREENCHA O PEDIDO DE ALTERAÇÃO ABAIXO, COLOQUE-O NUM ENVELOPE E ENVIE-O PARA

EDITORA ABRIL
ASSINATURAS

RUA DO CURTUME, 769, CEP 05065, LAPA, SÃO PAULO, SP.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

ATENÇÃO: OS EXEMPLARES COMEÇARÃO A CHEGAR EM SEU NOVO ENDEREÇO DE 4 A 6 SEMANAS APÓS RECEBERMOS O SEU PEDIDO.

NOVO ENDEREÇO _____ CEP _____

BAIRRO _____ ESTADO _____ TELEFONE _____

CIDADE _____

RECORTE AQUI

Com o Auto-Focus você sempre consegue um sorriso; mesmo que através do vidro.

Panasonic M-8; Após lançar a câmera mais popular no Brasil, a M-7; a Panasonic libera toda sua criatividade em vídeo.

Filmar nunca foi tão fácil, nem os resultados tão bons. Lentes zoom (F1.26) com recurso macro, possibilitam posições de foco e a "Flying Erase Head" (cabeçote móvel apagador) edita melhor do que nunca.
O chassi de alumínio moldado resiste facilmente a choques e vibrações. O obturador de alta velocidade (1/500 seg. e 1/1.000 seg.) elimina distorções. Possui, ainda, um grande viewfinder eletrônico (0,9"), localizador de cena, timer e intervalo de gravação e controle de íris manual/automático. E o foco automático "piezo", ajustado ao olho humano, garante cenas nítidas e claras, mesmo através de vidro ou água. Panasonic M-8. Colocará um lindo sorriso nas suas cenas e lhe fará sorrir ainda mais com o resultado.

VHS MOVIE NV-M8PX

Panasonic

NEW TREND

À venda na Zona Franca de Manaus.

JOAN CRAWFORD

A herdeira do império Pepsi-Cola foi bailarina dos primeiros musicais da Metro e nos anos 30, aquela que se tornaria a "estrela duradoura", já era sucesso graças à sua beleza altiva e ao seu caráter forte e prepotente

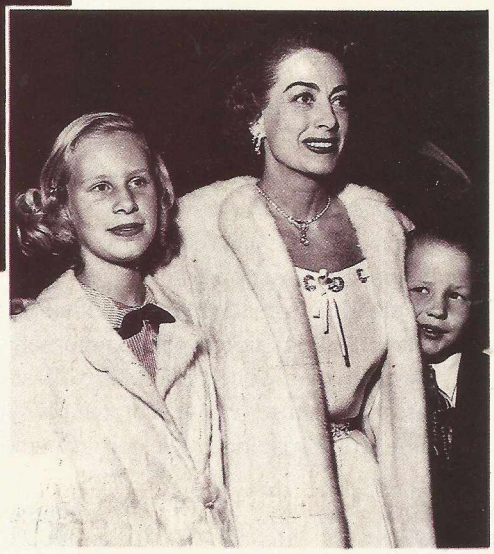
No rosto, ela trazia traços evidentes de sua personalidade. A disciplina era marcada pela rigidez das sobrancelhas: dois arcos espessos e perfeitos; e a boca, com auxílio do batom escuro, desenhava uma austeridade inabalável. Joan Crawford conseguia transformar arrogância e glamour em talento (ou vice-versa) e elaborava seus personagens à sua imagem e semelhança. O andar firme e os ombros largos acentuavam o caráter autoritário. A moda das ombreiras — inspirada nos uniformes militares —, dizem, foi criada exclusivamente para ela.

A texana Lucille Fay Le Suer — chamada de Billy Cassin pelo padrasto — nasceu em 23 de março de 1904 e foi para o cinema como bailarina de filmes mudos "descoberta" pela Metro durante uma rápida passagem pelos palcos de boates de Chicago, Kansas City e Nova York, em plena Lei Seca. Só adquiriu a aura de "mulher de ferro", prepotente e dominadora, a partir de *O Pecado da Carne* (*Rain*, 1932), e, apesar de ter sido parceira dos maiores astros da época, foi num filme de elenco feminino, *As Mulheres* (*The Women*, 1939), que alcançou implacável notoriedade.

Nessa época, dividia a tela (e a cama, segundo consta) com Clark Gable. Fez oito filmes em nove anos com o galã. Homens, no entanto, eram seu maior problema. Nos casamentos, *ela* cumpria quase sempre o papel "masculino" e, talvez por isso, Douglas Fairbanks Jr., Franchot Tone e Philip Terry (todos atores) não conseguiram permanecer a seu lado por muito tempo. Foi mais temida do que amada e afirmava que só amou realmente seu último marido, Alfred Steele, empresário com quem se casou em 1955 e de quem herdou o império da Pepsi-Cola, alcançando o cargo de presidente da empresa. *Almas em Suplício* (*Mildred Pierce*, 1945) já havia profetizado seu futuro de bem-sucedida mulher de negócios. No filme, que lhe deu o único Oscar, aos 40 anos de idade, ela é uma mulher simples que se torna proprietária de um restaurante após seu divórcio e

Columbia

MGM



Sipa-Press

À esquerda, em Os Amores Secretos de Eva *(1955). Acima,* A Mulher que Perdeu a Alma *(1930). À direita, a madrasta com Christina e Christopher*

enriquece subitamente graças ao próprio esforço.

DUELO DE TITÃS — Em *Johnny Guitar*, 1954, considerado um clássico do *western*, ela interpretava Viena, a dona de um *saloon* que mata, em duelo, a própria amiga e rival. Era a maior estrela do elenco e exigia que seu nome estivesse sempre no *top*. Era acostumada a todo tipo de duelos. Até mesmo em *Grande Hotel*, ainda em 1930, com a divina Greta Garbo encabeçando o *cast*, ela não se permitiu passar despercebida. Foi o segundo nome a aparecer na tela.

A vida particular de Joan foi ainda mais tempestuosa, e, até mesmo depois de morta (faleceu em casa, deliberadamente sozinha, a 10 de maio de 1977, vítima de problemas cardíacos, embora os amigos suspeitassem de um câncer no pâncreas nunca tratado), deixou muitos traumas e nenhuma herança para Christina e Christopher, dois de seus quatro filhos adotivos. Christina, no entanto, conseguiu fortuna ao lançar, em 1978, o livro *Mommie Dearest*, que vendeu, naquele ano, mais de quatro milhões de exemplares. Levado às telas em 1981, *Mamãezinha Querida* trazia Faye Dunaway despudoradamente "travestida" de Joan Crawford. Livro e filme afirmam que Joan era uma megera, um monstro em forma de mãe. Tinha obsessão mórbida por limpeza e disciplina. Seu despotismo neurótico permitia que espancasse a filha com cabides de arame e amarrasse o filho à cama para não fugir de casa. Obrigava, além disso, as crianças a chamá-la de "a mamãezinha mais querida".

Em 1969, trabalhou com um jovem e promissor cineasta, conhecido por Steven Spielberg, no filme *Galeria do Terror (Night Gallery)*, em que protagonizava, num dos três episódios, uma milionária cega e excêntrica que compra os *dois* olhos de um coitado falido para poder enxergar por apenas algumas horas. Seu último desempenho importante para o cinema, no entanto, aconteceu sete anos antes e colocou-a no mais terrível duelo. *O que Aconteceu a Baby Jane?* (*What Ever Happened to Baby Jane?*, 1962) não lhe deu o papel-título, mas seu nome aparecia antes do de Bette Davis, que havia sido rainha absoluta da Warner. Bette, graças ao seu desempenho exagerado e caricato de irmã maléfica, conseguiu uma indicação para o Oscar. A interpretação de Joan — Blade Hudson, a irmã-rival fragilizada pela cadeira de rodas — era mais sutil e realista. Conseguiu respeito e unanimidade de crítica a seu favor. Seu título de "estrela duradoura" fez jus aos seus 50 anos de carreira e aos 87 filmes de que participou. O trabalho, inegavelmente, era sua maior obsessão. *Dilson Gomes*

MGM

Na foto maior, ostenta os ombros (1946). Mais à esquerda, exibe o batom e o cigarro. Abaixo, em Uma Mulher Original *(1940)*

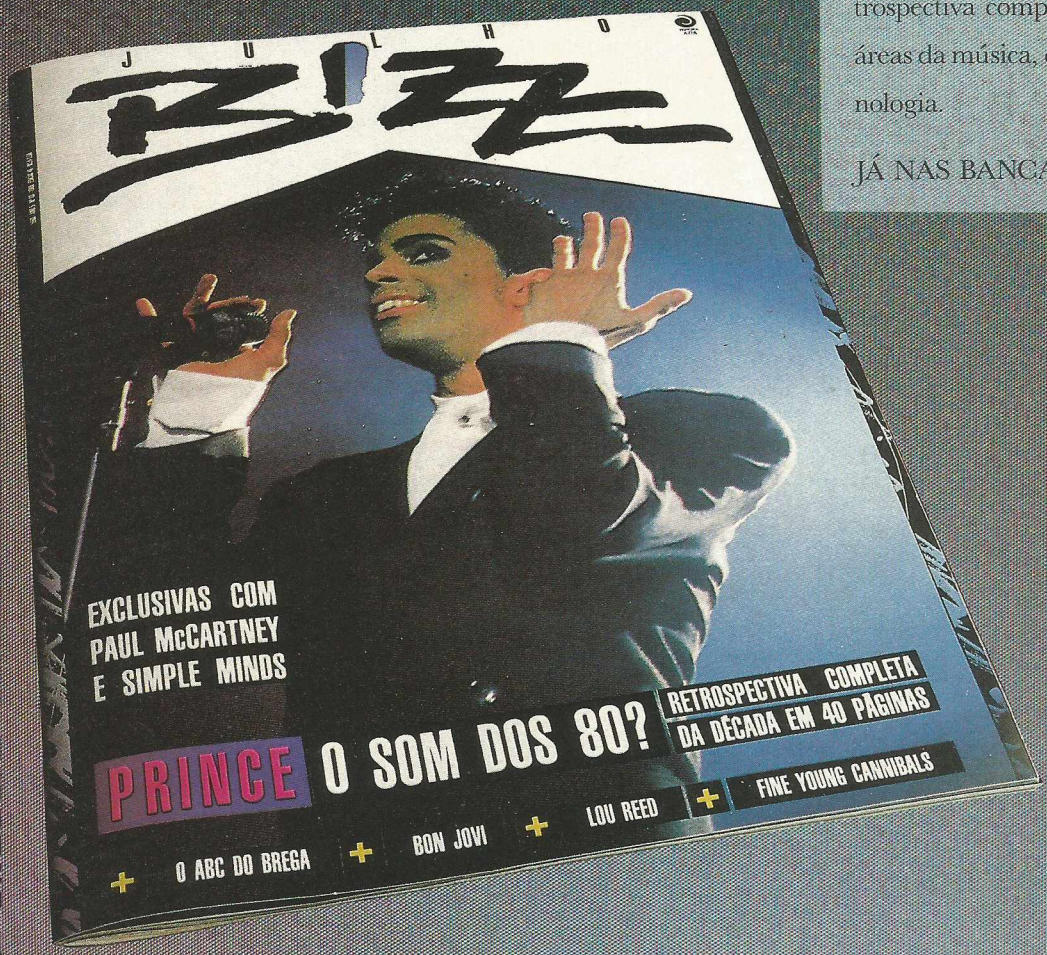
DESPERTE PARA OS ANOS 90.

BIZZ avançou no tempo e no espaço. Derrubou fronteiras. Virou cidadã do mundo. E para entrar na nova década, ela vem com novo visual, novas seções, novas idéias. A partir de agora o rock não tem mais limites. Nem censura. Nem frescura. Fique com BIZZ. E desperte para o som dos anos 90.

EDIÇÃO DUPLA

Junto com a edição de julho você vai levar o suplemento especial OS ANOS 80, com uma retrospectiva completa de tudo o que rolou nas áreas da música, do cinema, estilo de vida e tecnologia.

JÁ NAS BANCAS



BIZZ

FOLHA AZUL

O HOMEM E SEU SONHO, O FILME E SEU SOM

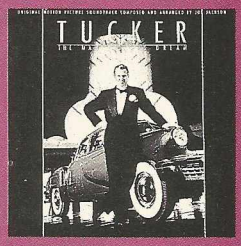
O jazz das décadas de 30 e 40 e o rock dos anos 60 são os destaques do mês

◆ Escolha mais acertada impossível foi a de Francis Ford Coppola ao encomendar a trilha de seu *Tucker — The Man and His Dream* (A&M/PolyGram) ao compositor, multiinstrumentista — essencialmente tecladista — e vocalista inglês Joe Jackson. Assim, o diretor talvez tenha conseguido uma ambientação musical mais adequada à sua visão da época que retratou em seu filme do que se tivesse optado por deixar a trilha a cargo de algum dos jazzistas remanescentes daqueles áureos tempos. Isto porque Joe apareceu na cena musical na primeira leva do pós-punk e seus primeiros três álbuns — *Look Sharp!, I'm the Man* (ambos de 1979, o segundo lançado no Brasil) e *Beat Crazy* (1980) — tornaram-se petiscos dos mais saborosos da então insurgente *new wave*. Mas, em seu LP seguinte — *Jumpin' Jive* (1981) — Joe, com um novo time de músicos mais para *big band* que para grupo de rock, explicitaria outras paixões apenas insinuadas em seus discos anteriores: o jazz das décadas de 30 e 40, desde o *swing* até o *bebop* e o *cool*. Este conceito perseveraria — acrescentado de pitadas de ritmos latinos — nos LPs *Night and Day* (1982) e *Body and Soul* (1984, ambos com edição nacional). Neste meio tempo, Joe faria sua primeira incursão pela música cinematográfica compondo a trilha de *Mike's Murder*, do diretor Jim Brides — posteriormente faria a parte musical de *Shijin No Le*, um obscuro curta-metragem japonês. Em 1987, Joe gravaria o álbum instrumental *Will Power*, um prenúncio de que se sentia absolutamente à vontade para desenvolver temas musicais climáticos, o que se confirmaria plenamente na trilha de *Tucker*. Indicado para o Grammy em sua categoria, o disco revelou um Joe Jackson tremendamente fiel ao espírito sonoro da época no seu coquetel jazzístico, que não se furtou a enveredar pelas baladas românticas ("Vera","Marilee")e um blues só de metais ("Lone Bank Loan Blues"), a arriscar vocais em estilos diversos — o rhythm'n'blues "(He's a) Shape in a Drape", o ragtime "Tiger Rag" e o jazz tradicional de "Rhythm Delivery" — e até a flertar com a modernidade no clima minimal de "Factory" e na tensão criada por sintetizadores e percussão em "Hangin' on Howard Hughes' Hangar". Em suma, uma trilha com vida própria.

◆ Nestes tempos em que as bandas sonoras de *rock revival* abundam, deve merecer especial atenção a de *1969* (Polydor/PolyGram), do diretor Ernest Thompson. Aparentemente fruto de uma seleção criteriosa (compilada por John Boylan), esta trilha traz momentos marcantes do final dos anos 60 com nomes de peso como The Jimi Hendrix Experience, Cream, Blind Faith, The Animals, Crosby, Stills & Nash, Creedence Clearwater Revival, Canned Heat entre outros, além de uma versão de "Windows of the World" de Burt Bacharach e Hal David, executada pelos Pretenders.

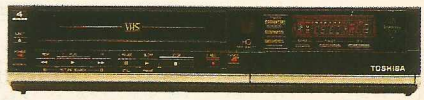
◆ Já a gravadora independente carioca SBK Songs (R. da Glória, 290, 7.° andar, CEP 20.241) traz um novo pacote do selo americano Varèse Sarabande, especializado em trilhas sonoras. Constam deste a competente música de Bill Conti para *Atraiçoados (Betrayed)* de Costa-Gavras, além das trilhas de *A Hora do Pesadelo 4 (A Nightmare on Elm Street 4 — The Dream Master)*, de Craig Safan, *Cocoon — O Regresso (Cocoon — The Return)*, de James Horner e a coletânea *Screen Themes*, com a Royal Philharmonic Orchestra de Londres executando temas principais de filmes recentes.

Celso Pucci



4
CABEÇAS FUNCIONAM MELHOR QUE
2

TOSHIBA 4 CABEÇAS



SEMP TOSHIBA
SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA NACIONAL E GARANTIA TOTAL DE 1 ANO.
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
TOSHIBA

DIÁRIO DE BORDO.

EDIÇÃO ESPECIAL Já nas Bancas

Saiu o ANUÁRIO MAR 89/90.

Nele você encontra informações completas sobre tudo que você precisa no seu dia-a-dia com o mar.

Barcos, lojas náuticas, equipamentos de mergulho, motores, velerias, material de bordo, estaleiros...

É um guia abrangente que reúne todas estas informações de uma maneira prática para você fazer a sua consulta com facilidade.

O ANUÁRIO MAR 89/90 traz também plantas e especificações técnicas de mais de 150 lanchas e veleiros produzidos no Brasil.

E, ainda, artigos que tratam de assuntos importantes do meio náutico.

Você não pode deixar de ter esta edição a bordo.

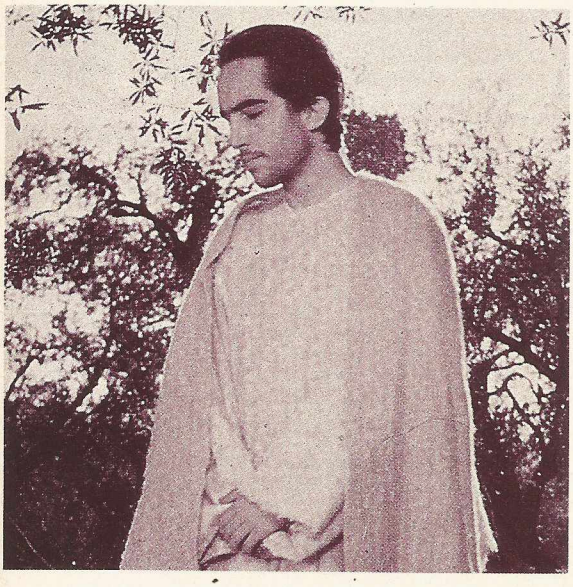
Com o ANUÁRIO MAR 89/90, a sua tripulação está completa e você pode viajar tranqüilo.

CHRIS COLOMBO

por Orlando Fassoni

O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS

(Il Vangelo Secondo Matteo, 1964)



Enrique Irazequi, o Cristo andrajoso e marginal

Relendo um dia desses os guias de vídeo à disposição, constatei que, a não ser *Pocilga*, de 1969, o diretor italiano Pier Paolo Pasolini está completamente esquecido nas prateleiras das locadoras. Certamente não será nenhum tipo de preconceito contra o homossexual que ele era, condição que acabou por levá-lo à morte em 1975. Também não será nenhuma espécie de rancor moralista contra uma filmografia severamente fincada na crítica aos hipócritas burgueses, bem desenhados em *Teorema*. Por que não outros Pasolini para o curtidor de vídeo obrigado, por concessão aos filhos, a suportar nos fins de semana mais uma sexta-feira treze?

Sugiro, a quem estiver interessado, trazer a todos que gostam de Pasolini o notável *O Evangelho Segundo São Mateus*. A tempo ainda de permitir que as pessoas possam até mesmo fazer comparações com o recente — e também polêmico — *A Última Tentação de Cristo*. A sugestão se justifica, no meu caso, porque vi a vida de Cristo segundo Pasolini ao menos oito vezes, e desde a primeira fiquei fascinado. Confesso que há no filme alguma coisa misteriosa que ainda não decifrei. Há nesse Cristo em preto-e-branco um enigma que tento descobrir para compreender melhor as razões pelas quais logo um marxista teve de pegar o texto de Mateus para construir a melhor versão da vida e das atribulações desse Cristo tenso e inflamado que percorre a áspera paisagem da Calábria, sem que ao cineasta Pasolini fosse preciso engomá-lo e torná-lo estático tal qual as várias versões que Hollywood nos deu.

Provocador, o filme de Pasolini sempre foi. Nasceu com essa intenção. Me lembro que certa ocasião consegui uma cópia, que mostrei a um grupo de jovens de uma comunidade ligada à Igreja, em Promissão, no interior de São Paulo. Foi preciso, primeiro, explicar quem era Pier Paolo Pasolini, então nos seus 42 anos, já autor de *Accattone* e *Mamma Roma*. Foi preciso desenrolar um pequeno discurso de introdução a esse personagem controvertido, capaz de assinar manifestos contra as estruturas do teatro pequeno burguês e ao mesmo tempo criar poemas em que exaltava as forças policiais nas ações contra os movimentos estudantis. Se alguém compreendeu, não sei. O que sei é que, terminado *O Evangelho Segundo São Mateus*, poucos se atreveram a definir o que tinham visto na pequena tela de 16 milímetros. Alguém sussurrou algo tipo "um filme católico feito por um comunista", outro atacou de "um Cristo sem doçura". Acabei vindo embora, deixando a cópia para que a rapaziada pudesse fazer uma releitura da obra e, talvez, encontrar um caminho para compreender esse Cristo acusador, profeta da solidariedade humana colocado numa obra cinematográfica quase documental, pobre e rude, não sem razão dedicada à doce e suave memória do então Papa João 23.

Uma comparação com *A Última Tentação de Cristo* seria perfeitamente válida e rica. Martin Scorsese caiu nos delírios e nas liberdades poéticas. Pasolini evitou o sermão filmado e construiu, no mínimo, uma experiência estética criativa, na qual se desprezou todos os efeitos de brilho técnico para que ficasse reforçada a noção de mudança e transformação que Pasolini já encontrou pronta no Evangelho: se é verdade que o Cristo bíblico não confundia bondade com subserviência, também é verdade que Pasolini leva seu Cristo a entrar em conflito com o brutal cinismo da vida moderna, com as manifestações de ódio, com o conformismo cinzento. O cinema descobriu via Pasolini esse personagem incansável, doutrinador, sempre acusando e defendendo, a quem Pasolini confiou uma postura bem típica dele mesmo, um obcecado pelos problemas nascidos de um certo tipo de marginalidade social. Não sem razão, os apóstolos quase andrajosos que vagueiam na paisagem árida da Itália meridional lembram os retirantes, os desempregados das grandes cidades, o subproletariado moderno.

Como não vejo *O Evangelho Segundo São Mateus* há alguns anos, é possível que tenha sofrido o desgaste do tempo. Mas certamente a sua leitura permanece intacta, forte, poética, contundente, acusadora. Além do mais, quem a não ser Pasolini enfrentou o risco de contar uma história na qual ele mesmo não acreditava? SET

Orlando L. Fassoni é jornalista e crítico de cinema da Rádio Jovem Pan.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editor: Carlos Volpato
Editor Executivo: Dilson P. Gomes
Editor Assistente: Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Angelo de C. Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Adilson Nunes (Paris) e Celso Fioravante (Milão)
Colaboradores
Texto: Antonio Querino Neto, Bia Abramo, Carlos Guilherme Dias, Celso Pucci, Cesar Garcia Lima, Christina Bierrenbach, Daniel Benevides, Flávia Cesarino Costa, Gisela Halim, Isabella Rocha e Silva, Jeferson de Souza, José Geraldo Couto, Karien Nielsen, Lucio Ribeiro, Marcos Ramos, Márcia Regina de Godoy, Orlando Fassoni, Paulo Capuzzo, Raul Reis, Roberto Catanni, Tania Marques, Tom Taborda, Tato Coutinho.
Arte: Antônio Magno de Souza, Izaú Norbertino, Marco Irici
Revisão e Preparação de Textos: Thais H. S. Juarez
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP - Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Gilberto Newton da Silva Oliveira, Iracema Marques Gil, Renata Doglíotti
RJ - Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Marcia Frauches, Eduardo Barros
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-6591 Porto Alegre — RS
Centro Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fone: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Serviços Editorials
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972 **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 48,00, à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificadas no período. Circulação desta revista: de 30 de junho a 31 de julho de 1989. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

FILMOGRAFIAS

JOAN CRAWFORD

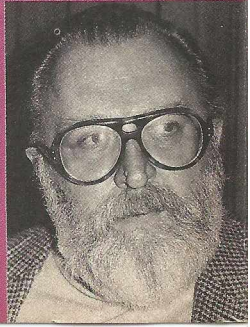
Nascida Lucille Fay Le Sueur a 23 de março de 1904, em Santo Antonio, Texas, Estados Unidos. Morreu em 10 de maio de 1977.

RKO

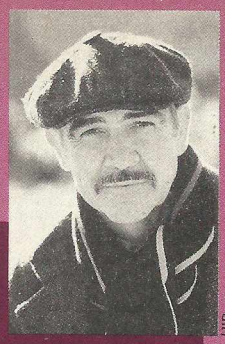
1925: MISS MGM: LADY OF THE NIGHT (de Monta Bell); PROUD FLESH (de King Vidor); PRETTY LADIES (de Monta Bell); MERRY WIDOW (de Eric von Stroheim); THE CIRCLE (de Frank Borzage); THE ONLY THING (de Jack Conway); OLD CLOTHES (de Edward Cline); SALLY, IRENE AND MARY (de Edmund Goulding) ■ 1926: THE BOOB (de William A. Wellman); PARIS (de Edmund Goulding); TRAMP, TRAMP, TRAMP (de Harry Edwards) ■ 1927: WINNEERS OF THE WILDNERNESS (de W. S. Van Dyke); THE TAXI DANCER (de Harry Millarde); WEST POINT (de Edward Sedgweck); THE UNDERSTANDING HEART (de Jack Conway); O MONSTRO DO CIRCO (*The Unknown*, de Tod Browning); TWELVE MILES OUT (de Jack Conway); SPRING FEVER (de Edward Sedgweck) ■ 1928: THE LAW OF THE RANGE (de William Nigh); ROSE MARIE (de Lucien Hubbard); ACROSS TO SINGAPORE (de William Nigh); DREAM OF LOVE (de Fred Niblo); FOUR WALLS (de William Nigh); OUR DANCING DAUGHTERS (de Harry Beaumont) ■ 1929: THE DUKE STEPS OUT (de James Cruze); OUR MODERN MAIDENS (de Jack Conway); UNTAMED (de Jack Conway); HOLLYWOOD REVUE OF 1929 (de Charles F. Reisner) ■ 1930: MONTANA MOON (de Malcolm St. Clair); OUR BLUSHING BRIDES (de Harry Beaumont); A MULHER QUE PERDEU A ALMA (*Paid*, de Sam Wood) ■ 1931: DANCE FOOLS, DANCE (de Harry Beaumont); LAUGHING SINNERS (de Harry Beaumont); POSSUÍDA (*Possessed*, de Clarence Brown); THIS MODERN AGE (de Nicholas Grinde) ■ 1932: GRANDE HOTEL (*Grand Hotel*, de Edmund Goulding); REDIMIDA (*Letty Lynton*, de Clarence Brown); PECADO DA CARNE (*Rain*, de Lewis Milestone) ■ 1933: VIVAMOS HOJE (*Today We Live*, de Howard Hawks); AMOR DE DANÇARINA (*Dancing Lady*, de Robert Z. Leonard) ■ 1934: TRÊS AMORES (*Sadie McKee*, de Clarence Brown); QUANDO O DIABO ATACA (*Forsaking All Others*, de W. S. Van Dyke); ACORRENTADA (*Chained, Clarence Brown*) ■ 1935: NO MORE LADIES (de Edward H. Griffith e George Cukor); SÓ ASSIM QUERO VIVER (*I Live my Life*, de W. S. Van Dyke) ■ 1936: MULHER SUBLIME (*The Gorgeous Hussy*, de Clarence Brown); DO AMOR NINGUÉM FOGE (*Love on the Run*, de W. S. Van Dyke) ■ 1937: A ÚLTIMA CONQUISTA (*The Last of Mrs. Cheyney*, de Richard Boleslawski); FELICIDADE DE MENTIRA (*The Bride Wore Red*, de Dorothy Arzner) ■ 1938: MANEQUIM (*Mannequin*, de Frank Borzage); A MULHER PROIBIDA (*The Shining Hour*, de Frank Borzage) ■ 1939: THE ICE FOLLIES OF 1939 (de Reinhold Schunzel); AS MULHERES (*The Women*, de George Cukor) ■ 1940: ALMAS REBELDES (*Strange Cargo*, de Frank Borzage); UMA MULHER ORIGINAL (*Susan and God*, de George Cukor) ■ 1941: DE MULHER PARA MULHER (*When Ladies Meet*, de Robert Z. Leonard); UM ROSTO DE MULHER (*A Woman's Face*, de George Cukor) ■ 1942: ELES BEIJARAM A NOIVA (*They All Kissed the Bride*, de Alexander Hall); UMA AVENTURA EM PARIS (*Reunion in France*, de Jules Dassin) ■ 1943: OS INSUSPEITOS (*Above Suspicion*, de Richard Thorpe) ■ 1944: UM SONHO EM HOLLYWOOD (*Hollywood Canteen*, de Delmer Daves) ■ 1945: ALMAS EM SUPLÍCIO (*Mildred Pierce*, de Michael Curtiz) ■ 1946: ACORDES DO CORAÇÃO (*Humoresque*, de Jean Negulesco) ■ 1947: FOGUEIRA DE PAIXÃO (*Possessed*, de Curtis Bernhardt); ÊXTASE DE AMOR (*Daisy Kenyon*, de Otto Preminger) ■ 1949: CAMINHO DA REDENÇÃO (*Flamingo Road*, de Michael Curtis; MADEMOISELLE FIFI (*It's a Great Feeling*, de David Butler) ■ 1950: OS DESGRAÇADOS NÃO CHORAM (*The Damned Don't Cry, de Vincent Sherman); A DOMINADORA (Harriet Craig*, de Vincent Sherman) ■ 1951: ADEUS, MEU AMOR (*Goodbye my Fancy*, de Vincent Sherman) ■ 1952: TRAGÉDIA DO MEU DESTINO (*This Woman is Dangerous*, de Felix Feisti); PRINCÍPIOS D'ALMA (*Suden Fear*, de David Miller) ■ 1953: SE EU SOUBESSE AMAR (*Torch Song*, de Charles Walters) ■ 1954: JOHNNY GUITAR (de Nicholas Ray) ■ 1955: FRENESI DE PAIXÕES (*Female on the Beach*, de Joseph Peuney); OS AMORES SECRETOS DE EVA (*Queen Bee*, de Ronald MacDougall) ■ 1956: FOLHAS MORTAS (*Autumn Leaves*, de Robert Aldrich) ■ 1957: A DONZELA DE OURO (*The Story of Esther Costello*, de David Miller) ■ 1959: SOB O SIGNO DO SEXO (*The Best of Everything*, de Jean Negulesco) ■ 1962: O QUE ACONTECEU COM BABY JANE? (*What Ever Happened to Baby Jane?, de Robert Aldrich) ■ 1963: ALMAS EM TREVAS (The Caretakers*, de Hall Bertlett) ■ 1964: ALMAS MORTAS (*Strait-Jacket*, de William Castle) ■ 1965: EU VI QUE FOI VOCÊ (*I Saw What You Did*, de William Castle) ■ 1965: BERSERK! (de Jim O'Connely) ■ 1969: GALERIA DO TERROR (*Night Gallery*, filme para TV de Steven Spielberg) ■ 1970: TROG, O MONSTRO DAS CAVERNAS (*Trog*, filme para TV de Freddie Francis).

SERGIO LEONE

Nascido a 3 de março de 1929, em Roma, Itália. Morreu em 30 de abril de 1989.



1958: NEL SEGNO DI ROMA (roteiro) ■ 1959: OS ÚLTIMOS DIAS DE POMPÉIA (*Gli Ultimi di Pompei*) ■ 1961: O COLOSSO DE RODES (*Il Colosso di Rodi*); SODOMA E GOMORRA (*Sodom and Gomorrah*, co-direção com Robert Aldrich) ■ 1964: POR UM PUNHADO DE DÓLARES (*Per um Pugno di Dollari*) ■ 1965: POR ALGUNS DÓLARES A MAIS (*Per Qualche Dollaro in Più*) ■ 1966: TRÊS HOMENS EM CONFLITO (*Il Buono, il Brutto, il Cattivo*) ■ 1968: ERA UMA VEZ NO OESTE* (*C'era una Volta il West*) ■ 1972: QUANDO EXPLODE A VINGANÇA (*Giù la Testa*) ■ 1973: MEU NOME É NINGUÉM (*My Name is Nobody*, apenas história) ■ 1975: UM GENIO DUE COMPARI E UN POLLO ■ 1978: IL GATTO (produção) ■ 1984: ERA UMA VEZ NA AMÉRICA (*Once Upon a Time in America*)



UIP

SEAN CONNERY

Nascido a 25 de agosto de 1930, em Edimburgo, Escócia.

1954: LILACS IN THE SPRING ■ 1956: NO ROAD BACK (de Montgomery Tully) ■ 1957: TIME LOCK (de Gerald Thomas); NA ROTA DO INFERNO (*Hell Drivers*, de Cy Endfield); A BRUTAL AVENTURA (*Action of the Tiger*, de Terence Young) ■ 1958: A LENDA DOS ANÕES MÁGICOS (*Darby O'Gill and the Little People*, de Robert Stevenson); VÍTIMA DE UMA PAIXÃO (*Another Time, Another Place*, de Lewis Allen); A NIGHT TO REMEMBER (de Roy Baker) ■ 1959: A MAIOR AVENTURA DE TARZAN (*Tarzan's Greatest Adventure*, de John Guillermin) ■ 1961: THE FRIGHTENED CITY (de John Lemont); ON THE FIDDLE (de Cyril Frankel) ■ 1962: O MAIS LONGO DOS DIAS (*The Longest Day*, de Ken Annakin, Andrew Marton e Bernhard Wicki); O SATÂNICO DR. NO* (*Dr. No*, de Terence Young) ■ 1963: MOSCOU CONTRA 007 (*From Russia With Love*, de Terence Young) ■ 1964: A MULHER DE PALHA (*Woman of Straw*, de Basil Dearden); 007 CONTRA GOLDFINGER* (*Goldfinger*, de Guy Hamilton); MARNIE - CONFISSÕES DE UMA LADRA (*Marnie*, de Alfred Hitchcok) ■ 1965: A COLINA DOS HOMENS PERDIDOS (*The Hill*, de Sidney Lumet); 007 CONTRA A CHANTAGEM ATÔMICA* (*Thunderball*, de Terence Young) ■ 1966: SUBLIME LOUCURA (*A Fine Madness*, de Irvin Kershner) ■ 1967: COM 007 SÓ SE VIVE DUAS VEZES* (*You Only Live Twice*, de Lewis Gilbert); THE CASTLES OF SCOTLAND (apenas narração) ■ 1968: SHALAKO* (de Edward Dmytryk) ■ 1969: VERTE-EI NO INFERNO (*The Molly McGuires*, de Martin Ritt); THE RED TENT (de Mickhail K. Kalatoza); THE BOWLER AND THE BONNET ■ 1971: O GOLPE DE JOHN ANDERSON (*The Anderson Tapes*, de Sidney Lumet); 007 - OS DIAMANTES SÃO ETERNOS* (*Diamonds Are Forever*, de Guy Hamilton) ■ 1972: ATÉ OS DEUSES ERRAM (*The Offence*, de Sidney Lumet) ■ 1973: ZARDOZ (de John Boorman) ■ 1974: ASSASSINATO NO EXPRESSO ORIENTE* (*Murder on the Orient Express*, de Sidney Lumet); DECISÃO AMARGA* (*Ransom*, de Caspar Wrede); THE VOCATION (apenas narração) ■ 1975: O VENTO E O LEÃO (*The Wind and the Lion*, de John Millius); O HOMEM QUE QUERIA SER REI (*The Man Who Would Be King*, de John Huston) ■ 1976: ROBIN E MARIAN (*Robin Hood and Marian*, de Richard Lester); O PRÓXIMO HOMEM* (*The Next Man*, de Richard C. Sarafean) ■ 1977: UMA PONTE LONGE DEMAIS (*A Bridge too Far*, de Richard Attenborough) ■ 1978: O PRIMEIRO ASSALTO DO TREM (*The First Great Train Robbery*, de Michael Crichton) ■ 1979: METEORO (*Meteor*, de Ronald Neame); CUBA (de Richard Lester) ■ 1981: BANDIDOS DO TEMPO (*Time Bandits*, de Terry Gilliam); OUTLAND - COMANDO TITÂNICO (*Outland*, de Peter Hyams) ■ 1982: O HOMEM COM A LENTE MORTAL (*The Man With the Deadly Lens* ou *Wrong Is Right*, de Richard Brooks); CINCO DIAS NUM VERÃO (*Five Days One Summer*, de Fred Zinnemann); BURNING (de Tony Maylam, apenas narração) ■ 1983: NUNCA MAIS OUTRA VEZ (*Never Say Never Again*, de Irvin Kershner); A ESPADA VINGADORA* (*Sword of the Valiant*, de Stephen Weeks) ■ 1985: HIGHLANDER - O GUERREIRO IMORTAL* (*Highlander*, de Christopher Mulcahy) ■ 1986: O NOME DA ROSA* (*The Name of the Rose*, de Jean-Jacques Annaud) ■ 1987: OS INTOCÁVEIS* (*The Untouchables*, de Brian De Palma); MAIS FORTE QUE O ÓDIO (*The Presidio*, de Peter Hyams) ■ 1988: INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA (*Indiana Jones and the Last Cruzade*, de Steven Spielberg).

PIER PAOLO PASOLINI

Nascido a 5 de março de 1922, em Bolonha, Itália. Morreu em 2 de novembro de 1975.

Studio Uno

Roteirista - 1954: A MULHER DO RIO (*La Donna del Fiume*), de Mario Soldati) ■ 1955: IL PRIGIONIERO DELLA MONTAGNA ■ 1956: NOITES DE CABÍRIA (*Le Notti di Cabriria*, de Federico Fellini) ■ 1957: MARISA LA CIVETTA ■ 1958: GIOVANNI MARITI ■ 1959: A LONGA NOITE DE LOUCURAS (*La Notte Brava*, de Mauro Bolognini) ■ 1960: LA CANTA DELLE MARANE; A MORTE DE UM AMIGO (*Morte di un Amico*, de Franco Rossi); O BELO ANTONIO (*Il Bell' Antonio*, de Mauro Bolognini); UM DIA DE ENLOUQUECER (*La Giornata Balorda*, de Mauro Bolognini); A NOITE DO MASSACRE (*L Lunga Notte del'43*, de Florentano Vancini); IL CARRO ARMATO DELL' 8 SETTEMBRE ■ 1961: LA RAGAZZA IN VETRINA ■ 1962: LA COMMARE SECCA ■ 1969: OSTIA ■ STORIE SCELLERATE Diretor - 1961: DESAJUSTE SOCIAL (*Accattone*) ■ 1962: MAMMA ROMA ■ 1963: RELAÇÕES HUMANAS (*Rogopag*, episódio "La Ricotta"); LA RABBIA (documentário, parte 1) ■ 1964: COMIZI D'AMORE; SOPRALLUOGHI IN PALESTINA; O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS (*Il Vangelo Secondo Matteo*) ■ 1966: GAVIÕES E PASSARINHOS (*Uccellacci e Uccellini*); AS BRUXAS (*Le Streghe*, episódio "La Terra Vista de la Luna") ■ 1967: CAPPRICCIO ALL'ITALIANA (episódio "Che Cosa Sono le Nuvole"); ÉDIPO REI (*Edipo Re*) ■ 1968: TEOREMA; AMORE E RABBIA (episódio "La Sequenza del Fiore di Carta") ■ 1969: APPUNTI PER UN FILM INDIANO; APPUNTI PER UNA ORESTIADE AFRICANA; POCILGA (*Il Porcite*); MEDÉIA, A FEITICEIRA DO AMOR (*Medea*) ■ 1971: DECAMERON (*Il Decamerone*) ■ 1972: 12 DICIEMBRE (co-direção); OS CONTOS DE CANTERBURY (*I Racconti di Canterbury*) ■ 1974: AS MIL E UMA NOITES DE PASOLINI (*Il Fiore delle Mille e Una Note*) ■ 1975: SALÓ, OS 120 DIAS DE SODOMA E GOMORRA (Saló o le 120 Giornate di Sodome).

*** Disponível em vídeo**

CARTAS

CHARLES CHAPLIN

Portando um fanatismo febril pelo cinema, recheio-me de informações que não ficam a desejar nesta revista. A prova disso é destacada no texto de Amir Labaki, que montou uma retrospectiva detalhada do controvertido e insubstituível Carlitos, em SET ano 3 n.º 3.

Charles Pierre de Souza Siqueira
(Belo Horizonte - MG)

Adorei a reportagem sobre a vida e carreira de Charles Chaplin.

Nestor Donizete Milani
(Santa Gertrudes - SP)

BRASIL

Gostaria de pedir mais espaço para o cinema brasileiro nas reportagens, entrevistas, fichas de filmes e filmografias.

Fernando Cidrão
(Fortaleza - CE)

RAIN MAN

Parabéns à jornalista Ana Maria Bahiana pela ótima reportagem sobre *Rain Man* e a Donald Ranvaud pela entrevista com Dustin Hoffman, publicadas em SET ano 3 n.º 3.

Fúlvio Torres Flores
(São Paulo - SP)

Parabéns pela matéria de capa com *Rain Man* de SET ano 3 n.º 3. Gostei especialmente da entrevista com Dustin Hoffman.

Lisiane Grüdtner
(Poá - RS)

CORTINA DE FUMAÇA

Receba meus cumprimentos pela certeira resenha assinada por Deborah Peleias, na SET n.º 4, ano 3, sobre o livro *Os Filmes de Akira Kurosawa* (Editora Brasiliense). Aproveito para agradecer o comentário simpático reservado a meu texto sobre o filme *Ran* e à reconstituição da "barbeiragem editorial" que o suprimiu daquele volume. Há, contudo, uma pequena retificação a fazer. Meu ensaio foi excluído do livro à última hora, sem que tenha sido enviado para o exame de Donald Richie. A versão oficial da editora, de que o texto "não obteve permissão do autor para ser incluído na edição brasileira", é apenas uma cortina de fumaça que tenta ocultar a própria imprevidência. Em tempo: o nome correto da responsável pela bela tradução do livro de Richie é Tônia e não Tânia Van Acker.

Amir Labaki
(São Paulo)

CORREIO ENTRE OS LEITORES

Compro os cartazes dos filmes *Caça-Fantasmas, RoboCop, Rambo 1, De Volta para o Futuro* e *Exterminador do Futuro*. Endereço: av. Deputado Renato Azeredo, 213, Três Corações, MG, CEP 37410.

Cassiano Pereira Branquinho

POLICIAL E SUSPENSE ERRATA

Na seleção de vídeo, o crédito da fita *Desejo de Matar* (pág. 42) é RCA-Columbia. O filme *Charada* (pág. 50) não será mais lançado pela distribuidora.

Cartas para: Editor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

Era um olhar na América

Sergio Leone
(13/03/1929 — 30/04/1989)

International Pictures

A palavra italiana "tramonto", que designa a seqüência, significa "crepúsculo"

O HORROR EM DÔBRO!

DUPLAMENTE ASSUSTADOR!

ASSISTA...
SE VOCÊ
TIVER CORAGEM!!!

EVIL DEAD 2

esta é...

UMA NOITE ALUCINANTE

MORTOS AO AMANHECER

Estrelando **BRUCE CAMPBELL**

com *SARAH BERRY • DAN HICKS • KASSIE WESLEY • RICHARD DOMEIER*

R&M 831 2323

Um lançamento

TEC HOME VÍDEO

TEC HOME VIDEO

Rua Groenlândia, 406 - Jardim Europa
Telefones: (011) 885-9738 / 887-5112 / 887-9730
CEP 01434 - São Paulo - SP

PROGRAME-SE COM A WARNER.

Confira em sua locadora.
A Warner tem sempre novidades para você.

WARNER HOME VIDEO

SORIANI MARTINEZ